SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO
***CAMPUS* ALTA FLORESTA**

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Presencial

PPC aprovado pela Resolução CONSUP nº 125, de 13 de setembro de 2016.
Curso autorizado *ad referendum* pela Resolução CONSUP nº 94, de 23 de novembro de 2015, ratificada pela Resolução CONSUP nº 124, de 13 de setembro de 2016.

Alta Floresta-MT
2015

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO

REITOR
José Bispo Barbosa

PRÓ-REITOR DE ENSINO
Ghilson Ramalho Correa

PRÓ-REITORA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL
Gláucia Mara de Barros

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO
Levi Pires de Andrade

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E INOVAÇÃO
Antônio Carlos Vilanova

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO E PLANEJAMENTO
Tulio Marcel Rufino de Vasconcelos Figueiredo

DIRETORA DE GRADUAÇÃO
Marilane Alves Costa

DIRETORA DE ENSINO MÉDIO
Cacilda Guarim

DIRETOR GERAL DO *CAMPUS*
Julio Cesar dos Santos

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE ENSINO
Marcos Luiz Peixoto Costa

COORDENADOR DO CURSO
Prof. Dr. Alexander Stein de Luca

COMISSÃO DE ELABORAÇÃO
(Portaria IFMT/ALF nº 12, de 26 de março de 2015 e
Portaria IFMT/ALF nº 46, de 04 de novembro de 2015)
Simone Hemkemeier Lourini (Presidente)
Alexander Stein de Luca
Anderson de Souza Azevedo
Litchane Apoena Santana Masasi
Marcelo Luiz da Silva

SUMÁRIO

1 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO 7
2 APRESENTAÇÃO 8
3 PERFIL INSTITUCIONAL 9
4 CARACTERIZAÇÃO DO *CAMPUS* 11
4.1 Identificação do *Campus* 11
4.2 História do *Campus* 12
4.3 Perfil do *Campus* 14
4.4 Princípios do *Campus* 14
5 JUSTIFICATIVA 15
6 OBJETIVOS 19
6.1 Objetivo Geral 19
6.2 Objetivos Específicos 19
7 DIRETRIZES 19
7.1 Articulações com o Plano Nacional de Educação (PNE) 21
8 REQUISITOS DE ACESSO AO CURSO 22
9 PÚBLICO ALVO 23
10 INSCRIÇÃO 24
11 MATRÍCULA 24
12 TRANSFERÊNCIA 25
12.1 Transferência Interna 25
12.2 Transferência Externa 26
12.3 Transferência *ex-officio* 27
13 PERFIL PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DO CURSO 28
14 PERÍODO ESTIMADO PARA SOLICITAÇÃO DE RECONHECIMENTO DO CURSO 31
15 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR 31
15.1 Projetos e ações especiais e de Educação Inclusiva 36
15.1.1 Pessoas com Necessidades Especiais (PNEE) 36
15.1.2 Questões Étnicas e Raciais 37
15.1.3 Questões de Gênero 37
15.1.4 Educação Ambiental 38
15.1.5 Educação em Direitos Humanos 39
15.2 Pré-requisitos dos componentes curriculares 40
16 MATRIZ CURRICULAR 41
16.1 Ementas e Bibliografias dos Componentes Curriculares 44
16.2 Fluxograma do itinerário formativo 126

17 ESTÁGIO SUPERVISIONADO 127
17.1 Estágio Supervisionado Obrigatório 127
17.2 Estágio Não-Obrigatório 128
17.3 Outras considerações sobre o estágio 128
18 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 128
19 ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO 129
20 ATIVIDADES COMPLEMENTARES 131
21 METODOLOGIA E PREMISSAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS 132
21.1 Integração Metodológica Interdisciplinar e Articulação entre os Conteúdos Curriculares 135
21.2 Atividades Desenvolvidas pelo Corpo Discente 137
22 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM 139
22.1 Avaliação Discente 142
22.1.1 Cálculo de Média e Resultado 143
22.1.2 Exame Final 144
22.2 Avaliação Docente 145
23 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO CURSO 145
23.1 Avaliação do Projeto do Curso no Âmbito do SINAES 145
23.2 Avaliação do Projeto do Curso no Âmbito do Núcleo Docente Estruturante 146
24 PLANO DE MELHORIAS DO CURSO 147
24.1 Cronograma de implantação das melhorias do curso 147
25 ATENDIMENTO AO DISCENTE 149
26 APROVEITAMENTO DE ESTUDOS 149
27 POLÍTICAS DE CONTROLE DE EVASÃO 151
27.1 Melhoria da Qualidade de Ensino 151
27.2 Melhoria do Desempenho e da Formação do Aluno 152
27.3 Melhoria do Desempenho do Professor 152
27.4 Orientação Acadêmica dos Alunos 152
27.5 Trabalho de Orientação/Conscientização para participação no ENADE 152
28 CERTIFICADOS E DIPLOMAS 153
29 CORPO DOCENTE 153
30 INSTALAÇÕES FÍSICAS E EQUIPAMENTOS 154
30.1 Instalações Físicas 154
31 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE 154
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 156
ANEXOS 162

Anexo I – Regulamento do Estágio Supervisionado 164
Anexo II – Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso 172
Anexo III – Regulamento das Atividades Complementares 180
Anexo IV – Regimento do Colegiado de Curso 188
Anexo V – Regimento do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Zootecnia 194

1 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

DENOMINAÇÃO DO CURSO:			
Bacharelado em Zootecnia			
MODALIDADE:		**NÍVEL:**	
Presencial		Superior	
TÍTULO ACADÊMICO CONFERIDO:			
Bacharel em Zootecnia			
Carga Horária Total	**Carga Horária Estágio**	**Carga Horária TCC**	**Carga Horária Atividades Complementares**
4.028 h	360 h	100 h	100 h
TEMPO DE INTEGRALIZAÇÃO:			
Mínimo 5 (cinco) anos e máximo sugerido 8 (oito) anos			
REGIME DE MATRÍCULA:		**PERIODICIDADE DE SELEÇÃO:**	
Semestral		Anual	
NÚMERO DE VAGAS:		**TURNO DE FUNCIONAMENTO:**	
35 vagas anuais		Integral	
FORMA DE INGRESSO:			
Processo Seletivo			
ENDEREÇO DO *CAMPUS*:			
Rua A, 198, Setor A, Alta Floresta, Mato Grosso, CEP: 78580-000			

2 APRESENTAÇÃO

Este documento é o Projeto Pedagógico do Curso Superior de Bacharelado em Zootecnia, elaborado de acordo com a Resolução CONSUP/IFMT nº 24, de 6 de julho de 2011, que aprovou a normativa para elaboração dos projetos pedagógicos dos cursos superiores oferecidos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), e consoante a Resolução CNE/CES nº 4, de 2 de fevereiro de 2006, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Zootecnia.

Segundo esta Resolução, o Projeto Pedagógico, além da clara concepção do curso de graduação em Zootecnia, com suas peculiaridades, seu currículo pleno e sua operacionalização, abrangerá, sem prejuízo de outros, os seguintes aspectos:

I- objetivos gerais do curso, contextualizados em relação às suas inserções institucional, política, geográfica e social;

II- condições objetivas de oferta e a vocação do curso;

III- formas de realização da interdisciplinaridade;

IV- modos de integração entre teoria e prática;

V- formas de avaliação do ensino e da aprendizagem;

VI- modos da integração entre graduação e pós-graduação, quando houver;

VII- incentivo à pesquisa, como necessário prolongamento da atividade de ensino e como instrumento para a iniciação científica;

VIII- regulamentação das atividades relacionadas com trabalho de curso de acordo com as normas da instituição de ensino, sob diferentes modalidades;

IX- concepção e composição das atividades de estágio curricular supervisionado contendo suas diferentes formas e condições de realização, observado o respectivo regulamento;

X- concepção e composição das atividades complementares.

O projeto do Curso de Zootecnia tem como objetivo geral formar profissionais cidadãos, científica e tecnicamente capacitados para solucionar problemas nas áreas de sua competência: estimular a produção animal e de alimentos, aderir à biotecnologia, proteger o ambiente e se inserir no contexto social como indivíduos moderadores e transformadores.

Seguindo as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Zootecnia, a organização curricular definiu um perfil que contempla além dos aspectos técnicos os de responsabilidade social e de ética, visando formar um profissional que dê conta das demandas do mundo do trabalho e da sociedade mais amplamente.

Alfim, salienta-se ainda, a importância da participação da comunidade do Curso que tem um papel fundamental no desenvolvimento do Projeto, comprometendo-se com o alcance dos objetivos e propondo alternativas para os problemas no seu desenvolvimento.

3 PERFIL INSTITUCIONAL

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) constitui-se em uma autarquia instituída pelo Governo Federal através da Lei n° 11.892/2008, oriunda dos antigos CEFET Cuiabá, CEFET Mato Grosso e Escola Agrotécnica de Cáceres. Atualmente possui 14 *campi* em funcionamento: Alta Floresta, Barra do Garças, Cáceres, Campo Novo do Parecis, Confresa, Cuiabá-Octayde Jorge da Silva, Cuiabá-Bela Vista, Alta Floresta, Pontes e Lacerda, Primavera do Leste, São Vicente, Sorriso, Rondonópolis e Várzea Grande.

Existem ainda os núcleos avançados, localizados nos municípios de Jaciara, Campo Verde, Sapezal, Jauru, Paranaíta e os *campi* avançados: Tangará da Serra, Diamantino, Lucas do Rio Verde e Sinop.

Atendendo à legislação e a uma demanda social e econômica, o IFMT tem focado sua atuação na promoção do desenvolvimento local, regional e nacional, conforme estabelecido no inciso I, do artigo 6º, da Lei de criação dos IFs (Lei 11.892/2008):

> I. ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional;

Desde a sua criação, a Instituição iniciou um processo de expansão que atualmente oferta ensino, pesquisa e extensão a aproximadamente 17.800 alunos em todas as regiões do estado de Mato Grosso, com previsão de que em 2018 tenha cerca de 22 mil alunos nos cursos presencias, segundo o plano de oferta de cursos e vagas contido no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI 2014-2018).

Através da UAB (Universidade Aberta do Brasil), o IFMT está presente em 15 outros municípios do Estado, ofertando ensino a distância para cerca de 900 graduandos em cursos superiores e cerca de 6.694 alunos do programa Profuncionário.

O IFMT oferta também cursos de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, além de programas sociais do Governo Federal voltados para a formação profissional e elevação da escolaridade de pessoas, inclusive em situação de vulnerabilidade social.

Diante da estrutura *multicampi* do IFMT, alguns apresentam especificidades quanto à sua estrutura e oferta de cursos, como por exemplo, os *campi* localizados em São Vicente, Confresa, Campo Novo do Parecis, Alta Floresta e Cáceres, que possuem vocação agropecuária, possuindo estruturas de escolas-fazenda e, dentre outras características, mantém alojamento (residenciais estudantis), restaurante e estrutura necessária para receber alunos internos em suas sedes. Os demais *campi* possuem estrutura voltada para a área de prestação de serviços, indústria e comércio.

O IFMT é a principal instituição de educação profissional e tecnológica do estado de Mato Grosso, ofertando ensino em todos os níveis de formação, além de promover a pesquisa e a extensão, estimulando docentes e estudantes através de programas que ofertam bolsas para desenvolvimento dos projetos. Nos últimos anos os investimentos cresceram exponencialmente nessas áreas, sendo direcionados a bolsas-auxílio, a pesquisadores e extensionistas. Os programas financiam desenvolvimento das pesquisas e projetos de extensão, conforme estabelecido também na Lei nº 11.892/2008:

> Art. 6º - Os Institutos Federais têm por finalidades e características:
> (...)
> VI. qualificar-se como centro de referência no apoio à oferta do ensino de ciências nas instituições públicas de ensino, oferecendo capacitação técnica e atualização pedagógica aos docentes das redes públicas de ensino;
> VII. desenvolver programas de extensão e de divulgação científica e tecnológica;
> VIII. realizar e estimular a pesquisa aplicada, a produção cultural, o empreendedorismo, o cooperativismo e o desenvolvimento científico e tecnológico;
> IX. promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente as voltadas à preservação do meio ambiente.

A promoção da inclusão social e da acessibilidade também se apresentam como metas fundamentais do IFMT, estando inclusive definidas como tais no

estatuto da Instituição, publicado no Diário Oficial da União, de 4 de setembro de 2009:

> Art. 4º. O IFMT, em sua atuação, observa os seguintes princípios norteadores:
> I. compromisso com a justiça social, equidade, cidadania, ética, preservação do meio ambiente, transparência, publicidade e gestão democrática;
> II. verticalização do ensino e sua integração com a pesquisa e a extensão;
> III. eficácia nas respostas de formação profissional, difusão do conhecimento científico e tecnológico e suporte aos arranjos produtivos educacionais, locais, sociais e culturais;
> IV. inclusão de pessoas com deficiências e com necessidades educacionais especiais; e
> V. natureza pública e gratuita do ensino regular, sob a responsabilidade da União.

O IFMT desenvolve função estratégica no processo de desenvolvimento socioeconômico do estado, na medida em que a qualificação profissional, o incentivo à pesquisa, os projetos de extensão e as demais ações da instituição estão diretamente relacionados ao aumento da produtividade, inovação nas formas de produção e gestão, melhoria da renda dos trabalhadores e na qualidade de vida da população em geral. Nesse sentido, a missão da instituição está voltada para "educar para a vida e para o trabalho", sempre focada no compromisso com a inclusão social, tendo como visão "ser reconhecida, até 2019, como uma instituição de excelência na oferta de educação profissional e tecnológica" e como valores a Ética (fundamental para as relações saudáveis), a Transparência (um direito constitucional), a Profissionalização (na busca contínua pela qualidade), a Inovação (utilizando das experiências para focar-se no futuro), o Empreendedorismo (necessário para manter o propósito), a Sustentabilidade (respeitando a sociedade e o planeta), a Humanidade (a dignidade da pessoa humana acima de tudo), o Respeito à diversidade (reconhecemos as diferenças para alcançar a igualdade), a Inclusão (diversidade e diferenças tratadas com equidade) e a Democracia participativa (por um fazer coletivo).

4 CARACTERIZAÇÃO DO *CAMPUS*

4.1 Identificação do *Campus*

Denominação do *Campus*:	*Campus* Alta Floresta
Data da criação:	21/01/2015
Portaria de criação:	Portaria MEC nº 27
Data da publicação no DOU:	22/01/2015

Endereço:	Rua A, 198 - Setor A 78580-000 - Alta Floresta - Mato Grosso
Contato:	Tel.: 66 3512 7000 E-mail: gabinete@alf.ifmt.edu.br
Site:	http://alf.ifmt.edu.br

4.2 História do *Campus*

Localizada no extremo Norte do estado de Mato Grosso (Figura 1), Alta Floresta possui uma população aproximada de 49.877 habitantes residentes (Resolução IBGE nº 2/2014), mas conta com uma população circulante por volta de 70.000 habitantes. A sede do município fica a 830 quilômetros da capital Cuiabá.

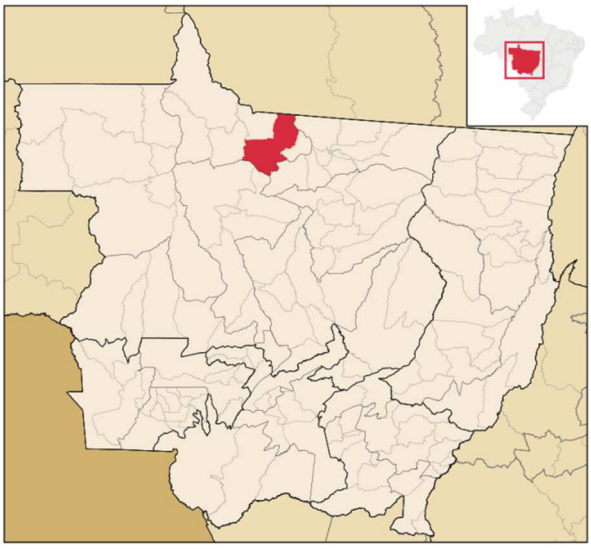


Figura 1 – Localização do município de Alta Floresta. Fonte: ABREU, 2015.

Foi criada a partir de um projeto de colonização particular, através da Colonizadora INDECO. Cresceu rapidamente, transformando-se em distrito de Aripuanã pela Lei nº 3.921, de 19 de setembro de 1977 e, em 18 de dezembro de 1979, teve sua emancipação político-administrativa pela Lei Estadual nº 4.157.

Alta Floresta é considerada polo geoeducacional e econômico, situada numa região denominada território Portal da Amazônia, na área de influência da Rodovia BR-163, compreendendo mais 15 municípios: Apiacás, Carlinda, Colíder, Guarantã do Norte, Marcelândia, Matupá, Nova Bandeirantes, Nova Canaã do Norte, Nova Guarita, Nova Monte Verde, Nova Santa Helena, Novo Mundo, Paranaíta, Peixoto de Azevedo e Terra Nova do Norte. Em conjunto estes municípios possuem um total aproximado de 264 mil habitantes.

Com pouco mais de três décadas, em sua trajetória econômica, Alta Floresta, nas décadas de 70 e 80, teve intensa atividade seringueira e extrativismo do ouro, juntamente com o extrativismo vegetal madeireiro, que ocorria na Amazônia até 2002.

Atualmente, a comunidade, através de seus segmentos organizados, as instituições públicas e outras lideranças, buscam alternativas para a consolidação econômica do município, retomando-se a agricultura, a pecuária e o desenvolvimento do turismo - o que vem alavancando a economia da cidade e tornando-a novamente um dos destaques do estado de Mato Grosso. Hoje, com a instalação de uma grande usina hidrelétrica na cidade vizinha (Paranaíta), muitos dos cerca de milhares de trabalhadores e suas famílias mudaram-se para Alta Floresta, o que fez com que muitos outros, atraídos pela boa fase que a cidade já vinha apresentando antes mesmo da instalação de tal obra, também migrassem para a região aumentando consideravelmente o número de moradores.

A implantação do *Campus* Alta Floresta é resultante do Plano de Expansão, fase III, da Rede Federal de Educação Tecnológica, articulada pelo MEC e Reitoria do IFMT, no ano de 2010.

Em fevereiro de 2013, foi efetuada a doação de uma área de 60.000 m^2, situada à Rodovia MT 208, Lote 143/A, Gleba Alta Floresta, onde será construída a sede do *campus*, nesse período a prefeitura através de uma parceria com o Instituto, locou um prédio na Rua A, nº 198, setor A, providenciando a infraestrutura necessária para que as atividades fossem iniciadas.

Entre os meses de setembro e outubro de 2013, houve a abertura do edital para licitar a construção do *campus* e a abertura do edital do concurso para técnicos administrativos para preenchimento de vagas em diversos *campi*, inclusive para Alta Floresta.

Ainda em outubro de 2013, as atividades se concentraram em buscar ações relacionadas em traçar um perfil educacional, social e econômico do município, quando houve reuniões com os dirigentes das instituições de relevância municipal como: Secretaria Municipal de Educação, Secretaria Municipal de Agricultura, Secretaria Municipal de Administração, Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo, Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), Sindicato Rural, Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia (SECITEC); Universidade do Estado de Mato

Grosso (UNEMAT) - *Campus* Alta Floresta, Faculdade de Alta Floresta (FAF) e Faculdade de Direito de Alta Floresta (FADAF). Nestas reuniões procurou-se responder vários questionamentos, quanto a esclarecimentos sobre a rede federal, cursos previstos, infraestrutura, a construção do *campus*, dentre outras.

A documentação serviu como subsídio para um levantamento sobre a demanda de cursos que foram sugeridos pelas instituições envolvidas, sendo utilizada para análise, culminando num relatório de demanda de cursos.

4.3 Perfil do *Campus*

O IFMT, *Campus* Alta Floresta, caracteriza-se por um perfil misto entre agrícola e urbano. Como vocação agrícola deverá formar profissionais que atuem nas áreas de produção animal, vegetal e agroindustrial, enquanto na vocação urbana a formação profissional será na área de gestão. Também atuará na formação de professores, oferecendo cursos de licenciatura e pós-graduação.

4.4 Princípios do *Campus*

O IFMT, *Campus* Alta Floresta, no desenvolvimento de suas funções e atividades pretende ser uma instituição:

a) ética, consciente de sua responsabilidade social e compromissada com os valores de justiça, igualdade e fraternidade;
b) atuante no resgate da cidadania, na formação do cidadão como ser ético e político, consciente de suas responsabilidades, de seus direitos e deveres, apto a intervir no processo de desenvolvimento socioeconômico da comunidade em que atua, com uma visão integradora de sociedade e do mundo;
c) aglutinadora, aberta a todo o saber, crítica, criativa e competente, com vistas a contribuir para o desenvolvimento do Estado e da região em que está inserida;
d) comprometida com resultados, onde o seu desenvolvimento será o elevado desempenho acadêmico-científico de sua comunidade;

e) aberta a parcerias e alianças com outras instituições, objetivando desenvolver programas de integração com vistas à formação e ao aperfeiçoamento dos valores humanos destinados à atuação na prática profissional.

5 JUSTIFICATIVA

Os trabalhos para implantação e estruturação do *Campus* Alta Floresta culminaram com diversas ações, dentre elas o levantamento de demandas com relação aos cursos a serem ofertados.

No primeiro momento, várias reuniões foram realizadas com setores do comércio, indústria, sindicatos, onde na oportunidade seus representantes puderam expor seus anseios e expectativas com relação aos cursos que o *Campus* Alta Floresta iria ofertar.

No segundo momento foram aplicados questionários aos gestores das escolas municipais e estaduais com o objetivo de proporcionar aos profissionais da educação do município a oportunidade de opinar sobre quais cursos a categoria entendia como prioridade de oferta. Nem todas as escolas devolveram seus questionários, porém as que responderam deram sua contribuição no processo de tomada de decisões.

No terceiro momento o IFMT, *Campus* Alta Floresta, em parceria com a Prefeitura de Alta Floresta e Câmara de Vereadores, realizou no dia 23 de abril de 2014 uma audiência pública convocando toda comunidade do município. Neste evento coordenado pela equipe do IFMT, foi apresentado pelo professor Julio Cesar dos Santos, o plano de expansão da rede federal, o projeto de implantação do *Campus* Alta Floresta, a construção do prédio onde funcionará o IFMT, além dos eixos de cursos que compõe o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos e Tecnológicos. Na sequência foram abertas as inscrições visando à participação da sociedade no debate para escolha dos cursos que seriam ofertados pelo IFMT em Alta Floresta.

Baseado na participação da sociedade, por meio de um questionário, foram elencados os cursos com base nos eixos apresentados. O eixo “Gestão e Negócios” teve destaque, tendo os cursos de Administração e Gestão de Recursos Humanos

como um dos mais apontados. Os cursos de Gestão de Turismo e Técnico em Guia de Turismo, do eixo “Turismo, Hospitalidade e Lazer”, **Zootecnia** e Técnico em Agropecuária, do eixo “Recursos Naturais”, também tiveram uma grande demanda de escolha.

As rápidas transformações, a velocidade de implementação de inovações tecnológicas e os avanços científicos, que incidem sobre a sociedade, o mercado de trabalho e as condições de exercício profissional, impõem, uma tendência à necessidade de formar profissionais com base sólida, para oferecer melhores condições de capacitação frente aos desafios e transformações que ocorrem no campo da ciência e da tecnologia. Além disso, as questões de saúde no Brasil, apesar dos avanços nos últimos anos, ainda é foco de muitas discussões e estudos, principalmente na área de assistência.

O IFMT, *Campus* Alta Floresta, com as modificações ocorridas, principalmente, no setor da produção animal e agronegócio, vem observando que há carência de profissionais qualificados, que possam atender a esta nova tendência de mercado.

Em 2012, Alta Floresta continha 1.392 empresas atuantes no município (IBGE, 2014a). Atualmente esse número já se elevou, alavancado, principalmente, pelo crescimento da agricultura, com a implantação de lavouras que até então não eram cultivadas na região, mas que começam a aparecer aos poucos, como, por exemplo, a soja, que a partir de 2013 começa aparecer já com uma produção de 7.200 toneladas. Ainda na produção de grãos, tem-se também o arroz com 16.800 toneladas, feijão com 18 toneladas, milho com 4.362 toneladas, além da expressiva produção de frutas (IBGE, 2014b).

Além da produção agrícola, há também a pecuária, prioritariamente de bovinos de corte, com um rebanho de 828.350 cabeças em 2013. A aquicultura é outra cultura de destaque no município, tendo produzido em 2013, mais de 1.740.000 quilos. Têm-se ainda, em menor quantidade, a produção de leite, mel, ovos e frangos (IBGE, 2014c).

No extrativismo, Alta Floresta produziu 20.326 metros cúbicos de madeira em tora e 29.925 metros cúbicos de madeira para lenha. A extração de castanha-do-pará também é expressiva, com uma produção de 130 toneladas em 2013. (IBGE, 2014d).

Toda essa produção de matéria-prima atrai indústrias e estabelecimentos ligados ao setor do agronegócio. Hoje se tem instalados no município 1 frigorífico bovino de grande porte, 2 frigoríficos de pequeno porte para bovinos e pequenos animais, 2 laticínios, 2 beneficiadoras de arroz, 2 beneficiadoras de café, 1 beneficiadora de castanha do pará,1 fábrica de ração, 1 fábrica de condimentos.

Atualmente o município está passando por um processo de transição e consolidação de sua economia, existindo uma grande carência de mão de obra qualificada na área de agropecuária e agroindústria, principalmente nas atividades de agregação de valores aos produtos.

O profissional a ser formado pelo curso de Zootecnia deverá apresentar um perfil encorajador, criativo e empreendedor, norteado pela ética, e inter-relacionado com as ciências sociais, econômicas e ambientais, buscando sempre a sustentabilidade dos sistemas de produção.

Deverá, no âmbito profissional, usar a tríade: nutrição, genética e sanidade para transpor qualquer obstáculo e alcançar o sucesso da atividade de criação animal, qualquer que seja a espécie de interesse zootécnico. Utilizar-se-á dos recursos do melhoramento genético para maximizar o desempenho dos animais sem destruir o patrimônio genético da espécie, utilizar-se-á da nutrição para alcançar a maximização preconizada pela genética e por fim, utilizar-se-á do conhecimento em sanidade para suportar a qualidade do produto sem prejuízo econômico ao produtor.

Nas feiras, exposições agropecuárias e afins, onde há apresentação dos produtos oriundos do trabalho Zootécnico, supervisiona o processo de aceitação dos animais para as provas, sendo destas também juiz. Ficará também, encarregado dos padrões raciais estabelecidos, avaliando e concebendo parecer técnico nos registros genealógicos dos animais nas sociedades pertinentes. Ainda nessa mesma linha, participará da estrutura organizacional e administrativa desses eventos.

Em processos administrativos, de crédito, de seguro e judicial, exercerá a peritagem, fundamentando-se na capacidade técnica, e atuará sob os princípios da ética profissional. No planejamento da estrutura organizacional das empresas rurais, quando de sua implantação, participará da elaboração e da execução dos projetos agropecuários, inclusive os de construções rurais no que tange a produção animal.

Exercendo também o papel de administrador, extensionista e consultor, com responsabilidade técnica, contribuirá para o aprimoramento do sistema produtivo,

respeitando o desenvolvimento regional. Diretamente inserido no processo produtivo, atuará na implantação e no manejo das pastagens, aplicando tecnologias apropriadas à conservação e estocagem dos alimentos, determinando o manejo dos animais a ser adotado, condizente às possibilidades e pretensões da empresa rural.

Estabelecerá os sistemas de arraçoamento, de acordo com as exigências nutricionais das espécies sob seus cuidados, considerando os custos e melhorando o uso dos recursos naturais, com ênfase na sustentabilidade do ecossistema de produção.

O Zootecnista atuará na avaliação, classificação e tipificação de carcaças, representando um elo importante entre a produção animal e a tecnologia de alimentos. Aplicando normas corretas de abate objetivando alcançar a melhoria do produto final, além de se preocupar com os processos de conservação, embalagem e estocagem dos produtos a serem comercializados.

No exercício da pesquisa, o Zootecnista contribuirá na construção do conhecimento, fazendo desenvolver o senso crítico diante dos progressos científicos, consubstanciando a formação de opinião de futuros profissionais. No exercício da extensão se tornará um difusor de informações técnicas e um facilitador na implantação e adequação do linguajar acadêmico numa simplicidade de atuação no campo, levando ao pequeno produtor a subsistência e a sua sustentabilidade. Na atuação profissional, também planeja e exerce a gestão do agronegócio, participando das várias fases da atividade comercial. No uso de suas atribuições legais deverá apresentar postura ética diante da problemática sócio-econômico-ambiental, procurando minimizar problemas relacionados à implantação de novas tecnologias, criando laços com a preservação ambiental, exercício da cidadania.

A região norte do estado de Mato Grosso apresenta índices cada vez maiores de demanda por conhecimento e capacitação na área de Zootecnia. É neste contexto de acelerado dinamismo que o *Campus* Alta Floresta marca a sua presença regional, buscando uma formação sólida de profissionais com conhecimentos necessários para a consolidação do processo de desenvolvimento e de produção marcado pelo envolvimento da população e pela busca de qualidade de vida.

Além disso, tornará uma nova opção para toda população estudantil ativa que quiser capacitar-se no exercício de uma profissão de grande utilidade para a nossa

sociedade sob os aspectos de prestação de serviços de saúde, pesquisa e extensão universitária.

6 OBJETIVOS

6.1 Objetivo Geral

O Curso de Zootecnia tem como objetivo geral formar profissionais e cidadãos, científica e tecnicamente capacitados para solucionar problemas nas áreas de sua competência: estimular a produção animal e de alimentos, aderir à biotecnologia, proteger o ambiente e se inserir no contexto social como indivíduos moderadores e transformadores.

6.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos do curso compreendem:

a) viabilizar a aquisição de conhecimentos e habilidades no campo da Zootecnia, promovendo a participação discente em todos os aspectos da vida acadêmica;
b) buscar a integralização do conhecimento de maneira atualizada (atividades de ensino), no incentivo à produção do conhecimento (atividades de pesquisa) e na aplicação desse conhecimento junto à sociedade (atividades de extensão), com proteção ambiental;
c) favorecer a visão crítica do contexto sócio-político-econômico-cultural, colocando-o em contato e preparando-o para uma atuação em diferentes realidades.

7 DIRETRIZES

O Curso Superior de Bacharelado em Zootecnia atende ao disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Lei nº 9.394/1996, na Resolução CNE/CES nº 4, de 2 de fevereiro de 2006, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Zootecnia, bacharelado, e na Resolução

CNE/CES nº 2, de 18 de junho de 2007, que dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.

Fundamenta-se ainda nas seguintes normas:

a) Lei nº 9.503/1997, que trata da Educação para o Trânsito;
b) Lei nº 9.536/1997, que regulamenta o parágrafo único do art. 49 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996;
c) Lei nº 9.795/1999 e Resolução CNE/CP nº 2/2012, que trata da Educação Ambiental;
d) Lei nº 10.098/2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências;
e) Lei nº 10.436/2002 e o Decreto nº 5.626/2005, que dispõem sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS);
f) Lei nº 10.639/2003, Lei nº 11.645/2008 e Resolução CNE/CP nº 1/2004, que tratam das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana;
g) Lei nº 10.741/2003, que institui o Estatuto do Idoso;
h) Lei nº 10.861/2004, que institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES);
i) Lei nº 11.788/2008, que dispões sobre estágios;
j) Lei nº 11.892/2008, que cria os Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia;
k) Lei nº 12.764/2012, que Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista;
l) Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação;
m) Decreto nº 5.154/2004, que regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional;
n) Decreto nº 5.296/2004, que regulamenta as leis que trata da educação inclusiva;

o) Decreto nº 5.773/2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino;
p) Portaria Normativa MEC nº 40/2007, que institui o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações aos processos de regulação, avaliação e supervisão da educação superior no sistema federal de educação e o cadastro e-MEC de Instituições e Cursos Superiores e consolida disposições sobre indicadores de qualidade, banco de avaliadores (BASIS) e Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e outras disposições;
q) Resolução CNE/CP nº 1/2012, que trata da Educação em Direitos Humanos;
r) Resolução CONAES nº 1/2010, que normatiza o núcleo docente estruturante e dá outras providências;
s) Referenciais curriculares nacionais dos cursos de bacharelado e licenciatura;
t) Organização Didática do Instituto Federal de Mato Grosso, aprovada pela Resolução CONSUP nº 104, de 15 de dezembro de 2014.

Por meio das temáticas acima descritas, a Instituição busca promover uma formação discente voltada para o desenvolvimento de valores, atitudes de respeito e compromisso ético, seja com o próprio estudante, com os que estão a sua volta, ou com a natureza que os cerca.

7.1 Articulações com o Plano Nacional de Educação (PNE)

A aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE), através da Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, fez emergir a necessidade de que todos os envolvidos no sistema de ensino nacional assumam compromissos no esforço contínuo de eliminação de desigualdades que são históricas no País, orientados por metas para enfrentar as barreiras no acesso e permanência, as desigualdades educacionais em cada território com foco nas especificidades de sua população, a formação para o

trabalho, identificando as potencialidades das dinâmicas locais e o exercício da cidadania.

Além disso, a Educação, de forma geral, não pode prescindir de incorporar os princípios do respeito aos direitos humanos, à sustentabilidade socioambiental, à valorização da diversidade e da inclusão e à valorização dos profissionais que atuam na educação de milhares de pessoas todos os dias, princípios estes que são as diretrizes do PNE, previstos no art. 2º da Lei nº 13.005.

Na busca do alinhamento com os princípios e metas estabelecidos no PNE, principalmente no tocante às metas para a Educação Superior, onde são formados tanto os professores da educação básica quanto os demais profissionais que atuarão no município, contribuindo para a geração de renda e desenvolvimento socioeconômico local, o Curso Superior de Bacharelado em Zootecnia, oferecido pelo IFMT, *Campus* Alta Floresta, inicia a oferta de 35 (trinta) e cinco vagas anuais para o referido curso, possibilitando a formação de novos profissionais para o mercado da região.

Na valorização profissional, o IFMT incentiva a qualificação de seus docentes através de mestrados e doutorados interinstitucionais e ainda, por afastamentos remunerados para fins de capacitação, regidos pelo Regulamento para Afastamento de Servidores para Atividades de Capacitação (RASAC) do IFMT, aprovado pela Resolução CONSUP/IFMT nº 020/2015, sempre em busca de uma educação de qualidade.

8 REQUISITOS DE ACESSO AO CURSO

O ingresso nos cursos de Educação Superior do IFMT dar-se-á mediante processo seletivo, com formas e critérios estabelecidos, em edital específico, por meio da Pró-Reitoria de Ensino do IFMT. Conforme a Organização Didática do IFMT (2014) são formas de processo seletivo para o ingresso nos Cursos Superiores de Graduação do IFMT:

I- vestibular;

II- sistema de Seleção Unificada-SiSU, de responsabilidade do MEC;

III- processos simplificados para vagas remanescentes do primeiro período letivo do curso;

IV- reopção de curso (transferência interna);

V- transferência externa;

VI- portador de diploma de graduação; e

VII- convênio/intercâmbio.

As vagas a serem destinadas para ingresso por reopção de curso, transferência externa e portador de diploma de graduação, para ingresso a partir do segundo período letivo dos cursos, serão geradas por:

I- evasão;

II- transferência para outra instituição;

III- transferência de turno;

IV- reopção de curso ou transferência interna;

V- cancelamento de matrícula.

9 PÚBLICO ALVO

O Curso Superior de Bacharelado em Zootecnia será destinado aos estudantes que já concluíram o ensino médio e buscam formação profissional. As aulas serão ministradas em turno integral, nas instalações do IFMT, *Campus* Alta Floresta. Serão ofertadas 35 (trinta e cinco) vagas anuais, concentradas em 1 (uma) turma por ano. O tempo mínimo para integralização dos componentes curriculares será de 5 (cinco) anos, divididos em 10 (dez) semestres.

A desvinculação compulsória do aluno, o jubilamento, antes prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4.024/1961, na Lei 5.540/1968 e no Decreto-Lei nº 464/1969, art. 6º, com nova redação introduzida pela Lei nº 5.789/1972, foram revogadas pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996, vigente. Dessa maneira, deixa de prever o jubilamento e institui, ao contrário, uma política de igualdade, tolerância e empenho na recuperação de alunos de menor rendimento escolar. Em virtude disso, sugere-se que o tempo ideal para integralização seja entre 5 (cinco) a 8 (oito) anos.

10 INSCRIÇÃO

O candidato à vaga no Curso Superior de Bacharelado em Zootecnia deverá fazer sua inscrição no processo seletivo e observar os documentos exigidos no edital. O candidato também deve tomar conhecimento de todo o edital antes de realizar sua inscrição. Informações como data, horário e local serão fornecidas por edital próprio que é publicado pela Gerência de Política de Ingresso (GPI) da Reitoria.

11 MATRÍCULA

Matrícula é o ato formal pelo qual se dá a vinculação acadêmica do discente ao IFMT. A matrícula será efetivada pelo candidato ou por seu representante legal, no local, dia e horário a serem divulgados no edital do processo seletivo. A matrícula somente será realizada no curso e turno escolhidos no ato da inscrição do processo seletivo. O candidato que não comparecer para a realização da matrícula no período fixado para tal ou não apresentar a documentação exigida, perderá a vaga e será eliminado do processo seletivo.

Será obrigatório no ato da matrícula a apresentação de:

a) formulário de matrícula devidamente preenchido na Secretaria Geral de Registro Escolar do *Campus*, assinado pelo discente ou seu responsável legal, quando o discente for menor de idade;
b) carteira de identidade (cópia e original ou cópia autenticada);
c) certidão de nascimento ou casamento (cópia e original ou cópia autenticada);
d) CPF (cópia e original ou cópia autenticada);
e) documento militar, para os estudantes do sexo masculino e maiores de 18 anos (cópia e original ou cópia autenticada);
f) título de eleitor, se for maior de 18 anos (cópia e original ou cópia autenticada);
g) certidão de quitação eleitoral, se for eleitor (emitida no site do TSE – www.tse.jus.br, ou no cartório eleitoral);
h) comprovante de endereço (cópia e original ou cópia autenticada);

i) certificado de conclusão e histórico escolar do ensino médio (cópia e original ou cópia autenticada);
j) 02 fotos 3x4, iguais, recentes e coloridas;

12 TRANSFERÊNCIA

Na existência de vagas remanescentes, poderão ingressar por meio de transferências internas, externas ou *ex-officio*, observados a Organização Didática e o Regimento Geral do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, que orientam quanto aos procedimentos em casos de transferências de alunos, bem como, a análise curricular e aprovação da equipe pedagógica para aproveitamento de estudos no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso.

12.1 Transferência Interna

A transferência interna ou reopção de curso permite ao discente regularmente matriculado no IFMT, a mudança de seu curso de origem para outro curso de mesmo nível, obedecendo à seguinte ordem:

a) mesma modalidade e área afim;
b) mesma modalidade e outra área;
c) outra modalidade e área afim.

Para participar do processo seletivo, o candidato deverá:

a) estar regularmente matriculado em curso de graduação do IFMT;
b) ter sido aprovado em componentes curriculares que correspondam a, no mínimo, 60% (sessenta) por cento da carga horária do primeiro período do curso;
c) estar regular perante o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE).

O processo de seleção será definido em edital próprio.

A reopção entre os cursos da educação superior será permitida desde que o discente tenha concluído com êxito 60% (sessenta por cento) dos componentes curriculares do primeiro período do curso.

As datas para as solicitações de reopção de curso deverão ser efetuadas em período fixado no calendário acadêmico.

O ingresso por reopção de curso deve atender às seguintes condições:

a) disponibilidade de vagas no curso pretendido;
b) o candidato seja oriundo de curso que possibilite reopção, de acordo com os termos do edital.

O número de vagas disponíveis para reopção será computado por curso e por turno, de acordo com o quadro de vagas elaborado pela respectiva Coordenadoria de Curso/Área e publicado em edital pelos *Campi*.

É de competência do Colegiado de Curso analisar e emitir parecer sobre o aproveitamento de estudos e equivalência curricular, desenvolvidos no curso de origem.

Cada discente poderá solicitar apenas um pedido de reopção de curso durante todo o processo de integralização do curso.

12.2 Transferência Externa

A transferência externa deverá ocorrer por processo seletivo e será aberta a candidatos procedentes de cursos dos *Campi* do IFMT, e das instituições públicas ou privadas nacionais, credenciadas pelo MEC.

Para participar do processo seletivo, o candidato deverá:

a) ser oriundo de curso afim, autorizado e/ou reconhecido pelo MEC;
b) estar regularmente matriculado na Instituição de Ensino Superior de origem;
c) ter sido aprovado em componentes curriculares que correspondam a, no mínimo, 60% (sessenta por cento) da carga horária do primeiro período do curso.

É vedada a transferência externa para o primeiro período letivo.

Para inscrever-se no processo de seleção, o candidato deverá anexar ao pedido os seguintes documentos:

a) atestado de matrícula atualizado;

b) histórico escolar ou documento equivalente que ateste os componentes curriculares cursados e a respectiva carga horária, bem como o desempenho do discente;
c) conteúdo programático dos componentes curriculares em que obteve aprovação, com a devida descrição da carga horária e bibliografia utilizada.

Os critérios e a forma de seleção serão estabelecidos em edital próprio.

12.3 Transferência *ex-officio*

É a mudança de um servidor público federal civil ou militar de um município ou estado para outro, por determinação da instituição para atender aos interesses da administração pública.

A transferência *ex-officio* a que se refere o parágrafo único, do art. 49, da Lei nº 9.394/1996, será efetivada, entre instituições vinculadas a qualquer sistema de ensino, em qualquer época do ano e independente da existência de vaga, quando se tratar de servidor público federal civil ou militar discente, ou seu dependente discente, se requerida em razão de comprovada remoção ou transferência de ofício, que acarrete mudança de domicílio para o município onde se situe a instituição recebedora, ou para localidade mais próxima desta.

A transferência *ex-officio* dar-se-á na forma da Lei nº 9.536/1997.

O curso de origem deverá estar devidamente autorizado ou reconhecido pelo MEC.

O interessado à transferência *ex-officio* deverá vir de instituição pública e de curso idêntico ou equivalente ao curso do IFMT para o qual pleiteia transferência.

Ao requerer matrícula por transferência *ex-officio*, o candidato deverá apresentar na Secretaria de Registro Escolar os seguintes documentos:

a) formulário próprio expedido pela Secretaria de Registro Escolar, devidamente preenchido;
b) fotocópia da cédula de identidade, título de eleitor e CPF;
c) fotocópia de comprovante de residência anterior e atual;
d) fotocópia do ato que comprove a sua transferência ou a do familiar de que depende, caso em que anexará, também, documento demonstrativo dessa relação de dependência;

e) fotocópia do ato publicado no Diário Oficial da União ou Boletim de Serviço que instruiu o pedido;
f) histórico escolar ou documento equivalente que ateste os componentes curriculares cursados e a respectiva carga horária, bem como o desempenho do discente; e
g) conteúdo programático dos componentes curriculares em que obteve aprovação, nos quais se discrimine a carga horária e a bibliografia utilizada.

Todas as cópias documentais deverão ser autenticadas.

13 PERFIL PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DO CURSO

O Bacharel em Zootecnia formado no IFMT, *Campus* Alta Floresta, deverá atuar no campo da produção animal de forma técnica, prezando sempre pela ética e a moral. O profissional deverá também ser dotado de consciência crítica e científica, que o torne capaz de solucionar problemas relativos à sua área de atuação, bem como se adaptar aos novos paradigmas e mudanças da produção animal. O egresso deverá agir estimulando a produção animal de forma ambientalmente sustentável, socialmente e economicamente viável, prezando pelo bem-estar humano e animal e fazendo uso de avanços científicos e tecnológicos.

Essa aptidão dará suporte à inserção dos egressos no mercado de trabalho, não apenas como mais um profissional, mas sim, enquanto pessoa capaz de contribuir com o desenvolvimento do contexto onde está inserido. A formação acadêmica do curso dará condições para que os egressos exerçam suas profissões pautadas nas seguintes capacidades:

a) capacidade de fomentar, planejar, coordenar e administrar programas de melhoramento genético das diferentes espécies animais de interesse econômico e de preservação, visando a maior produtividade, equilíbrio ambiental e respeitando as biodiversidades no desenvolvimento de novas biotecnologias agropecuárias;
b) capacidade de atuar na área de nutrição e alimentação animal, utilizando conhecimentos sobre o funcionamento do organismo animal, visando ao aumento de sua produtividade e ao bem-estar animal, suprindo suas exigências, com equilíbrio fisiológico;

c) capacidade de responder pela formulação, fabricação e controle de qualidade das dietas e rações para animais, responsabilizando-se pela eficiência nutricional das fórmulas;

d) capacidade de planejar e executar projetos de construções rurais, de formação e/ou produção de pastos e forrageiras e de controle ambiental;

e) capacidade de pesquisar e propor formas mais adequadas de utilização dos animais silvestres e exóticos, adotando conhecimentos de biologia , fisiologia, etologia, bioclimatologia, nutrição, reprodução e genética, tendo em vista seu aproveitamento econômico ou sua preservação;

f) capacidade de administrar propriedades rurais, estabelecimentos industriais e comerciais ligados à produção, ao melhoramento e a tecnologias animais;

g) capacidade de avaliar e realizar peritagem em animais, identificando taras e vícios, com fins administrativos, de crédito, de seguro e judiciais bem como elaborar laudos técnicos e científicos no seu campo de atuação;

h) capacidade de planejar, pesquisar e supervisionar a criação de animais de companhia, de esporte ou lazer, buscando seu bem-estar, equilíbrio nutricional e controle genealógico;

i) capacidade de avaliar, classificar e tipificar produtos e subprodutos de origem animal, em todos os seus estágios de produção;

j) capacidade de responder técnica e administrativamente pela implantação e execução de rodeios, exposições, torneios e feiras agropecuárias;

k) capacidade de executar o julgamento, supervisionar e assessorar inscrição de animais em sociedades de registro genealógico, exposições, provas e avaliações funcionais e zootécnicas;

l) capacidade de realizar estudos de impacto ambiental, por ocasião da implantação de sistemas de produção de animais, adotando tecnologias adequadas ao controle, ao aproveitamento e à reciclagem dos resíduos e dejetos;

m) capacidade de desenvolver pesquisas que melhorem as técnicas de criação, transporte, manipulação e abate, visando ao bem-estar animal e ao desenvolvimento de produtos de origem animal, buscando qualidade, segurança alimentar e economia;

n) capacidade de atuar nas áreas de difusão, informação e comunicação especializada em Zootecnia, esportes agropecuários, lazer e terapias humanas com uso de animais;

o) capacidade de assessorar programas de controle sanitário, higiene, profilaxia e rastreabilidade animal, públicos e privados, visando à segurança alimentar humana;

p) capacidade de responder por programas oficiais e privados em instituições financeiras e de fomento à agropecuária, elaborando projetos, avaliando propostas e realizando perícias e consultas;

q) capacidade de planejar, gerenciar ou assistir diferentes sistemas de produção animal e estabelecimentos agroindustriais, inseridos desde o contexto de mercados regionais até grandes mercados internacionalizados, agregando valores e otimizando a utilização dos recursos potencialmente disponíveis e tecnologias sociais economicamente adaptáveis;

r) capacidade de atender às demandas da sociedade quanto à excelência na qualidade e segurança dos produtos de origem animal, promovendo o bem-estar, a qualidade de vida e a saúde pública;

s) capacidade de viabilizar sistemas alternativos de produção animal e comercialização de seus produtos ou subprodutos, que respondam aos anseios específicos de comunidades à margem da economia de escala;

t) capacidade pensar os sistemas produtivos de animais contextualizados pela gestão dos recursos humanos e ambientais;

u) capacidade de trabalhar em equipes multidisciplinares, possuir autonomia intelectual, liderança e espírito investigativo para compreender e solucionar conflitos, dentro dos limites éticos impostos pela sua capacidade e consciência profissional;

v) capacidade de desenvolver métodos de estudo, tecnologias, conhecimentos científicos, diagnósticos de sistemas produtivos de animais e outras ações para promover o desenvolvimento científico e tecnológico;

w) capacidade de promover a divulgação das atividades da Zootecnia, utilizando-se dos meios de comunicação disponíveis e da sua capacidade criativa em interação com outros profissionais;

x) capacidade de desenvolver, administrar e coordenar programas, projetos e atividades de ensino, pesquisa e extensão, bem como estar capacitado para atuar nos campos científicos que permitem a formação acadêmica do Zootecnista;

y) capacidade de atuar com visão empreendedora e perfil proativo, cumprindo o papel de agente empresarial, auxiliando e motivando a transformação social; e

z) capacidade de conhecer, interagir e influenciar as decisões de agentes e instituições na gestão de políticas setoriais ligadas ao seu campo de atuação.

14 PERÍODO ESTIMADO PARA SOLICITAÇÃO DE RECONHECIMENTO DO CURSO

Segundo o Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino, alterado pelo Decreto nº 8.142, de 21 de novembro de 2013, reconhecimento de curso é condição necessária, juntamente com o registro, para a validade nacional dos respectivos diplomas.

A instituição deverá protocolar pedido de reconhecimento de curso no período e na forma estabelecidos em ato do Ministro de Estado da Educação.

15 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

A Resolução CES/CNE nº 4, de 12 de fevereiro de 2006, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Zootecnia, determinou os campos de saber que devem ser contemplados na organização curricular do curso. Com base nos campos de saber determinados, a organização curricular do

Curso Superior de Bacharelado em Zootecnia, do IFMT, *Campus* Alta Floresta, foi constituída com os componentes curriculares constantes nos quadros abaixo.

I – **Morfologia e Fisiologia Animal**: incluem os conteúdos relativos aos aspectos anatômicos, celulares, histológicos, embriológicos e fisiológicos das diferentes espécies animais; a classificação e posição taxonômica, a etologia, a evolução, a ezoognósia e etnologia e a bioclimatologia animal.

CAMPO DE SABER	COMPONENTES CURRICULARES
Morfologia e Fisiologia Animal	Biologia Celular
	Introdução à Zootecnia
	Anatomia Animal
	Zoologia
	Histologia e Embriologia
	Fisiologia da Lactação e Equipamentos de Ordenha
	Ezoognósia
	Bioclimatologia, Ambiência e Instalações Zootécnicas

II – **Higiene e Profilaxia Animal**: incluem os conhecimentos relativos à microbiologia, farmacologia, imunologia e parasitologia dos animais necessários às medidas técnicas de prevenção de doenças e dos transtornos fisiológicos em todos os seus aspectos, bem como, a higiene dos animais, das instalações e dos equipamentos.

CAMPO DE SABER	COMPONENTES CURRICULARES
Higiene e Profilaxia Animal	Imunologia Básica
	Microbiologia Geral
	Parasitologia
	Farmacologia aplicada à Zootecnia
	Sanidade Animal
	Terapias Alternativas na Produção Zootécnica

III – **Ciências Exatas e Aplicadas**: compreende os conteúdos de matemática, em especial cálculo e álgebra linear, ciências da computação, física, estatística, desenho técnico e construções rurais.

CAMPO DE SABER	COMPONENTES CURRICULARES
Ciências Exatas e Aplicadas	Física Geral
	Informática Básica
	Matemática para Biociências
	Álgebra Linear
	Desenho Técnico
	Estatística Básica
	Estatística Experimental
	Bioclimatologia, Ambiência e Instalações Zootécnicas

IV – **Ciências Ambientais**: compreende os conteúdos relativos ao estudo do ambiente natural e produtivo, com ênfase nos aspectos ecológicos, bioclimatológicos e de gestão ambiental.

CAMPO DE SABER	COMPONENTES CURRICULARES
Ciências Ambientais	Ecologia
	Bioclimatologia, Ambiência e Instalações Zootécnicas
	Gestão Ambiental

V – **Ciências Agronômicas**: trata dos conteúdos que estudam a relação solo-planta-atmosfera, quanto à identificação, à fisiologia e à produção de plantas forrageiras e pastagens, adubação, conservação e manejo dos solos, bem como o uso dos defensivos agrícolas e outros agrotóxicos, a agrometeorologia e as máquinas, complementos e outros equipamentos e motores agrícolas.

CAMPO DE SABER	COMPONENTES CURRICULARES
Ciências Agronômicas	Anatomia e Sistemática Vegetal
	Solos I
	Topografia I
	Entomologia Agrícola
	Solos II
	Agrometeorologia
	Forragicultura e Pastagens
	Manejo de Pragas e Doenças
	Solos III
	Conservação do Solo e Água
	Sistemas Agrosilvopastoris
	Mecanização Agrícola

VI – **Ciências Econômicas e Sociais**: inclui os conteúdos que tratam das relações humanas, sociais, macro e microeconômicas e de mercado regional, nacional e internacional do complexo agroindustrial. Inclui ainda a viabilização do espaço rural, a gestão econômica e administrativa do mercado, promoção e divulgação do agronegócio, bem como aspectos da comunicação e extensão rural.

CAMPO DE SABER	COMPONENTES CURRICULARES
Ciências Econômicas e Sociais	Português Instrumental
	Economia e Administração Rural
	Sociologia
	Empreendedorismo
	Extensão Rural
	Associativismo

VII – **Genética, Melhoramento e Reprodução Animal**: compreende os conteúdos relativos ao conhecimento da fisiologia da reprodução e das biotécnicas

reprodutivas, dos fundamentos genéticos e das biotecnologias da engenharia genética e aos métodos estatísticos e matemáticos que instrumentalizam a seleção e o melhoramento genético de rebanhos.

CAMPO DE SABER	COMPONENTES CURRICULARES
Genética, Melhoramento e Reprodução Animal	Genética Básica
	Fisiologia e Métodos de Reprodução
	Melhoramento Genético Animal I
	Melhoramento Genético Animal II

VIII – **Nutrição e Alimentação**: trata dos aspectos químicos, analíticos, bioquímicos, bromatológicos e microbiológicos aplicados à nutrição e à alimentação animal e dos aspectos técnicos e práticos nutricionais e alimentares de formulação e fabricação de rações, dietas e outros produtos alimentares para animais, bem como do controle higiênico e sanitário e da qualidade da água e dos alimentos destinados aos animais.

CAMPO DE SABER	COMPONENTES CURRICULARES
Nutrição e Alimentação	Química Geral e Inorgânica
	Química Orgânica
	Química Analítica
	Bioquímica
	Bromatologia
	Fisiologia Digestiva e Alimentação de Carnívoros
	Fisiologia Digestiva e Alimentação de Monogástricos
	Fisiologia Digestiva e Alimentação de Ruminantes
	Alimentos e Alimentação
	Qualidade da Matéria-Prima na Produção de Alimentos

IX – **Produção Animal e Industrialização**: envolve os estudos interativos dos sistemas de produção animal, incluindo o planejamento, a economia, a administração e a gestão das técnicas de manejo e da criação de animais em todas as suas dimensões e das medidas técnico-científicas de promoção do conforto e bem-estar das diferentes espécies de animais domésticos, silvestres e exóticos com a finalidade de produção de alimentos, serviços, lazer, companhia, produtos úteis não comestíveis, subprodutos utilizáveis e de geração de renda. Incluem-se, igualmente, os conteúdos de planejamento e experimentação animal, tecnologia, avaliação e tipificação de carcaças, controle de qualidade, avaliação das características nutricionais e processamento dos alimentos e demais produtos e subprodutos de origem animal.

CAMPO DE SABER	COMPONENTES CURRICULARES
Produção Animal e Industrialização	Avicultura
	Ovinocultura e Caprinocultura
	Piscicultura
	Bovinocultura de Corte
	Bovinocultura de Leite
	Equideocultura
	Suinocultura
	Bem-Estar Animal
	Produção Alternativa de Monogástricos
	Apicultura
	Avaliação e Tipificação de Carcaça
	Produção Alternativa de Ruminantes
	Produção e Manejo de Espécies Silvestres

X – **Conteúdos de Formação Complementar**: pretende-se neste eixo temático que o aluno possa ter uma possibilidade de enriquecer o seu perfil, através de experiências diversificadas imprescindíveis ao seu futuro profissional, objetivando aproximá-lo das experiências acadêmicas compatíveis com as relações do mercado de trabalho. Os componentes curriculares que fazem parte deste eixo estão expostos no quadro a seguir.

CAMPO DE SABER	COMPONENTES CURRICULARES
Conteúdos de Formação Complementar	Inglês Instrumental
	Iniciação à Metodologia Científica
	Disciplina Optativa I
	Disciplina Optativa II
	Legislação Agrária e Ambiental
	Deontologia
	Trabalho de Conclusão de Curso
	Estágio Curricular Supervisionado
	Atividades Complementares

Os componentes curriculares estão organizados em períodos semestrais, com 100 (cem) dias cada, agrupados em 20 (vinte) semanas letivas. As aulas serão ministradas de segunda a sexta-feira, em turno integral, podendo, eventualmente, ocorrer aulas aos sábados. Cada aula terá a duração de 50 (cinquenta) minutos.

A proposta curricular preocupa-se ainda com a formação integral da pessoa humana, aquela que, antes de si, possa estar atenta ao bem estar do próximo e, consequentemente, do seu próprio. Dentro dessa visão, desenvolve então o conceito de acessibilidade, como sendo condição fundamental e imprescindível a todo e qualquer processo de inclusão social, e se apresenta em múltiplas dimensões, incluindo aquelas de natureza atitudinal, física, tecnológica,

informacional, comunicacional, linguística e pedagógica, dentre outras. É, ainda, uma questão de direito e de atitudes: como direito, tem sido conquistada gradualmente ao longo da história social; como atitude, no entanto, depende da necessária e gradual mudança de atitudes perante as pessoas com deficiência. Portanto, a promoção da acessibilidade requer a identificação e eliminação dos diversos tipos de barreiras que impedem os seres humanos de realizarem atividades e exercerem funções na sociedade em que vivem, em condições similares aos demais indivíduos.

Com base nesse conceito, este Projeto de Curso busca alcançar a acessibilidade e inclusão social supramencionada, através de ações e estratégias descritas a seguir.

15.1 Projetos e ações especiais e de Educação Inclusiva

15.1.1 Pessoas com Necessidades Especiais (PNEE)

As instalações físicas que estão sendo edificadas no *Campus* Alta Floresta obedecem às condições requeridas pela Lei n° 10.098, de 19 de dezembro de 2000, e estão em conformidade com a NBR 9050, de 11 de setembro de 2015, que trata da acessibilidade nas edificações, através da construção de banheiros próprios e do estabelecimento de rampas, sinalização e corrimões de acesso aos locais de estudo, trabalho e lazer.

O IFMT, *Campus* Alta Floresta contará ainda com o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), para atendimento aos alunos e seus familiares, egressos, servidores e comunidade em geral, que necessitem de um atendimento especializado, visando sua inclusão no âmbito cultural, educacional e profissional.

Em atendimento ao Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, o componente curricular Libras (Língua Brasileira de Sinais) foi acrescentado como um componente optativo na matriz curricular do curso.

15.1.2 Questões Étnicas e Raciais

O IFMT, *Campus* Alta Floresta, está localizado em uma região de grande diversidade cultural, e dessa forma, a Educação das Relações Étnico-Raciais e Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena dentro do Curso de Zootecnia será tratada de acordo com a Lei n° 11.645, de março de 2008 e Resolução CNE/CP N° 01, de 17 de junho de 2004, sendo que a valorização dessas culturas será a base para o trabalho da questão étnica e racial.

Os conteúdos relacionados à essa temática estão incluídos, na disciplina de Sociologia.

O Curso buscará afirmação das identidades étnicas, pela recuperação das memórias históricas, pela valorização das línguas e conhecimentos dos povos. Nessa perspectiva, se buscará o desenvolvimento e adoção de práticas pedagógicas e conteúdos curriculares que contemplem e respeitem as diversidades relativas a gênero e sexualidade e às relações étnico-raciais. Além disso, pretende contribuir para a construção de um espaço escolar democrático, pluralista; que promova e valorize o reconhecimento da diversidade étnico-racial.

Como medidas diretas se adotarão: palestras de divulgação da cultura indígena local; elaboração de oficinas temáticas que foquem a cultura regional e participação de eventos municipais que valorizem a inclusão das minorias, como o Dia da Consciência Negra.

15.1.3 Questões de Gênero

De acordo com a Nota Técnica nº 24/2015 – CGDH/DPEDHUC/SECADI/MEC, o conceito de gênero diz respeito à construção social de práticas, representações e identidades que posicionam os sujeitos a partir de uma relação entre masculinidade e feminilidade. É conceito fundamental para compreender a dimensão histórica, social, política e cultural das diferenças e do próprio processo de construção subjetiva de homens e mulheres.

Já o conceito de orientação sexual, apesar de uma considerável polissemia que lhe é característica, diz respeito a como cada sujeito vivencia suas relações sexuais e afetivas. É imprescindível para a compreensão dos aspectos sociais,

culturais e históricos da sexualidade e tem implicações imediatas no entendimento sobre arranjos familiares e parentalidade, por exemplo.

Os conceitos de gênero e orientação sexual podem ajudar a compreender as desigualdades históricas entre homens e mulheres, além de ser central na compreensão e enfrentamento de diferentes formas de discriminação e violência, incluídos o machismo, o sexismo, a homofobia, o racismo e a transfobia, que se reproduzem também em espaços escolares.

Diante do exposto, o IFMT, *Campus* Alta Floresta, buscará trabalhar o conhecimento destes conceitos, produzido cientificamente, de maneira transversal e em alguns componentes curriculares específicos, como na Sociologia, como forma de garantia dos direitos, em especial do direito à educação, e de enfrentamento às diferentes formas de violência, promovendo a cultura da paz.

Além disso, a Coordenação de Assistência Estudantil do *Campus* promoverá eventos, tais como, palestras, encontros, oficinas e atendimentos individuais e em grupos, tanto com os discentes, quanto com os docentes, com temas voltados à dignidade humana, a igualdade de direitos, o reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades, a laicidade do Estado, a democracia na educação, a importância dos conceitos de gênero e orientação sexual para as políticas educacionais e para o processo pedagógico, para que todos e todas reconheçam e valorizem as diferenças, enfrentando as desigualdades e violências, garantindo o direito a uma educação de qualidade.

15.1.4 Educação Ambiental

A Educação Ambiental nasce como um processo educativo que conduz a um saber ambiental materializado nos valores éticos e nas regras políticas de convívio social e de mercado, que implica a questão distributiva entre benefícios e prejuízos da apropriação e do uso da natureza. Ela deve, portanto, ser direcionada para a cidadania ativa considerando seu sentido de pertencimento e corresponsabilidade que, por meio da ação coletiva e organizada, busca a compreensão e a superação das causas estruturais e conjunturais dos problemas ambientais.

Nesse sentido, e de acordo com a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 e o Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002, os conteúdos que tratam da temática de

Educação Ambiental, será tratado no componente curricular de Ecologia, Conservação do Solo e Água e Gestão Ambiental, além ser inclusa nos eventos, palestras, oficinas que acontecem no *Campus*, durante o itinerário formativo do acadêmico.

15.1.5 Educação em Direitos Humanos

A educação em direitos humanos é compreendida como um processo sistemático e multidimensional que orienta a formação do sujeito de direitos, articulando as seguintes dimensões:

a) apreensão de conhecimentos historicamente construídos sobre direitos humanos e a sua relação com os contextos internacional, nacional e local;
b) afirmação de valores, atitudes e práticas sociais que expressem a cultura dos direitos humanos em todos os espaços da sociedade;
c) formação de uma consciência cidadã capaz de se fazer presente em níveis cognitivo, social, ético e político;
d) desenvolvimento de processos metodológicos participativos e de construção coletiva, utilizando linguagens e materiais didáticos contextualizados;
e) fortalecimento de práticas individuais e sociais que gerem ações e instrumentos em favor da promoção, da proteção e da defesa dos direitos humanos, bem como da reparação das violações.

Assim, e consoante ao que determinam as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (Resolução CNE/CP nº 1, de 30 de maio de 2012), os conteúdos referentes a essa temática serão tratados no componente curricular “Sociologia”, além de:

a) estimular a inserção da educação em direitos humanos nas conferências, congressos, seminários, fóruns e demais eventos no campo da educação superior, especialmente nos debates sobre políticas de ação afirmativa;
b) implementar programas e projetos de formação e capacitação sobre educação em direitos humanos para gestores(as), professores(as), servidores(as), corpo discente do *Campus* e membros da comunidade local;

c) fomentar e apoiar programas e projetos artísticos e culturais na área da educação em direitos humanos nas IES;
d) desenvolver políticas estratégicas de ação afirmativa que possibilitem a inclusão, o acesso e a permanência de pessoas com deficiência e aquelas alvo de discriminação por motivo de gênero, de orientação sexual e religiosa, entre outros e seguimentos geracionais e étnico-raciais;
e) estimular nas IES a realização de projetos de educação em direitos humanos sobre a memória do autoritarismo no Brasil, fomentando a pesquisa, a produção de material didático, a identificação e organização de acervos históricos e centros de referências;
f) inserir a temática da história recente do autoritarismo no Brasil em editais de incentivo a projetos de pesquisa e extensão universitária.

15.2 Pré-requisitos dos componentes curriculares

Pré-requisitos são condições consideradas indispensáveis para a matrícula em componentes curriculares. Alguns componentes curriculares do Curso Superior de Bacharelado em Zootecnia do IFMT, *Campus* Alta Floresta, exigem conhecimentos básicos adquiridos em componentes ofertados anteriormente, considerados como pré-requisitos.

O quadro abaixo apresenta os componentes curriculares cujo conteúdo programático é indispensável para a compreensão e apreensão de outro(s) componente(s).

Período	Componentes Curriculares	Pré-requisito
2º	Álgebra Linear	Matemática para Biociências
	Genética Básica	Biologia Celular
	Química Analítica	Química Geral e Inorgânica
3º	Bioquímica	Química Orgânica
	Estatística Experimental	Estatística Básica
	Topografia I	Matemática para Biociências
4º	Solos II	Solos I
5º	Forragicultura e Pastagens	Fisiologia Vegetal
	Solos III	Solos II
6º	Terapias Alternativas na Produção Zootécnica	Imunologia Básica
8º	Melhoramento Genético Animal II	Melhoramento Genético Animal I
10º	Trabalho de Conclusão de Curso	Todos os componentes até o 9º semestre
	Estágio Curricular Supervisionado	Todos os componentes até o 9º semestre

16 MATRIZ CURRICULAR

A matriz apresentada reflete a distribuição dos componentes curriculares, por semestre, cargas horárias, quantidade de aulas semanais e foi concebida de acordo a Organização Didática do IFMT (2014), art. 21, que define que a duração da hora-aula é de 50 (cinquenta) minutos, arranjadas em 20 (vinte) semanas, totalizando 100 (cem) dias letivos por semestre.

Matriz curricular nº 01 do Curso Superior de Bacharelado em Zootecnia

1º SEMESTRE				
Nº	**Componente Curricular**	**Carga Horária**	**Aulas por Semana**	**Pré-Requisito**
ZOO-101	Biologia Celular	51h	3	-
ZOO-102	Física Geral	34h	2	-
ZOO-103	Informática Básica	34h	2	-
ZOO-104	Inglês Instrumental	34h	2	-
ZOO-105	Iniciação à Metodologia Científica	51h	3	-
ZOO-106	Introdução à Zootecnia	51h	3	-
ZOO-107	Matemática para Biociências	34h	2	-
ZOO-108	Português Instrumental	34h	2	-
ZOO-109	Química Geral e Inorgânica	51h	3	-
ZOO-110	Química Orgânica	51h	3	-
1º SEMESTRE - SUBTOTAL		**425h**	**25**	**-**
2º SEMESTRE				
ZOO-201	Álgebra Linear	34h	2	ZOO-107
ZOO-202	Anatomia Animal	51h	3	-
ZOO-203	Anatomia e Sistemática Vegetal	68h	4	-
ZOO-204	Desenho Técnico	34h	2	-
ZOO-205	Ecologia	34h	2	-
ZOO-206	Estatística Básica	51h	3	-
ZOO-207	Genética Básica	51h	3	ZOO-101
ZOO-208	Imunologia Básica	34h	2	-
ZOO-209	Química Analítica	34h	2	ZOO-109
ZOO-210	Zoologia	34h	2	-
2º SEMESTRE - SUBTOTAL		**425h**	**25**	**-**
3º SEMESTRE				
ZOO-301	Bioquímica	68h	4	ZOO-110
ZOO-302	Bromatologia	51h	3	-
ZOO-303	Estatística Experimental	51h	3	ZOO-206
ZOO-304	Histologia e Embriologia	51h	3	-
ZOO-305	Microbiologia Geral	34h	2	-
ZOO-306	Parasitologia	34h	2	-
ZOO-307	Solos I	51h	3	-
ZOO-308	Topografia I	68h	4	ZOO-107
3º SEMESTRE - SUBTOTAL		**408h**	**24**	**-**

4º SEMESTRE				
ZOO-401	Bioclimatologia, Ambiência e Instalações Zootécnicas	68h	4	-
ZOO-402	Entomologia Agrícola	34h	2	-
ZOO-403	Fisiologia da Lactação e Equipamentos de Ordenha	51h	3	-
ZOO-404	Fisiologia Digestiva e Alimentação de	51h	3	-

	Carnívoros			
ZOO-405	Fisiologia e Métodos de Reprodução	51h	3	-
ZOO-406	Fisiologia Vegetal	68h	4	-
ZOO-407	Solos II	51h	3	ZOO-307
	Disciplina Optativa I	34h	2	-
4º SEMESTRE - SUBTOTAL		**408h**	**24**	**-**
5º SEMESTRE				
ZOO-501	Agrometeorologia	51h	3	-
ZOO-502	Fisiologia Digestiva e Alimentação de Monogástricos	68h	4	-
ZOO-503	Fisiologia Digestiva e Alimentação de Ruminantes	68h	4	-
ZOO-504	Forragicultura e Pastagens	68h	4	ZOO-406
ZOO-505	Alimentos e Alimentação	51h	3	-
ZOO-506	Manejo de Pragas e Doenças	51h	3	-
ZOO-507	Solos III	51h	3	ZOO-407
5º SEMESTRE - SUBTOTAL		**408h**	**24**	**-**
6º SEMESTRE				
ZOO-601	Farmacologia aplicada à Zootecnia	34h	2	-
ZOO-602	Avicultura	51h	3	-
ZOO-603	Conservação do Solo e Água	51h	3	-
ZOO-604	Ovinocultura e Caprinocultura	51h	3	-
ZOO-605	Piscicultura	51h	3	-
ZOO-606	Qualidade da Matéria-Prima na Produção de Alimentos	34h	2	-
ZOO-607	Sanidade Animal	34h	2	-
ZOO-608	Sistemas Agrosilvopastoris	34h	2	-
ZOO-609	Terapias Alternativas na Produção Zootécnica	34h	2	ZOO-208
6º SEMESTRE - SUBTOTAL		**374h**	**22**	**-**
7º SEMESTRE				
ZOO-701	Bovinocultura de Corte	51h	3	-
ZOO-702	Bovinocultura de Leite	51h	3	-
ZOO-703	Economia e Administração Rural	51h	3	-
ZOO-704	Equideocultura	34h	2	-
ZOO-705	Melhoramento Genético Animal I	51h	3	-
ZOO-706	Produção e Manejo de Espécies Silvestres	34h	2	-
ZOO-707	Sociologia	51h	3	-
ZOO-708	Suinocultura	51h	3	-
7º SEMESTRE - SUBTOTAL		**374h**	**22**	**-**
8º SEMESTRE				
ZOO-801	Associativismo	34h	2	-
ZOO-802	Bem-Estar Animal	34h	2	-
ZOO-803	Melhoramento Genético Animal II	51h	3	ZOO-705
ZOO-804	Mecanização Agrícola	51h	3	-
ZOO-805	Gestão Ambiental	34h	2	-
ZOO-806	Produção Alternativa de Monogástricos	51h	3	-
	Disciplina Optativa II	51h	3	-
8º SEMESTRE - SUBTOTAL		**306h**	**18**	**-**
9º SEMESTRE				
ZOO-901	Legislação Agrária e Ambiental	34h	2	-
ZOO-902	Apicultura	34h	2	-
ZOO-903	Ezoognósia	51h	3	-
ZOO-904	Empreendedorismo	51h	3	-
ZOO-905	Avaliação e Tipificação de Carcaça	51h	3	-
ZOO-906	Produção Alternativa de Ruminantes	51h	3	-
ZOO-907	Extensão Rural	34h	2	-
ZOO-908	Deontologia	34h	2	-

9º SEMESTRE - SUBTOTAL		**340h**	**20**	**-**
10º SEMESTRE				
ZOO-TCC	Trabalho de Conclusão de Curso	100h	6	TODAS
ZOO-EST	Estágio Curricular Supervisionado	360h	22	TODAS
10º SEMESTRE - SUBTOTAL		**460h**	**28**	**-**
RESUMO GERAL				
Nº	**Componente Curricular**			**Carga Horária**
Total de Carga Horária dos Componentes Curriculares				**3.928h**
ZOO-ATC	Atividades Complementares			100h
TOTAL DE CARGA HORÁRIA DO CURSO				**4.028h**

Como componente optativo, o aluno tem a opção de escolher qual componente curricular quer cursar para complementar sua formação profissional. Serão oferecidos os seguintes componentes curriculares:

COMPONENTES OPTATIVOS I				
Nº	**Componente Curricular**	**Carga Horária**	**Aulas por Semana**	**Pré-Requisito**
ZOO-OP1	Mapas Sociogeopolíticos	34h	2	-
ZOO-OP2	Princípios de Agroecologia	34h	2	-
ZOO-OP3	Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)	34h	2	-

COMPONENTES OPTATIVOS II				
Nº	**Componente Curricular**	**Carga Horária**	**Aulas por Semana**	**Pré-Requisito**
ZOO-OP4	Produção de Trabalhos Acadêmicos	51h	3	-
ZOO-OP5	Análise Econômica de Sistemas Agroindustriais	51h	3	-
ZOO-OP6	Tecnologia de Produtos de Origem Animal	51h	3	-
ZOO-OP7	Formulação de Ração para Animais de Interesse Zootécnico	51h	3	-

Além disso, poderão ser aproveitados componentes curriculares cursados em outros cursos superiores, quando deferido pelo Colegiado do Curso de Zootecnia do IFMT, Campus Alta Floresta.

16.1 Ementas e Bibliografias dos Componentes Curriculares

INSTITUTO FEDERAL Mato Grosso Campus Alta Floresta		
CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-101	Biologia Celular	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
1º SEMESTRE	3	51h
PRÉ-REQUISITO(S): Não há.		
EMENTA		
Introdução à biologia celular; Conhecer as diversas organelas celulares no que se refere à composição, estrutura e função, bem como se dá o controle destas funções; A organização geral das células e vírus; Métodos de estudo da célula; Biomoléculas; Membranas Biológicas; Transporte através de membranas; Lisossomos; Mitocôndrias; Ribossomos; Retículo Endoplasmático Rugoso e Liso; Aparelho de Golgi; Peroxissomos; Citoesqueleto; Núcleo; Divisão celular; Diferenciação Celular.		
OBJETIVO		
Proporcionar ao discente uma visão dinâmica da célula como unidade morfofuncional básica da composição dos sistemas vivos. Apresentar a estrutura, suas organelas e o controle celular de processos bioquímicos intracelulares. Estudar a célula em suas relações com outras células e com o meio extracelular, ressaltando o controle mútuo das reações Internas. Propiciar as bases para a compreensão do papel das células como elemento de integração dos tecidos e órgãos.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
DE ROBERTIS, E. M. F.; HIB, J. **Bases da biologia celular e molecular**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2015. JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. **Biologia celular e molecular**. 9. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2013. VIANA, J. M. S.; CRUZ, C. D.; BARROS, E. G. **Genética**: volume 1, fundamentos. 2. ed. Viçosa, MG: UFV, 2012. v. 1.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
ALBERTS, B. et al. **Fundamentos da biologia celular**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2012. BRANCO, S. M. **Evolução das espécies**: o pensamento científico, religioso e filosófico. São Paulo, SP: Moderna, 1994. GRIFFITHS, A. J. F. et al. **Genética moderna**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2001. RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; EICHORN, S. E. **Biologia vegetal**. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2001. VIEIRA, E. C. et al. **Bioquímica celular e molecular**. São Paulo, SP: Atheneu, 2002.		

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-102	Física Geral	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
1º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Notação científica e algarismos significativos; Medidas físicas, leis de Newton: equilíbrio e dinâmica; noções de resistência dos materiais; mecânica dos fluidos; trabalho e energia, lei da conservação da energia; introdução aos conceitos de termodinâmica; leis da termodinâmica; gases ideais; Noções de eletricidade; tópicos de biofísica.

OBJETIVO

Transmitir conhecimentos que possibilitem uma formação crítica, valorizando desde a abordagem de conteúdos específicos até suas implicações históricas, desenvolvendo habilidades e potencialidades para exercer seu papel na sociedade, compreendendo as etapas do método científico e estabelecendo uma conexão com temas do cotidiano e que se articulam com outras áreas do conhecimento.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

NUSSENZREIG, H. M. **Curso de física básica**: fluidos, oscilações e ondas. 4. ed. São Paulo, SP: Bluncher, 2002.

NUSSENZREIG, H. M. **Curso de física básica**: mecânica. 4. ed. São Paulo, SP: Bluncher, 2002.

NUSSENZREIG, H. M. **Curso de física básica**: ótica, relatividade e física quântica. 4. ed. São Paulo, SP: Bluncer, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FERRARO, N. G; SOARES, P. A. T.; FOGO, R. **Física básica**: volume único. 4. ed. São Paulo, SP: Atual, 2013.

HALLIDAY, D.; RESNIK, R.; WALKER, J. **Fundamentos de física**. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2009.

RESNIK, R.; HALLIDAY, D.; KRANE. **Física 2**. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2003.

SEARS, F. ZEMANSKY, M. W; YOUNG, H. D. **Física 1**: mecânica das partículas e dos corpos rígidos. 12. ed. Rio de Janeiro, RJ: Pearson, 2009.

SEARS, F. ZEMANSKY, M. W; YOUNG, H. D. **Física 2**: Eletricidade e magnetismo. 12. ed. Rio de Janeiro, RJ: Pearson, 2009.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-103	Informática Básica	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
1º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Editores de Textos, Planilhas Eletrônicas, Software de apresentação, Browser, a Internet como instrumento de comunicação, trabalho, ensino e pesquisa.

OBJETIVO

Capacitar o discente a utilizar softwares de editoração de textos, planilhas eletrônicas, de apresentação e de pesquisa/navegação na internet.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANTUNES, L. M.; ENGEL, A. **Informática na agropecuária**. Guaíba, RS: Guanabara, 1996.

MORGADO, F. **Formatando teses e monografias com BrOffice**. Rio de Janeiro, RJ: Ciência Moderna, 2008.

NORTON, P. **Introdução à informática**. São Paulo, SP: Pearson, 2014.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALCALDE, E.; GARCIA, M.; PEÑUELLAS, S. **Informática básica**. São Paulo, SP: Pearson, 1991.

CAPRON, H. L.; JOHNSON, J. A. **Introdução à informática**. 8. ed. São Paulo, SP: Pearson Education, 2013.

GALEOTE, S. **Sistemas de armazenamento de dados**. São Paulo, SP: Érica, 2000.

JAMSA, K. **Multimídia for Windows**. São Paulo, SP: Makron Books, 1993.

LOPES, M. A. **Informática aplicada à bovinocultura**. Jaboticabal, SP: FUNEP, 1997.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-104	Inglês Instrumental	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
1º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Técnicas de leitura em diferentes níveis de compreensão. Estudo de itens lexicais e categoriais. Estudo da estrutura textual. Funções linguísticas dos textos.

OBJETIVO

Capacitar o discente oferecendo instrumental técnico para a leitura de textos na língua inglesa.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MUNHOZ, R. **Inglês instrumental**: estratégias de leitura, módulo I. São Paulo, SP: Texto Novo, 2004.

MUNHOZ, R. **Inglês instrumental**: estratégias de leitura, módulo II. São Paulo, SP: Texto Novo, 2004.

SOUZA, A. G. F. et al. **Leitura em língua inglesa**: uma abordagem instrumental. 2. ed. São Paulo, SP: Disal, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MADEIRA, F. **Inglês e algo mais**. São Paulo, SP: Ação Educativa, 2003.

MARTINEZ, R. **O inglês que você imagina que sabe**: método de semelhança para aprender expressões em inglês. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 2003.

MAYOR, M. (Ed.). **Longman dicionário escolar**: inglês-português/português-inglês. 2. ed. São Paulo, SP: Pearson Education, 2009.

MURPHY, R. **Essential grammar in use**: gramática básica da língua inglesa. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2010.

TORRES CRUZ, D.; SILVA, A. V.; ROSAS, M. **Inglês com textos para informática**. Salvador, BA: O Autor, 2001.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-105	Iniciação à Metodologia Científica	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
1º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Ciência. Método e técnica. Ciência pura e aplicada. Tipos de explicação científica. Bases do raciocínio científico, teoria, hipótese, dedução, indução, análise e síntese. Pesquisa científica. Tipos de pesquisa. O processo de pesquisa e seu significado; problemas de pesquisa e sua formulação; fases da pesquisa. Redação e Normas de apresentação de textos científicos.

OBJETIVO

Apresentar a necessidade da pesquisa científica, as formas de realização e a elaboração de pré-projetos ou projetos de pesquisa. Capacitar o discente para a leitura e escrita científica observando as normatizações técnicas. Habilitá-lo para a elaboração de projetos científicos e tecnológicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABRAHAMSOHN, P. A. **Redação científica**. São Paulo, SP: Guanabara Koogan, 2009.

MORGADO, F. **Formatando teses e monografias com BrOffice**. Rio de Janeiro, RJ: Ciência Moderna, 2008.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Planejar gêneros acadêmicos**. São Paulo, SP: Parábola, 2005. v. 3.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resenha**. São Paulo, SP: Parábola, 2004.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resumo**. São Paulo, SP: Parábola, 2004.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2015.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo, SP: Parábola, 2010.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-106	Introdução à Zootecnia	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
1º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Histórico da Zootecnia. Perfil do estudante do curso e do profissional zootecnista. Estrutura curricular do curso. Conselho Federal e Conselhos regionais. Evolução da produção animal no Brasil. Origem e evolução das espécies. Animal doméstico. Domesticação e domesticidade. Origem do animal doméstico e classificação das espécies domésticas. Importância das espécies domésticas. Especialização das funções e aptidão. Taxonomia zootécnica: espécie, raça e variedade. Noções dos principais temas explorados na Zootecnia: Bovinocultura de Corte, Bovinocultura de Leite, Avicultura, Apicultura, Caprinocultura, Ovinocultura, Equideocultura, Piscicultura, Suinocultura, Bioclimatologia, Forragicultura, Melhoramento Genético, Bem-estar animal. Sistemas de produção de animais domésticos. Principais cadeias produtivas que compõem a zootecnia.

OBJETIVO

Demonstrar para os alunos aos princípios da ética e a sua universalidade. Apresentar o papel social dos profissionais de nível superior, observando sua responsabilidade legal e a dívida social. Possibilitar o desenvolvimento do senso crítico do discente para as suas atitudes, enquanto ação social e política consciente. Inclusive no mundo dos negócios. Apresentar a ciência zootécnica, a multiplicidade de ambientes de trabalho do zootecnista, a importância da produção animal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDRIGUETTO, J. M. **Nutrição animal**. São Paulo, SP: Nobel, 1990. v. 1.

BOWMAN, J. C. **Animais úteis ao homem**. São Paulo, SP: EPU, 1980.

MENDONÇA, F.; DANNI-OLIVEIRA, I. M. **Climatologia**: noções básicas e climas do Brasil. São Paulo, SP: Oficina de Textos, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

EUCLIDES FILHO, K. et al. **Cadeia produtivas como plataformas para o desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da inovação**: estudo da cadeia da produção animal. Campo Grande, MS: EMBRAPA Gado de Corte, 2002.

FAMATO-FABOV. **Cartilha**: diagnóstico da cadeia produtiva agroindustrial da bovinocultura de corte do estado de Mato Grosso. Cuiabá, MT: KCM, 2002.

MILLEN, E. **Guia do técnico agropecuário**: veterinário e zootecnista. São Paulo, SP: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1983.

MORENG, R. E.; AVENS, J. D. **Ciência e produção de aves**. São Paulo, SP: Rocca, 1990.

TORRES, A. P.; JARDIM, W. R.; JARDIM, L. F. **Manual de zootecnia**: raças que interessam ao Brasil. 2. ed. Ouro Fino, MG: Agronômica Ceres, 1982.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-107	Matemática para Biociências	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
1º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Números Reais, Valor Absoluto, Desigualdades; Plano coordenado, Retas no Plano, Perpendicularidade e Paralelismo; Funções Reais , Equações e Gráficos; Funções Trigonométricas; Limite e Continuidade: conceito, definição e propriedades; Derivadas: retas tangentes, coeficiente angular, definição de derivada, diferenciais; Aplicações da Derivada : velocidade, taxa de variação; Regras de Derivação, Regra da Cadeia, Funções Implícitas, Derivação Implícita; Teorema do Valor Médio; Funções crescentes e decrescentes , máximos e mínimos, convexidade, esboço de gráficos de funções; Problemas de máximos e mínimos; Funções Exponenciais e Logarítmicas; Funções Trigonométricas Inversas e Funções Hiperbólicas; Integrais Indefinidas, Integrais Definidas e Propriedades; Teorema do Valor Médio para Integrais e Teorema Fundamental do Cálculo; Métodos de Integração e Aplicações: área, volume.

OBJETIVO

Instrumentalizar os discentes com ferramentas matemática e geométricas, para solucionar problemas do cotidiano profissional.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FLEMMING, D. M.; GONÇALVES, M. B. **Cálculo A**. 6. ed. São Paulo, SP: Pearson Prentice Hall, 2014.

STEWART, J. **Cálculo**. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2010. v. 1.

SVIERCOSKI, R. F. **Matemática aplicada às ciências agrárias**. Viçosa, MG: UFV, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LEITHOLD, L. **O cálculo com geometria analítica**. São Paulo, SP: Harbra, 1998. v. 1.

LEITHOLD, L. **O cálculo com geometria analítica**. São Paulo, SP: Harbra, 1999. v. 2.

MACHADO, A. S. **Matemática 1**: conjuntos e funções. São Paulo, SP: Atual, 1998.

MACHADO, A. S. **Matemática 4**: áreas e volumes. São Paulo, SP: Atual, 1998.

SILVA, S. M. **Matemática básica para cursos superiores**. São Paulo, SP: Atual, 2010.

SIMMONS, G. F. **Cálculo com geometria analítica**. São Paulo, SP: Makron Books, 1987.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-108	Português Instrumental	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
1º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Variação linguística; Conceito de texto; Tipos e gêneros textuais; Coesão e coerência; Subjetividade e cientificidade; Produção de Textos; Técnicas da oratória; Normas técnicas do trabalho científico; Projetos de Pesquisa; Preparação de palestras, seminários e apresentações orais.

OBJETIVO

Desenvolver a capacidade de comunicar-se escrita e oralmente. Capacitar os discentes para redigir em linguagem científica, para elaborar pré-projetos e projetos de pesquisa, artigos científicos, resenhas e outros tipos textuais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABRAHAMSOHN, P. A. **Redação científica**. São Paulo: Guanabara-Koogan, 2009.

BOLOGNESI, J. **Português na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GRAMATIC, B. **Técnicas básicas de redação**. São Paulo: Scipione, 2005.

LIMA, A. O. **Interpretação de texto**: aprenda, fazendo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

MARTINS, D. S.; ZILBERKONOP, L. S. **Português instrumental**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resumo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resenha**. São Paulo: Parábola, 2004.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

VANOYE, F. **Uso da linguagem**: problemas e técnicas na produção oral e escrita. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-109	Química Geral e Inorgânica	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
1º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Revisão dos conceitos básicos da química geral: atomística, tabela periódica, ligações químicas, funções inorgânicas, reações químicas, cálculo estequiométrico, soluções, cinética química, equilíbrio químico. Organização do laboratório; normas de segurança, material de laboratório. Medidas: unidades, algarismos significativos, precisão e exatidão nas medidas.

OBJETIVO

Transmitir aos discentes a importância da química como base de sua formação profissional. Desenvolver raciocínio claro dos fundamentos da química geral e inorgânica e proporcionar conhecimentos aplicáveis em sua área de atuação profissional. Desenvolver habilidades com manuseio de materiais, equipamentos e reagentes de uso comum em laboratório.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ATKINS, P. W.; JONES, L. **Princípios de química**: questionando a vida moderna e o ambiente. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MAHAN, B. M.; MYERS, R. J. **Química**: um curso universitário. São Paulo: Edgard Blucher, 2003.

RUSSEL, J. B. **Química geral**. São Paulo: Makron Books, 1994. v. I e II.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BAIRD, C. **Química ambiental**. Porto Alegre: Bookman, 2002.

CASTELLAN, G. **Fundamentos de físico-química**. Rio de Janeiro: LTC, 1996.

SAFFIOTI, W. **Fundamentos de química**. São Paulo: Nacional, 1968. vol. I.

SOLOMONS, G. T. W.; FRYHLE, C. B. **Química orgânica**. Rio de Janeiro: LTC, 2001. v. I.

TRINDADE, D. F. et al. **Química básica experimental**. São Paulo: Ícone, 1998.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-110	Química Orgânica	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
1º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Introdução ao estudo do carbono. Funções orgânicas: nomenclatura, propriedades e reações de hidrocarbonetos, haloalcanos, fenóis, álcoois, cetonas, éteres, ésteres, aldeídos, ácidos carboxílicos, aminas, amidas. Isomeria. Estudo interdisciplinar e relação com a agricultura e pecuária.

OBJETIVO

Transmitir ao aluno o conhecimento das diversas funções orgânicas, suas propriedades e características para que assim o mesmo possa relacioná-lo com o desenvolvimento do reino vegetal e animal e suas interações com o meio ambiente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ATKINS, P.; JONES, L. **Princípios de química**: questionando a vida moderna e o ambiente. Porto Alegre: Bookman, 2006.

BARBOSA, L. C. A. **Química orgânica**: uma introdução para as ciências agrárias e biológica. Viçosa: UFV, 2003.

MORRISON, R.; BOYD, R. N. **Química orgânica**. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALLINGER, N. L. et al. **Química orgânica**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

SOLOMONS, G. T. W.; FRYHLE, C. B. **Química orgânica**. Rio de Janeiro: LTC, 2001. v. I.

SILVERSTEIN, R. M.; WEBSTER, F. X. **Identificação espectro mítrica de compostos orgânicos**. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

CASTELLAN, G. **Fundamentos de físico-química**. Rio de Janeiro: LTC, 1996.

RUSSEL, J. B. **Química geral**. São Paulo: Makron Books, 1994. v. I e II.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-201	Álgebra Linear	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
2º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Matemática para Biociências

EMENTA

Álgebra de matrizes; determinantes; sistemas de equações lineares; funções de uma variável real.

OBJETIVO

Compreender, equacionar e resolver problemas que envolvam múltiplas variáveis. Estudo das funções de uma variável real.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FLEMMING, D. M.; GONÇALVES, M. B. **Cálculo A**. São Paulo: Pearson, 2006.

MACHADO, A. S. **Matemática 6**: funções e derivadas. São Paulo: Atual, 1998.

SVIERCOSKI, R. F. **Matemática aplicada às ciências agrárias**. Viçosa: EdUFV, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOLDRINI, J. L.; COSTA, S. I. R.; FIGUEIREDO, V. L; WETZLER, H. G. **Álgebra linear**. São Paulo: Harbra, 1980.

IEZZI, G.; DOLCE, O.; MURAKAMI, C. **Fundamentos de matemática elementar**: logaritmos. São Paulo: Atual, 2004.

LEON, S. J. **Álgebra linear com aplicações**. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

LAY, D. C. **Álgebra linear e suas aplicações**. Rio de Janeiro: JC, 1999.

ÁVILA, G. **Cálculo 1**: funções de uma variável. Rio de Janeiro: LTC, 1994.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-202	Anatomia Animal	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
2º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Introdução ao estudo de anatomia e fisiologia; sistemas orgânicos (locomotor, reprodutor, excretório, circulatório, respiratório e digestório); morfologia geral e comparada; sistema nervoso; anatomia e fisiologia dos animais monogástricos e ruminantes, com ênfase nas espécies domésticas de importância econômica. Locais e vias de aplicação de medicamentos.

OBJETIVO

Dar condições para que os alunos adquiram noções fundamentais sobre anatomia do sistema locomotor (ósseo e muscular), sistemas urogenital, circulatório, respiratório, digestório e nervoso nas várias espécies de interesse zootécnico; enfatizar o conhecimento das estruturas anatômicas de cunho prático para a vida do profissional zootecnista; proporcionar ao graduando uma formação baseada em conceitos fisiológicos, para que o mesmo possa compreender os diversos fatores fisiológicos que influenciam o desenvolvimento e o crescimento animal, proporcionando ao mesmo tempo, a interação entre os princípios fisiológicos que fundamentam os conhecimentos transmitidos nas disciplinas profissionalizantes e adequar os métodos de criação utilizados na zootecnia a sua realidade profissional.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CUNNINGHAM, J. G.; KLEIN, B. G. **Tratado de fisiologia veterinária**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FRANDSON, R. D.; WILKE, W. L.; FAILS, A. D. **Anatomia e fisiologia dos animais de fazenda**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2005.

MCCRACKEN, T. O.; SPURGEON, T. L. **Atlas colorido de anatomia aplicada dos grandes animais**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

KONIG, H. E.; LIEBICH, H. G. **Anatomia dos animais domésticos**: texto e atlas colorido. Porto Alegre: Artmed, 2011.

MILLEN, E. **Zootecnia e veterinária**: teoria e práticas gerais. Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1988.

REECE, W. O. **Anatomia funcional e fisiologia dos animais domésticos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2008.

SWENSON, M. J.; REECE, W. O. **Fisiologia dos animais domésticos**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2006.

VASCONCELOS, P. M. B. **Guia prático para inseminador e ordenhador**. São Paulo: Nobel, 1990.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-203	Anatomia e Sistemática Vegetal	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
2º SEMESTRE	4	68h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

A célula vegetal: Organelas e membranas; funções; Os tecidos vegetais: meristemas, parênquimas, colênquima, esclerênquima, floema e xilema; estruturas secretoras. Morfologia dos órgãos vegetativos: raiz, caule, folha. Reprodução vegetal: flor e inflorescência; polinização e fecundação; fruto e semente; reprodução vegetativa; Botânica Sistemática. Noções do sistema de classificação. Nomenclatura botânica. Sistemática de Pinophyta (Gimnospermas) e Magnoliophyta (Angiospermas) de interesse econômico.

OBJETIVO

Propiciar aos alunos o estudo teórico-prático dos caracteres anatômicos e morofológicos dos órgãos vegetativos e reprodutivos das plantas superiores. Capacitar os alunos no reconhecimento de espécies vegetais cultivadas, invasoras e tóxicas, para que possam entender e explicar, botanicamente, padrões de produtividade vegetal

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

APPEZZATO-DA-GLÓRIA, B.; CARMELLO-GUERREIRO, S. M. **Anatomia vegetal**. Viçosa: EdUFV, 2003.

CUTTER, E. G. **Anatomia vegetal**: células e tecidos. São Paulo: Roca, 2002.

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. **Chave de identificação**: para as principais famílias de angiospermas nativas e cultivadas do Brasil. São Paulo: Plantarum, 2007

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BARROSO, G. M. **Sistemática de angiospermas do Brasil**. Viçosa: EdUFV, 2004.

JOLY, A. B. **Botânica**: introdução à taxonomia vegetal. São Paulo: Nacional, 2002.

RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; EICHORN, S. E. **Biologia vegetal**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.

VIDAL, W. N.; VIDAL, M. R. R. **Botânica**: organografia. Viçosa: EdUFV, 2005.

CUTTER, E. G. **Anatomia vegetal**: experimentos e interpretação: órgãos. São Paulo: Roca, 2002.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-204	Desenho Técnico	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
2º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Desenho Técnico a mão. Apresentação dos equipamentos usados nos desenhos convencionais com sua aplicação; Comandos de Visualização; Sistemas de Coordenadas; Comandos de Consulta; Controle de Unidades; Comandos de Desenho; Comandos de Seleção; Desenhando com Precisão; Comandos de Modificação; Desenhando com Camadas; Blocos; Dimensionamentos (cotas); Geração de Vistas (layout) em folha: paper space; Elaboração de Projeto na área afim; Plotagem.

OBJETIVO

Interpretar planta baixa das unidades: Frigorífico, Suinocultura, Bovinocultura; Desenhar Planta Topográfica de um terreno. Capacitar para utilização de tecnologias da informática aplicadas ao desenho.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BAÊTA, F. C. **Ambiência em edificações rurais**: conforto animal. Viçosa: UFV, 2010.

FRENCH, T. A.; VIERCK, C. J. **Desenho e tecnologia gráfica**. São Paulo: Globo, 2005.

PEREIRA, A. **Desenho técnico básico**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BALDMAM, ROQUEMAR. **AutoCAD 2000**: utilizando totalmente 2D e 3D e avançado. São Paulo: Erica, 1999.

FABICHAK, I. **Pequenas construções rurais**. São Paulo: Nobel, 2004.

GOUVEIA, A. M. G. **Instalações para a criação de ovinos tipo corte nas regiões Centro-Oeste e Sudeste do Brasil**. Brasília: LK, 2007.

MAGUIRE, D. E.; SIMMONS, C. H. **Desenho técnico**: problemas e soluções gerais de desenho. São Paulo: Hemus, 2004.

SPECK, H. J.; PEIXOTO, V. V. **Manual básico de desenho técnico**. Florianópolis: EdUFSC, 1997.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-205	Ecologia	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
2º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

A ecologia e seu domínio; O ambiente físico e fatores limitantes; Ecossistemas: fluxo de energia e ciclos biogeoquímicos; Parâmetros populacionais; Crescimento e regulação das populações; Relações interespecíficas; Conceitos e parâmetros de comunidades; Padrões de biodiversidade; O desenvolvimento da comunidade.

OBJETIVO

Apresentar ao discente as noções básicas sobre ecologia. Capacitá-lo para avaliar a estabilidade e/ou fragilidade de um ecossistema. Aumentar a consciência conservacionista e desenvolver habilidades profissionais inerentes à formação buscando medidas para um desenvolvimento sustentável, com práticas menos impactantes ao meio e melhor compreensão dos componentes bióticos e abióticos dos ecossistemas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BEGON, M.; TOWNSEND, C. R.; HARPER, J. L. **Ecologia**: de indivíduos a ecossistemas. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PRIMACK, R.B.; RODRIGUEZ, E. **Biologia da conservação**. Londrina: Planta, 2011.

RICKLEFS, R. E. **A economia da natureza**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BAETA, A. M. B. et al. **Educação ambiental**: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2011.

KREBS, J. R.; DAVIES, N. B. **Introdução a ecologia comportamental**. São Paulo: Atheneu, 1996.

ODUM, E. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1985.

OLIVEIRA, G. S. **Conservação do meio ambiente**: aquecimento global e desafios para o século 21. São Paulo: Barsa Planeta, 2010.

OLIVEIRA, H. H. **ZSEE**: zoneamento socioeconômico ecológico de Mato Grosso: caderno pedagógico. Cuiabá:[s.n.], 2009.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-206	Estatística Básica	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
2º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Noções de análise exploratória de dados, gráficos, tabelas; distribuição de frequências; medidas de tendência central; medidas de variabilidade; medidas de assimetria e curtose; probabilidade; distribuição de probabilidade binomial, poisson e normal; correlação e regressão.

OBJETIVO

Fornecer as idéias básicas da análise exploratória de dados e de modelos probabilísticos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BUSSAB, W. O.; MORETTIN, P. A. **Estatística básica**: métodos quantitativos. São Paulo: Saraiva, 2006.

CRESPO, A. A. **Estatística fácil**. São Paulo: Saraiva, 2002.

LEVINE, D. M. **Estatística**: teoria e aplicações. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COSTA-NETO, P. L. O. **Estatística**. São Paulo: Blucher, 2002.

FONSECA, J. S.; MARTINS, G. A. **Curso de estatística**. São Paulo: Atlas, 2010.

FURTADO, D. F. **Estatística básica**. Lavras: UFLA, 2005.

MEYER, P. L. **Probabilidade**: aplicações à estatística. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

TRIOLA, M. F. **Introdução a estatística**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-207	Genética Básica	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
2º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Biologia Celular.

EMENTA

Hereditariedade e variação; material genético; mitose, meiose e mecanismos genéticos de reprodução; determinação do sexo; síntese proteica; cromossomas, classificação e aberrações; princípios Mendelianos: 1ª e 2ª Leis de Mendel; fenótipo e genótipo; modos de ação gênica; expressão gênica, estrutura do gene; ligação e recombinação gênica; mapas genômicos; herança ligada, influenciada e limitada pelo Sexo; genética das populações; genética de micro-organismos; genética molecular.

OBJETIVO

Conhecer os mecanismos de transmissão de características qualitativas e quantitativas; conhecer os mecanismos de determinação do sexo; conhecer os tipos de ação gênica e interação entre o genótipo e o ambiente, conhecer os mecanismos de regulação gênica, conhecer os princípios de genética de populações, os princípios de genética quantitativa, os princípios de genética de microrganismos, os princípios de genética molecular e engenharia genética, os princípios e mecanismos de evolução das espécies e relacionar o conhecimento da genética com a produção animal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

VIANA, J. M. S.; CRUZ, C. D.; BARROS, E. G. **Genética**: fundamentos. Viçosa: UFV, 2012. v. 1.

SNUSTAD, D. P. **Fundamentos de genética**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

OTTO, P. G. **Genética básica para veterinária**. São Paulo: Roca, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AMABIS, J. M.; MARTHO, G. R. **Conceitos de biologia**: genética evolução e ecologia. São Paulo: Moderna, 2004. v. 3.

FROTA-PESSOA, O.; SANTINI, M. A.; FRAGOSO, C. **Genética e evolução**. São Paulo: Scipione, 2001.

JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. **Biologia celular e molecular**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

LAZZARINI NETO, S. **Reprodução e melhoramento genético**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2000.

RAMALHO, M.; SANTOS, J. B.; PINTO, C. B. **Genética na agropecuária**. Lavras: EDUFLA, 2008.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-208	Imunologia Básica	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
2º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Introdução ao estudo da imunologia; células do sistema imune; órgãos do sistema imune; resposta imune nos animais; imunidade inata e adquirida; inflamação; generalidades sobre antígeno e anticorpos; imunidade humoral e celular; imunoprofilaxia; reações de hipersensibilidade; vacinação e vacinas; drogas que interferem no sistema imune.

OBJETIVO

Fornecer ao aluno conceitos gerais da resposta imune através do estudo dos mecanismos pelos quais o organismo animal é capaz de reconhecer e eliminar as substâncias heterólogas estranhas a sua composição.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BIER, O. G.; MOTA, I.; SILVA, W. D. **Imunologia básica e aplicada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HINCHCLIFF, K. W.; BLOOD, D. C.; GAY, C. C.; RADOSTITS, O. M. **Clínica veterinária**: um tratado de doenças dos bovinos, ovinos, suínos, caprinos e equinos. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

TIZARD, I. A. **Imunologia veterinária**: uma introdução. São Paulo: Elsevier, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BIER, O. **Bacteriologia e imunologia**. São Paulo: Melhoramentos, São Paulo, 1966.

CAETANO, N. **Medicamentos e vacinas**: bovinos e equinos. São Paulo: 1993.

CÔRTES, J. A.; LYRA, T. M. P.; COUTINHO, D. **Programa de erradicação da febre aftosa**: guia de orientação operacional para o programa de saúde animal do estado de Mato Grosso. Cuiabá: FEFA/MT,1998.

SANTOS, B. M.; DIAS, C. C. A.; MOREIRA, M. A. S. **Manual de doenças avícolas**. Viçosa: UFV, 2009.

TORTORA, G. J. **Microbiologia**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-209	Química Analítica	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
2º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Química Geral e Inorgânica.

EMENTA

Introdução à Química Analítica Qualitativa e Quantitativa; Conceitos; Normas e regras de segurança em Laboratório de Química; Treinamento para uso e manutenção de materiais, reagentes e equipamentos de laboratório; Técnicas Básicas de Laboratório; Medidas em Análises Químicas; Erros e Tratamentos dos Dados Analíticos; Preparo de Soluções; Identificação de Cátions e Ânions; Gravimetria; Titulometria; Potenciometria; Introdução a Cromatografia.

OBJETIVO

Desenvolver um raciocínio claro dos fundamentos da Química Analítica proporcionando ao discente, conhecimentos que são aplicáveis em todas as áreas de atuação do profissional de alimentos; Reconhecer a importância do trabalho feito com segurança no laboratório; Dominar as técnicas de análises físico-químicas; Possibilitar o conhecimento sobre o uso e manutenção corretos de vidraria e dos equipamentos de laboratório; Realizar análises químicas utilizando as técnicas de análises qualitativas e quantitativas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CROUCH, S. **Fundamentos de química analítica**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2005.

EWING, G. W. **Métodos instrumentais de análise química**. São Paulo: Edgard Blücher, 2011. v. 1.

MORITA, T.; ASSUMPÇÃO, R. M. V. **Manual de soluções, reagentes e solventes**. São Paulo: Edgard Blücher, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CASTELLAN, G. **Fundamentos de físico-química**. Rio de Janeiro: LTC, 1996.

EWING, G. W. **Métodos instrumentais de análise química**. São Paulo: Edgard Blücher, 2011. v. 2.

HARRIS, D. C. **Análise química quantitativa**. 7. ed. São Paulo: LTC, 2011.

VOGEL, A. **Química analítica qualitativa**. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

TRINDADE, D. F. et al. **Química básica experimental**. São Paulo: Ícone, 1998.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-210	Zoologia	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
2º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Introdução à Zoologia nomenclatura e classificação zoológica; Filo Protozoa; Filo Platyhelminthes; Filo Nemathoda; Filo Acanthocephala; Filo Annelida; Filo Arthropoda; Filo Chordata - Classes: Amphibia, Reptilia, Aves, Mammalia.

OBJETIVO

Subsidiar aos alunos, noções sobre diversidade, processos evolutivos e adaptações dos animais ao meio ambiente. Enfatizar a biologia dos grupos de interesse zootécnico e socioeconômico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

HICKMAN JÚNIOR, C. P.; ROBERTS, L. S.; LARSON, A. **Princípios integrados de zoologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

RUPPERT, E. E.; BARNES, R. D. **Zoologia dos Invertebrados**. São Paulo: Roca, 1996.

STORER, I. S.; USINGER, R. L.; STEBBINS, R. C.; NYBAKKEN, J. W. **Zoologia geral**. São Paulo: Nacional, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AQUINO, A. M.; ASSIS, R. L. **Agroecologia**: princípios e técnicas para a agricultura sustentável. Brasília: Embrapa, 2005.

ALMEIDA, L. M.; RIBEIRO-COSTA, C. S.; MARINONI, L. **Manual de coleta, conservação, montagem e identificação de insetos**. Ribeirão Preto: Holos, 1998.

LARA, F. M. **Princípios de entomologia**. São Paulo: Ícone, 1992.

PARRA, R. A.; ZUCCHI, S. B.; ALVES, J. D. V. **Manual de entomologia agrícola**. 2. ed. São Paulo: Agronômica Ceres, 1988.

POUGH, F. H.; JANIS, C. M.; HEISER, J. B. **A vida dos vertebrados**. São Paulo: Atheneu, 1993.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-301	Bioquímica	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
3º SEMESTRE	4	68h

PRÉ-REQUISITO(S): Química Orgânica.

EMENTA

Lógica Molecular da Vida; Fotossíntese: Fenômeno Fotoquímico, Absorção da Luz, Condução dos elétrons impulsionados pela Luz. Glicólise: Etapas envolvidas: substratos, produtos, enzimas. Etapas regulatórias, rendimento energético. Importância da frutose 2,6 bifosfato. Destinos metabólicos do piruvato; Ciclo do Ácido Cítrico. Completo piruvato desidrogenase. Papel da tiamina pirofosfato e sua importância nutricional. Etapas regulatórias. Ciclo do glioxilato. Fosforilação oxidativa e cadeia transportadora de elétrons. Potencial de óxido-redução. Hipótese quiosmótica. Translocase de ATP-AD. Radicais livres e sua importância na produção animal. Inibidores do transporte de elétrons. Via das pentoses fosfato. Importância. Gliconeogênese. Papel nos ruminantes. Metabolismo do glicogênio. Biossíntese e oxidação dos ácidos graxos. Degradação de aminoácidos e ciclo da uréia. Integração do metabolismo.

OBJETIVO

Transmitir aos estudantes todo o envolvimento e importância da Bioquímica na sua formação profissional. Compreender o funcionamento do metabolismo de carboidratos, proteínas, lipídeos e minerais no organismo animal e vegetal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KOZLOSKI, G. V. **Bioquímica dos ruminantes**. Santa Maria: UFSM, 2011.

LEHNINGER, A. L.; NELSON, D. L.; COX, M. M. **Princípios de bioquímica**. São Paulo: Sarvier, 2002.

VIEIRA, E. C.; GAZINELLI, G.; MARES-GUIA, M. **Bioquímica celular e biologia celular**. São Paulo: Atheneu, 1999.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LINDEN, G.; LORIENT, D. **Bioquímica agroindustrial**. Zaragosa: Acribia,1996.

MACHADO, L. C.; GERALDO, A. **Nutrição animal fácil**. Bambuí: o autor, 2011.

RODWELL, V. W.; MAYES, P. A.; GRANNER, D. K.; MURRAY, R. K. **Bioquímica ilustrada**. São Paulo: Atheneu, 1998.

CONN, E. E.; STUMPF, P. K. **Introdução à bioquímica**. São Paulo: Edgard Blucher, 1984.

STRYER, L.; TYMOCZKO, J. L.; BERG, J. M. **Bioquímica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-302	Bromatologia	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
3º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Composição centesimal dos alimentos; Escolha da metodologia; Amostragem; Tratamento dos dados; Determinação de matéria seca e matéria mineral; determinação de proteína bruta; Química dos lipídeos; Química dos carboidratos; Determinação de extrato etéreo; Determinação de fibra bruta; Fibra detergente neutro e fibra detergente ácido; Determinação de minerais.

OBJETIVO

Transmitir aos discentes noções básicas das práticas de análises de alimentos: O conhecimento das práticas de análises de quantificação e A qualificação da matéria prima para alimentação animal. Desenvolver os conhecimentos relativos: Aos métodos de avaliação e Controle de qualidade dos alimentos destinados à alimentação animal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

SILVA, D. J. **Análise de alimentos**: métodos químicos e biológicos. Viçosa: EdUFV, 1990.

VALADARES FILHO, S. C.; MAGALHAES, K. A.; ROCHA JUNIOR, V. R.; CAPPELLE, E. R. **Tabelas brasileiras de composição de alimentos para bovinos**. Viçosa: UFV-DZO, 2006.

ROSTAGNO, H. S. et al. **Tabelas brasileiras para aves e suínos**: composição de alimentos e exigências nutricionais. Viçosa: EdUFV, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CECCHI, H. M. **Fundamentos teóricos e práticos em análise de alimentos**. Campinas: Unicamp, 2003.

COUTO, H. P. **Fabricação de rações e suplementos para animais**: gerenciamento e tecnologias. Viçosa: Aprenda Fácil, 2008.

MACHADO, L. C.; GERALDO, A. **Nutrição animal fácil**. Bambuí: o autor, 2011.

RIBEIRO, E. P. SERAVALLI, E. **Química de alimentos**. São Paulo: Bluncher, 2007.

SANTANA, M. C. A.; LOPES, D. C. **Determinação de proteína em alimentos para animais**: métodos químicos e físicos. Viçosa: UFV, 2010.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-303	Estatística Experimental	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
3º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Estatística Básica.

EMENTA

Conceitos básicos de estatística e experimentação. Planejamento de experimentos agrícolas. Princípios básicos da experimentação. Delineamentos experimentais: inteiramente casualizado, blocos ao acaso e quadrado latino. Testes de comparações de médias. Ensaios fatoriais. Ensaios em parcelas subdivididas. Análise de variância e transformação de dados. Fundamentos e aplicações de regressão e correlação. Uso de pacotes computacionais estatísticos.

OBJETIVO

Capacitar os estudantes a planejar experimentos, analisar, interpretar e apresentar dados experimentais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BANZATTO, D. A.; KRONKA, S. N. **Experimentação agrícola**. 3. ed. Jaboticabal: FUNEP, 1995.

COSTA-NETO, P. L. O. **Estatística**. São Paulo: Edgard Blücher, 1977.

VIEIRA, S. **Estatística experimental**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GOMES, F. P. **Estatística moderna na pesquisa agropecuária**. Piracicaba: Potafos, 1984.

FONSECA, J. S.; MARTINS, G. A. **Curso de estatística**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BARBIN, D. **Planejamento e análise estatística de experimentos agronômicos**. Arapongas: Midas, 2003.

RIBEIRO JUNIOR, J. I. **Análises estatísticas no Excel**: guia prático. Viçosa: EdUFV, 2009.

PIMENTEL-GOMES, F. **Curso de estatística experimental**. 14. ed. São Paulo: o autor, 2000.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-304	Histologia e Embriologia	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
3º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Introdução à Histologia e Embriologia; Tecidos epiteliais; Tecidos conjuntivos; Tecidos cartilaginosos; Tecido ósseo; Tecido sangüíneo e hemocitopoético; Tecidos musculares; Tecido nervoso; Gametogênese; Fecundação e desenvolvimento embrionário; Clivagem; Blástula e implantação; Gastrulação e Neurulação; Fechamento do embrião; Anexos embrionários.

OBJETIVO

Fornecer aos alunos as noções necessárias sobre a estrutura, função e formação dos tecidos dos animais domésticos (mamíferos e aves), embasando-os para melhor compreensão das demais disciplinas, tais como Fisiologia, Nutrição e Reprodução Animal. Desenvolver os conhecimentos sobre as etapas iniciais do desenvolvimento embrionário particularmente, no que se refere à formação dos folhetos embrionários.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALMEIDA, J. M. **Embriologia veterinária comparada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

BACHA Jr., W. J.; BACHA, L. M. **Atlas colorido de histologia veterinária**. São Paulo: Roca, 2003.

JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. **Histologia básica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GEORGE, L. L.; ALVES, C. E. R.; CASTRO, R. R. L. **Histologia comparada**. São Paulo: Roca, 1998.

FERNÁNDEZ, C. G.; GARCIA, S. M. L. **Embriologia**. São Paulo: Artmed, 2012.

FRANDSON, R. D.; FAILS, A. D.; WILKE, L. W. **Anatomia e fisiologia dos animais de fazenda**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. **Noções básicas de citologia, histologia e embriologia**. São Paulo: Nobel, 1978.

SANTOS, H. S. L. **Histologia de peixes**. Jaboticabal: UNESP, 1991.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-305	Microbiologia Geral	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
3º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Introdução à Microbiologia. Citologia. Metabolismo e Genética Bacteriana. Relação Hospedeiro-parasita. Infecção e Resistência. Esterilização e Desinfecção, Isolamento Bacteriano. Cocos Piogênicos (estafilococos e estreptococos). Micobactérias. Bactérias Intestinais (enterobactérias e coliformes). Compilobacter. Helicobacter. Vibriões. Treponema. Clostrídeos. Fungos e Vírus. Curva de Morte Térmica de Microorganismos. Equipamento de Laboratório. Microscopia. Métodos de Coloração de Microrganismo. Crescimento Microbiano. Influência do Meio: pH, temperatura, água e oxigênio.

OBJETIVO

Apresentar a morfologia, fisiologia e patogenia microbiana; Apresentar a profilaxia e o diagnóstico laboratorial dos principais patógenos humanos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

TRABULSI, L. B.; ALTERTHUM, F. **Microbiologia**. 5. ed. São Paulo: Atheneu, 2008.

PELCZAR, M. J. **Microbiologia**: conceitos e aplicações. São Paulo: Makron Books, 1997. v. 1.

PELCZAR, M. J. **Microbiologia**: conceitos e aplicações. São Paulo: Makron Books, 1997. v. 2.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

HIRSH, D. C.; ZEE, Y. C. **Microbiologia zootécnica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

LACAS R. R. **Microbiologia zootécnica**. São Paulo: Roca, 1992.

NEDER, R. N. **Manual de laboratório de microbiologia**. São Paulo: Nobel, 1992.

RIBEIRO, M. C.; SOARES, M. M. S. R. **Microbiologia prática**: roteiro e manual. São Paulo: Atheneu, 2001.

SILVA, N. **Manual de métodos de análises microbiológica de alimentos e água**. São Paulo: Varela, 2010.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-306	Parasitologia	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
3º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Estudo de sistemática, morfologia, biologia, ação sobre o hospedeiro e ecologia das parasitoses causadas por artrópodes, protozoários, helmintos platelmintos e trematódeos. Relações hospedeiro parasita. Farmacologia dos antiparasitários. Noções de controle alternativo de parasitas.

OBJETIVO

Dar condições aos alunos de conhecer, identificar e controlar os parasitas que possam causar prejuízos aos animais através do estudo dos parasitas de zootécnico e seus efeitos e interação com os animais domésticos e o homem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FOREYT, W. J. **Parasitologia veterinária**. 5. ed. São Paulo: Roca, 2005.

GEORGI, J. R.. **Parasitologia**. Barueri, SP: Manole, 2008.

RADOSTITS, O. M.; GAY, C. C.; BLOOD, D. C.; HINCHCLIFF, K. W. **Clínica veterinária**: um tratado de doenças dos bovinos, ovinos, suínos, caprinos e equinos. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

KESSLER, R. H.; SHENK, M. **Carrapato, tristeza parasitária e tripanossomose dos bovinos**. Rio de Janeiro: EMBRAPA, 2005.

REVOLLEDO, L. **Patologia aviária**. São Paulo: Manole, 2009.

SLOSS, M. W. **Parasitologia clínica veterinária**. São Paulo: Manole,1999.

SMITH, B. P. **Medicina interna de grandes animais**. São Paulo: Manole, 2006.

URQUHART, G. M. et. al. **Parasitologia veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-307	Solos I	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
3º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Importância do estudo do solo. Conceitos de solo. Mineralogia e formação dos solos. Morfologia do solo: reconhecimento e descrição do solo a campo. Noções de geologia e mineralogia. Fatores de formação do solo. Processos pedogenéticos. Identificar a natureza e propriedades das frações granulométricas e dos colóides do solo. Composição geral do solo: frações gasosas, líquidas, minerais e orgânicas. Classificação brasileira do solo. Levantamentos pedológicos: procedimentos, uso de mapas do solo. Classificação interpretativa do solo para uso agrícola e outros fins.

OBJETIVO

Fornecer ao aluno noções básicas sobre as características e propriedades dos solos, sob o ponto de vista pedológico. Aprender o sistema de classificação e capacitar no reconhecimento a campo dos diferentes tipos de solos brasileiros. Interpretar mapas de solos para definição de suas vantagens e limitações de utilização.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LEPSCH, I. F. **Formação e conservação dos solos**. São Paulo: Oficina de Textos, 2002.

OLIVEIRA, J. B. **Pedologia aplicada**. Piracicaba: FEALQ, 2011.

SANTOS, H. G. et al. **Sistema brasileiro de classificação de solos**. Rio de Janeiro: EMBRAPA, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOTELHO, R. G. M.; SILVA, A. S.; GUERRA, A. J. T. **Erosão e conservação dos solos**: conceitos, temas e aplicações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRANCO, S. I. M.; CAVINATTO, V. M. **Solos**: a base da vida terrestre. São Paulo: Moderna, 1999.

FAGERIA, N. K. **Solos tropicais e aspectos fisiológicos das culturas**. Brasília: EMBRAPA, 1989.

VIEIRA, L. S. **Manual da ciência do solo**: com ênfase aos solos tropicais. São Paulo: Ceres, 1988.

VIEIRA, L. S. **Manual de morfologia e classificação de solos**. São Paulo: Ceres, 1983.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-308	Topografia I	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
3º SEMESTRE	4	68h

PRÉ-REQUISITO(S): Matemática para biociências.

EMENTA

PLANIMETRIA: Conceitos Fundamentais; Medidas Ângulares; Medidas Lineares; Escala Numérica; Levantamento Topográfico de um Terreno; Teodolito; Cálculo dos Ângulos Horizontais e Correção dos Ângulos; Cálculo dos Azimutes e Rumos e Conversões; Cálculo das Coordenadas de Projeções X e Y e Correção; Cálculo Analítico das Coordenadas e da Área; Conhecimento dos Métodos e Técnicas de Medidas de Posicionamento Geodésico. ALTIMETRIA: Conceitos Fundamentais; Instrumentos de Nivelamento; Processo de Nivelamento Geométrico; Locação de Curva de Nível no Campo.

OBJETIVO

Levantamento de uma Gleba Com Teodolito e Estação Total; Quantificar a área de uma superfície da terra; Representar graficamente uma superfície da terra; Representar o relevo de uma gleba através de curva em nível.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

COMASTRI, J. A.; TULER, J. C.; **Topografia**: altimetria. Viçosa: UFV, 1999.

GARCIA, G. J.; PIEDADE, G. R. **Topografia aplicada às ciências agrárias**. São Paulo: Nobel, 1989.

GOMES, E.; PESOA, L. M. C.; SILVA JR., L. B. **Medindo imóveis rurais com GPS**. Brasília: LK-Editora, 2001

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COMASTRI, J. A.; GRIPP JUNIOR, J. **Topografia aplicada**: medição, divisão e demarcação. Viçosa: UFV, 1998.

COMASTRI, J. A. Topografia planimetria. Viçosa: UFV, 1992.

KALINOWSKI, S. R. **Utilização do GPS em trilhas e cálculos de áreas**. Brasília: LK, 2006.

LIMA, D. V. **Topografia**: um enfoque prático. Rio Verde: Êxodo, 2006.

SOUZA, J. O. **Agrimensura**. São Paulo, Nobel, 1981.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-401	Bioclimatologia, Ambiência e Instalações Zootécnicas	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
4º SEMESTRE	4	68h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Importância da bioclimatologia na produção animal; adaptação e aclimatação animal; termorregulação; termoneutralidade e tolerância; características anatômicas e fisiológicas de adaptação; testes de tolerância ao calor; materiais e técnicas construtivas; instalações para as diferentes espécies de interesse econômico; efeitos do clima sobre a produção e reprodução dos animais; características e atributos anato fisiológico na adaptação dos animais; respostas indicativas de estresse térmico; nutrição de animais submetidos ao estresse calórico; materiais e técnicas construtivas; instalações para as diferentes espécies de interesse econômico; técnicas de manejo e construtivas utilizadas para aliviar o estresse calórico nas diferentes espécies; biodigestores; técnicas de manejo de efluentes; biossegurança; legislação ambiental pertinente ao tratamento de efluentes de origem animal.

OBJETIVO

Habilitar os estudantes a conhecer as causas e consequências de interação ser vivo-meio ambiente; compreender como as variáveis climáticas que interferem na produção animal; reconhecer os mecanismos de perda de calor em animais domésticos e os mecanismos de adaptação dos animais ao ambiente; diagnosticar as diversas situações em que os fatores climáticos interferem na produção e promover a aplicação da tecnologia adequada, alternativas nutricionais e de manejo de modo que o animal obtenha conforto térmico; selecionar raças adequadas a diferentes climas, sistemas de criação, tecnologias e recursos financeiros disponíveis; fornecer noções básicas sobre materiais de construções, dimensionamento de estruturas necessárias a construções rurais de interesse zootécnico; capacitar a desenvolver projetos de instalações e construções zootécnicas para animais de produção que atendam a biossegurança e etologia animal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BAÊTA, F. C.; SOUZA, C. F. **Ambiência em edificações rurais**: conforto animal. Viçosa: UFV, 2010.

KREBS, J. R.; DAVIES, N. B. **Introdução à ecologia comportamental**. São Paulo: Atheneu, 1996.

PEREIRA, M. F. **Construções rurais**. São Paulo: Nobel, 1986.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CARNEIRO, O. **Construções rurais**. São Paulo: Capulo, 1972.

FABICHAK, I. **Pequenas construções rurais**. São Paulo: Nobel, 1983.

GOUVEIA, A. M. G.; ULHOA, M. F. P.; ARAÚJO, E. C. **Instalações para a criação de ovinos tipo corte nas regiões Centro-Oeste e Sudeste do Brasil**. Brasília: LK, 2007.

MENDONÇA, F.; DANNI-OLIVEIRA, I. M. **Climatologia**: noções básicas e climas do Brasil. São Paulo: Oficina de textos. 2007.

SCHMIDT-NIELSEN, K. **Fisiologia animal**: adaptação e meio ambiente. São Paulo: Santos, 2011.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-402	Entomologia Agrícola	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
4º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Conceitos em entomologia. Importância e características gerais dos insetos. Coleta, montagem e conservação dos insetos. Morfologia externa: exoesqueleto; cabeça: olhos, antenas e aparelhos bucais; tórax: segmentação, asas, pernas; abdome: segmentação, apêndices e genitália. Morfologia interna e fisiologia: órgãos de sentido, sistemas muscular e nervoso, sistema respiratório, sistema circulatório, sistema digestivo e sistema reprodutivo, sistema endócrino (hormônios: juvenil e ecdisteróide). Comunicação química (feromônios). Reprodução e desenvolvimento. Coleção entomológica. Taxonomia: Subclasses e Ordens Orthoptera, Hemiptera, Diptera, Coleoptera, Lepidoptera, Hymenoptera, Odonata, Isoptera, Dermaptera e Neuroptera. Formigas cortadeiras, cupins e pragas de grãos armazenados.

OBJETIVO

Propiciar aos alunos conhecimentos básicos sobre morfologia, fisiologia, biologia e classificação dos insetos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GALLO, D. et al. **Entomologia agrícola**. Piracicaba: FEALQ, 2002.

GALLO, D. et al. **Manual de entomologia agrícola**. São Paulo: Agronômica Ceres, 1988.

RUPPERT, E. E.; FOX, R. S.; BARNES, R. D. **Zoologia dos Invertebrados**. São Paulo: Roca, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AQUINO, A. M.; ASSIS, R. L. **Agroecologia**: princípios e técnicas para a agricultura sustentável. Brasília: Embrapa, 2005.

ALMEIDA, L. M.; RIBEIRO-COSTA, C. S.; MARINONI, L. **Manual de coleta, conservação, montagem e identificação de insetos**. Ribeirão Preto: Holos, 1998.

HICKMAN P. C.; ROBERTS S. L.; LARSON A. **Princípios integrados de Zoologia**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan. 2004.

LARA, F. M. **Princípios de entomologia**. São Paulo: Ícone, 1992.

STORER, I. S.; USINGER, R. L.; STEBBINS, R. C.; NYBAKKEN, J. W. **Zoologia Geral**. São Paulo: Nacional, 2000.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-403	Fisiologia da Lactação e Equipamentos de Ordenha	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
4º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Anatomia da glândula mamária; histologia e fisiologia da glândula mamária; processos de secreção nas células epiteliais da glândula mamária; desenvolvimento da glândula mamária; controle hormonal do desenvolvimento da glândula mamária; iniciação da lactação; manutenção hormonal da lactação; controle neural da lactação; taxa de secreção do leite; fatores que afetam a composição e secreção do leite; Formação e composição do leite e colostro, aspectos bioquímicos da lactação; métodos de ordenha; tipo de ordenhadeiras; relação ordenha e mastite; manejo higiênico e sanitário da ordenhadeira e instalações.

OBJETIVO

Fornecer subsídios para compreensão dos processos de síntese do leite. Entendimento dos fatores que afetam a quantidade, composição e qualidade do leite produzido. Estudo dos fatores relacionados ao crescimento de novilhas e desenvolvimento da glândula mamária. Dimensionamento e avaliação de equipamentos de ordenha. Estudo de instalações para ordenha. Estudo do controle de mastite.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FRANDSON, R. D.; WILKE, W. L.; FAILS, A. D. **Anatomia e fisiologia dos animais de fazenda**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2005.

SILVEIRA, G. M. **Máquinas para a pecuária**. São Paulo: Nobel, 1997.

SWENSON, M. J.; REECE, W. O. D. **Fisiologia dos animais domésticos**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BALL, P. J. H. **Reprodução em bovinos**. 3.ed. São Paulo: Roca, 2006.

CUNNINGHAM, J. G. **Tratado de fisiologia veterinária**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

CHAPAVAL, L. **Leite de qualidade**: manejo reprodutivo, nutricional e sanitário. Viçosa: Aprenda Fácil, 2000.

NEIVA, R. S. **Produção de bovinos leiteiros**. 2. ed. Lavras: EdUFLA, 2000.

VASCONCELOS, P. M. B. **Guia prático para inseminador e ordenhador**. São Paulo: Nobel, 1990.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-404	Fisiologia Digestiva e Alimentação de Carnívoros	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
4º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Introdução à criação de cães e gatos. Fisiologia da digestão e da absorção. Necessidades nutricionais de cães e gatos. Alimentos para cães e gatos. Manejo alimentar de cães e gatos. Processamento de alimentos para cães e gatos. Balanceamento de dietas para cães e gatos. Marketing de alimentos para cães e gatos. Alimentação de animais carnívoros silvestres e exóticos. Controle da qualidade de rações. Experimentação e avaliação de alimentos.

OBJETIVO

Fornecer aos estudantes noções básicas da criação, nutrição e alimentação de animais carnívoros, especialmente cães e gatos, atendendo ao novo perfil do zootecnista bem como às exigências do mercado.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BORGES, F. M. O. **Nutrição e processamento de alimentos para cães e gatos**. UFLA, 2002.

MACHADO, L. C.; GERALDO, A. **Nutrição animal fácil**. Bambuí: o autor, 2011.

SWENSON, M. J.; REECE, W. O. D. **Fisiologia dos animais domésticos**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AIRES, M. M. **Fisiologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

BORGES, F. M. O.; NUNES, I. J. Nutrição e manejo alimentar de cães na saúde e na doença. **Cadernos Técnicos da Escola de Veterinária da UFMG**, EV-UFMG, Belo Horizonte, n. 1, 1998.

CUNNINGHAM, J. G. **Tratado de fisiologia veterinária**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

EDNEY, A. T. B. **Nutrição do cão e do gato**. São Paulo: Manole. 1987.

MAIORKA, A. et al. **Consumo e preferência alimentar dos animais domésticos**. Londrina: Phytobiotics Brasil, 2010.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-405	Fisiologia e Métodos de Reprodução	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
4º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Fisiologia e anatomia do sistema reprodutivo masculino e feminino das principais espécies de interesse econômico; endocrinologia da reprodução; Ciclo estral nas diferentes espécies; ciclos reprodutivos nas espécies animais; comportamento reprodutivo; Fertilização, Gestação, distúrbios reprodutivos em fêmeas e machos. Histórico da inseminação artificial; métodos de coleta de sêmen; Tecnologia e Avaliação de sêmen; Sincronização de cio; Fertilização em Vitro; Transferência de embrião; com enfoque nas principais espécies de interesse econômico e zootécnico.

OBJETIVO

Estudo da fisiologia reprodutiva e das principais técnicas aplicadas a reprodução de animais domésticos, com ênfase às peculiaridades morfofuncionais das espécies de interesse zootécnico e médico veterinário.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GONÇALVES, P. B. D. **Biotécnicas aplicadas à reprodução animal**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2008.

HAFEZ, B.; HAFEZ, E. S. E. **Reprodução animal**. São Paulo: Manole, 2003.

SWENSON, M. J.; REECE, W. O. D.: **Fisiologia dos animais domésticos**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BALL, P. J. H. **Reprodução em bovinos**. São Paulo: Roca, 2006.

CUNNINGHAM, J. G. **Tratado de fisiologia veterinária**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

LAZZARINI NETO, S. **Reprodução e melhoramento genético**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2000.

LEY, W .B. **Reprodução em éguas para veterinários de equinos**. São Paulo: Roca, 2006.

MIES FILHO, A. **Reprodução dos animais e inseminação artificial**. São Paulo: Sulina, 1977. v. 1 e 2.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-406	Fisiologia Vegetal	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
4º SEMESTRE	4	68h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Relações hídricas; nutrição mineral; metabolismo do carbono; fotoperiodismo; fotomorfogênese; reguladores de crescimento; germinação de sementes.

OBJETIVO

Subsidiar o entendimento dos mecanismos fisiológicos associados ao processo de crescimento e de desenvolvimento dos vegetais, especialmente do ponto de vista da produtividade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KERBAUY, G. B., 2004. **Fisiologia vegetal**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

TAIZ, L.; ZEIGER, E. **Fisiologia vegetal**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PAIVA, R.; OLIVEIRA, L M. **Fisiologia e produção vegetal**. Lavras: UFLA, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CLEFFI, N. M.; KRASILCHIK, M. **Biologia**: das moléculas ao homem, Brasília: Edart, 1976. v. 2.

LARCHER, W. **Ecofisiologia vegetal**. São Carlos: Rima Artes e Textos, 2000.

MARCOS FILHO, J. **Fisiologia de sementes de plantas cultivadas**. Piracicaba: Fealq, 2005.

RAVEN, P. H., EVERT, R. F.; EICHHORN, S. E. **Biologia vegetal**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

RODRIGUES, T. J. D.; LEITE, I. C. **Fisiologia vegetal**: hormônios das plantas. Jaboticabal: FUNEP, 2004.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-407	Solos II	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
4º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Solos I.

EMENTA

O solo como sistema físico. Natureza do solo e fundamentos do seu comportamento físico: área superficial específica e características do espaço poroso. Relações de massa e volume dos constituintes do solo. Textura do solo. Estrutura e agregação do solo. Densidade, consistência e deformação do solo. Natureza e comportamento físico da água. Conceito de energia livre. A física da relação solo-água. Potencial da água no solo. Retenção e movimento da água no solo. Disponibilidade de água para as plantas: capacidade de campo e ponto de murcha permanente. Infiltração e escoamento superficial da água no solo. Aeração do solo. Temperatura do solo.

OBJETIVO

Apresentar aos alunos as principais propriedades físicas relacionadas à estrutura do solo e ao comportamento da água no solo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LEPSCH, I. F. **Formação e conservação de solos**. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.

KIEHL, E. J. **Manual de edafologia**. São Paulo: Ceres, 1979.

MALAVOLTA, E. **ABC da adubação**. 5. ed. São Paulo: Ceres, 1989.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOTELHO, R. G. M.; SILVA, A. S.; GUERRA, A. J. T. **Erosão e conservação dos solos: conceitos, temas e aplicações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRANCO, S. I M.; CAVINATTO, V. M. **Solos**: a base da vida terrestre. São Paulo: Moderna, 1999.

FAGERIA, N. K. **Solos tropicais e aspectos fisiológicos das culturas**. Brasília: EMBRAPA, 1989.

VIEIRA, L. S. **Manual da ciência do solo**: com ênfase aos solos tropicais. 2. ed. São Paulo: Ceres, 1988.

VIEIRA, L. S. **Manual de morfologia e classificação de solos**. São Paulo: Ceres, 1983.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-OP1	Mapas Sociogeopolíticos	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
4º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

A ordem mundial antiga: o imperialismo da "bela época", a primeira guerra mundial. A segunda guerra mundial: os acordos pós-guerra e a articulação da ordem mundial bipolar. A queda do socialismo e a articulação da ordem mundial neoliberal, a ordem mundial atual: uma ordem multipolar.

OBJETIVO

Proporcionar aos discentes uma leitura crítica dos principais acontecimentos internacionais que afetam direta e indiretamente a vida do discente no mundo do trabalho

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BEHRING, E. R. et al. **Capitalismo em crise**. São Paulo: Cortez, 2011.

DUPAS, G.; LAFER, C.; SILVA, C. E. L. **A nova configuração mundial do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

PARDO JR., C. **A questão agrária no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2000

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CARVALHO, L. A. (Org.) **Geopolítica e as relações internacionais**. São Paulo: Ática, 2008.

FIORI, J. L. **Poder global e a nova geopolítica das nações**. São Paulo: Ática, 2006.

FONT, J. N.;RUFI, J. V. **Geopolítica, identidade e globalização**. Madri: Annaablune, 2003.

MARQUES, A.; MATOS, H. **Comunicação e política**. São Paulo: Summus, 2011.

MONTANO, C.; DURIGUETTO, M. L. **Estado, classe e movimento social**. São Paulo: Cortez, 2011.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-OP2	Princípios de Agroecologia	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
4º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Histórico da evolução dos sistemas agrícolas. Bases históricas e filosóficas da agricultura alternativa. Princípios do desenvolvimento rural sustentável. Enfoque sistêmico e a sustentabilidade na Agricultura. Solo, água e biodiversidade. O agroecossistema e a produção de biomassa. O contexto da agricultura industrial. "Revolução verde". A agricultura familiar no contexto agroecológico, Conceitos, objetivos, princípios e bases científicas da agroecologia. Teoria da trofobiose. Conversão de unidades de produção familiares. Tecnologias agroecológicas.

OBJETIVO

Proporcionar ao acadêmico uma visão multidisciplinar da problemática decorrente da agricultura industrial/empresarial fornecendo subsídios para a elaboração e análise de agroecossistemas sustentáveis sob os pontos de vista social, ecológico e econômico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AQUINO, M. A.; ASSIS, L. R. **Agroecologia**: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável. Brasília: Embrapa, 2005.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre: EdUFRGS, 2001.

THEODORO, S. H. et al. **Agroecologia**: um novo caminho para extensão rural sustentável. São Paulo: Garamond, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ASSIS, R. L.; AQUINO, A. M. **Processos biológicos no sistema solo-planta**: ferramentas para uma agricultura sustentável. Brasília: EMBRAPA, 2005.

BONILLA, J. A. **Fundamentos da agricultura ecológica**. São Paulo: Nobel, 1992.

KREBS, J. R.; DAVIES, N. B. **Introdução a ecologia comportamental**. São Paulo: Atheneu, 1996.

LEFT, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. Petrópolis: PNUMA/Vozes, 2001.

PENTEADO, S. R. **Introdução à agricultura orgânica**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2003.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-OP3	Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
4º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Comunicação visual, baseada em regras gramaticais da Língua de Sinais e da cultura surda. Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como a fonologia, morfologia e sintaxe. Uso desta língua em contextos reais de comunicação.

OBJETIVO

Proporcionar noções e aprendizado básico de LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?** São Paulo: Parábola, 2009.

PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. **Curso de Libras I**. (DVD) Rio de Janeiro: LSBVídeo, 2006.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Estudos linguísticos**: a língua de sinais brasileira. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue**: língua brasileira de sinais. 3. ed. São Paulo: EdUSP, 2013. v. 1 e 2.

CASTRO, A. R. **Comunicação por língua brasileira de sinais**. Brasília, DF: SENAC DF, 2005

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez**: sobre ensinar e aprender a libras. São Paulo: Parábola, 2012.

PEREIRA, M. C. C. et al. **Libras**: conhecimento além dos sinais. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2011.

PIMENTA, N. **Números na língua de sinais brasileira**. (DVD) Rio de Janeiro: LSBVídeo, 2009.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-501	Agrometeorologia	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
5º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Estudo dos processos físicos na atmosfera e as inter-relações físico-fisiológicas com a finalidade de promover as condições de um adequado rendimento agrícola no âmbito da realidade socioeconômica e ambiental do país; Estudar os fatores que condicionam o tempo e o clima; Demonstrar como são observados e medidos os elementos meteorológicos com finalidades agroclimáticas; Discutir como as condições de tempo e de clima relacionam-se com a produtividade agropecuária; Discutir como as informações meteorológicas e climatológicas podem ser usadas no planejamento das atividades agrícolas, bem como para minimizar os efeitos adversos do tempo e do clima sobre a agricultura.

OBJETIVO

Estudar o clima como um dos elementos dos ecossistemas terrestres e como a sua interação básica com os organismos vivos (BIOTA) e não vivos (ABIOTA) condicionam a produtividade, tanto vegetal quanto animal, de modo a capacitar os alunos a interferir, favoravelmente, no sistema agrícola, visando minimizar os aspectos negativos da agricultura exploratória.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FERREIRA, A. G. **Meteorologia prática**. São Paulo: Oficina de Textos, 2006.

MENDONÇA, F.; OLIVEIRA, I. M. D. **Climatologia**: noções básicas e climas do Brasil. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.

VIANELLO R. L.; ALVES, A. R. **Meteorologia básica e aplicações**. Viçosa: EdUFV, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AYOADE, J. O. **Introdução a climatologia para os trópicos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MENDONÇA, F.; DANNI-OLIVEIRA, I. M. **Climatologia**: noções básicas e climas do Brasil. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.

OMETTO, J. C. **Bioclimatologia vegetal**. São Paulo: Ceres, 1981.

REICHARDT, K. **A água em sistemas agrícolas**. São Paulo: Manole, 1990.

TARIFA, J. R. **Mato Grosso**: clima, análise e representação cartográfica. Cuiabá: Entrelinhas, 2011.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-502	Fisiologia Digestiva e Alimentação de Monogástricos	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
5º SEMESTRE	4	68h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Sistema digestivo dos animais monogástricos; digestão e absorção de nutrientes em monogástricos; metabolismo de carboidratos, proteínas, lipídeos, vitaminas e minerais em não ruminantes; metabolismo energético. Exigências nutricionais de animais monogástricos; principais alimentos utilizados e seu valor nutritivo; fatores antinutricionais; formulação de rações para monogástricos; formulação de ração através de microcomputador; controle de qualidade de ingredientes; preparo de rações; cálculo de fornecimento adequado de ração; utilização de planilha eletrônica para controle de alimentação de monogástricos.

OBJETIVO

Desenvolver no aluno a compreensão da fisiologia do sistema gastrointestinal de animais não ruminantes, incluindo os processos de motilidade, secreção, digestão e absorção dos nutrientes Capacitar o aluno na área de alimentação e de formulação de rações para animais não ruminantes (com ênfase para suínos, aves e equinos), nas diferentes fases de seu ciclo de vida e de acordo com os objetivos de produção de cada criação. Minimização de custos de formulação de rações com uso de técnicas de programação linear em computadores.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LANA, R. P. **Nutrição e alimentação animal**: mitos e realidades. Viçosa: EdUFV, 2005.

ROSTAGNO, H. S. et al. **Tabelas brasileiras para aves e suínos**: composição de alimentos e exigências nutricionais. Viçosa: EdUFV, 2011.

SWENSON, M. J.; REECE, W. O. D. **Fisiologia dos animais domésticos**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRIGUETTO, J. M. et al. **Nutrição Animal**. São Paulo: Nobel, 1994. v. 2

BERTECHINI, A. G. **Nutrição de monogástricos**. Lavras: EdUFLA, 2006. v. 1.

LEHNINGER, A. L.; NELSON, D. L.; COX, M. M. L. **Princípios de bioquímica**. São Paulo: Sarvier, 2002.

MACHADO, L. C.; GERALDO, A. **Nutrição animal fácil**. Bambuí: o autor, 2011.

SILVA, D. J. **Análise de alimentos**: métodos químicos e biológicos. Viçosa: EdUFV, 1990.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-503	Fisiologia Digestiva e Alimentação de Ruminantes	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
5º SEMESTRE	4	68h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Sistema digestivo dos ruminantes; digestão e absorção de nutrientes em ruminantes; metabolismo de carboidratos, proteínas, lipídeos, vitaminas e minerais em ruminantes; microrganismos ruminais; digestibilidade e degradabilidade de nutrientes; metabolismo energético. Recentes avanços sobre minerais na nutrição de ruminantes; nitrogênio não proteico na nutrição de ruminantes. Exigências nutricionais de animais ruminantes; principais alimentos utilizados e seu valor nutritivo; fatores antinutricionais; Aditivos; formulação de rações para ruminantes; formulação de sal mineral; formulação de mistura múltipla; formulação de ração através de microcomputador; controle de qualidade de ingredientes; preparo de rações; cálculo de fornecimento adequado de ração; utilização de planilha eletrônica para controle de alimentação de ruminantes. Tabelas de composição de alimentos.

OBJETIVO

Fornecer uma visão geral dos aspectos básicos da fisiologia digestiva de ruminantes, envolvendo os processos de digestão dos alimentos, absorção e metabolismo dos nutrientes. Preparar os alunos para saber alimentar adequadamente os animais ruminantes e também formular ração utilizando programação linear através de microcomputador.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BERCHIELLI, T. T.; PIRES, A. V.; OLIVEIRA, S. G. **Nutrição de ruminantes**. São Paulo: Funep, 2006.

LANA, R. P. **Nutrição e alimentação animal**: mitos e realidades. Viçosa: UFV, 2005.

SWENSON, M. J.; REECE, W. O. D. **Fisiologia dos animais domésticos**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRIGUETTO, J. M. et al. **Nutrição animal**. São Paulo: Nobel, 1994.

ANDRIGUETTO, J. M. et al. **Nutrição animal aplicada**. São Paulo: Nobel, 1988

MACHADO, L. C.; GERALDO, A. **Nutrição animal fácil**. Bambuí: o autor, 2011.

SILVA, D. J. **Análise de alimentos**: métodos químicos e biológicos. Viçosa: EdUFV, 1990.

VALADARES FILHO, S. C. et al. **Tabelas brasileiras de composição de alimentos para bovinos**. Viçosa: EDUFV, 2010.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-504	Forragicultura e Pastagens	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
5º SEMESTRE	4	68h

PRÉ-REQUISITO(S): Fisiologia Vegetal.

EMENTA

Introdução ao estudo da forragicultura (definições e classificação de forragem, forrageira e pastagem, terminologias de interesse). Caracterização das principais gramíneas e leguminosas forrageiras utilizadas na produção animal. Ecofisiologia de plantas forrageiras. Morfogênese. Ecossistemas de pastagens. Plantas tóxicas e invasoras, doenças e pragas de interesse em forragicultura. Capineira e banco de proteína. Técnicas de conservação de forragem (ensilagem e fenação). Importância das pastagens na produção animal. Formação e manejo de pastagens (pastejo contínuo e rotativo). Manejo racional de pastagens (Pastejo Rotacionado Voisin). Recuperação de pastagens degradadas. Produção de sementes e melhoramento de forrageiras.

OBJETIVO

Proporcionar ao aluno conhecimentos e habilidades para entender, manejar e conservar plantas forrageiras, levando em conta os fatores de solo, clima, espécie forrageiras, bem como os fatores econômicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FONSECA, D. M.; MATUSCELLO, J. A. **Plantas forrageiras**. Viçosa: EdUFV, 2010.

PEDREIRA, C. G. S. et al. **As pastagens e o meio ambiente**. Piracicaba: FEALQ, 2006.

VILELA, H. **Pastagem**: seleção de plantas forrageiras implantação e adubação. Viçosa: Aprenda Fácil, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MELADO, J. **Pastoreio racional Voisin**: fundamentos, aplicações e projetos. Viçosa: Aprenda Fácil, 2003.

MELADO, J. **Manejo de pastagem ecológica**: um conceito para o Terceiro Milênio. Viçosa: Aprenda Fácil, 2000.

MORAES, Y. J. B. **Forrageiras**: conceitos, formação e manejo. Guaíba: Agropecuária, 1995.

PEDREIRA, C. G. S. et al. **Produção de ruminantes em pastagens**. Piracicaba: FEALQ, 2007.

PIRES, W. **Manual de pastagens**: formação, manejo e recuperação. Viçosa: Aprenda Fácil, 2006.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-505	Alimentos e Alimentação	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
5º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Aspectos gerais sobre coleta e preparo de amostras para análises de composição bromatológica do alimento. Classificação dos alimentos. Avaliação do valor nutritivo dos alimentos. Estudo das principais fontes proteicas e energéticas de origem animal e vegetal e suas limitações. Minerais e vitaminas em rações. Exigências nutricionais, tabelas de composição de alimentos e formulação de ração para máximo desempenho e custo mínimo.

OBJETIVO

O acadêmico de Zootecnia conhecerá dos alimentos existentes e disponíveis, em termos de seu valor nutritivo, toxidez, métodos de análise, limite de utilização e seu metabolismo, assim como formular rações balanceadas que atendam às necessidades das diferentes espécies de interesse zootécnico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDRIGUETTO, J. M. et al. Nutrição animal. **As bases e os fundamentos da nutrição animal**: os alimentos. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1994. v. 1.

LANA, R. P. **Nutrição e alimentação animal**: mitos e realidades. Viçosa: EdUFV, 2005.

SILVA, D. J. **Análise de alimentos**: métodos químicos e biológicos. Viçosa: EdUFV, 1990.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BERCHIELLI, T. T.; PIRES, A. V.; OLIVEIRA, S. G. **Nutrição de ruminantes**. São Paulo: Funep, 2006.

BERTECHINI, A. G. **Nutrição de monogástricos**. Lavras: EdUFLA, 2006. v. 1.

MACHADO, L. C.; GERALDO, A. **Nutrição animal fácil**. Bambuí: o autor, 2011.

ROSTAGNO, H. S. et al. **Tabelas brasileiras para aves e suínos**: composição de alimentos e exigências nutricionais. Viçosa: EdUFV, 2011.

VALADARES FILHO, S. C. et al. **Tabelas brasileiras de composição de alimentos para bovinos**. Viçosa: EDUFV, 2010.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-506	Manejo de Pragas e Doenças	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
5º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Importância e conceito do manejo integrado de pragas. Bases ecológicas do manejo integrado de pragas. Componentes do manejo integrado de pragas. Avaliação do agroecossistema: levantamentos e amostragem. Definição de inseto-praga, inseto não-praga, praga chave e praga secundária. Determinação de nível de dano econômico, nível de controle e nível de não-ação. Integração de estratégias e táticas utilizadas no manejo integrado de pragas. Métodos de controle utilizados no manejo integrado de pragas: cultural, biológico, físico, legislativo, mecânico e químico.

OBJETIVO

Fornecer aos alunos os conhecimentos básicos necessários para a utilização do manejo integrado de pragas através da avaliação do agroecossistema, tomada de decisão e integração de diversos métodos de controle de pragas que resultem em menor impacto ambiental.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AQUINO, A. M.; ASSIS, R. L. **Agroecologia**: princípios e técnicas para a agricultura sustentável. Brasília: Embrapa, 2005.

GALLO, D. et al. **Entomologia agrícola**. Piracicaba: FEALQ, 2002.

GELMINI, G. A. **Agrotóxicos**: legislação básica. Campinas: Fundação Cargill, 1991.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDREI, E. **Compendio de defensivos agrícolas**. 7.ed. São Paulo: Andrei, 2005.

HICKMAN, P. C.; ROBERTS, S. L.; LARSON A. **Princípios integrados de zoologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2004.

LARA, F. M. **Princípios de entomologia**. São Paulo: Ícone, 1992.

PARRA, R. A.; ZUCCHI, S. B.; ALVES, J. D. V. **Manual de entomologia agrícola**. 2. ed. São Paulo: Agronômica Ceres, 1988.

ZANETTI, R. et al. **Manejo integrado de cupins**. Lavras: UFLA, 2001.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-507	Solos III	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
5º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Solos II.

EMENTA

Conceitos e leis da fertilidade do solo. Composição química e mineralógica do solo. Coleta correta de amostras de solos para análise química e física em laboratórios. Reações da solução do solo. Relação entre pH e disponibilidade de nutrientes. Cargas elétricas e fenômenos de adsorção e troca catiônica e aniônica. Acidez e calagem do solo. Matéria orgânica do solo: ciclo do carbono, decomposição da matéria orgânica, formação de húmus, decomposição de compostos de importância agrícola. Ecologia e diversidade dos organismos do solo (bactérias, fungos, micorrizas, actinomicetos, algas, protozoários, mesofauna, minhocas) quanto às características, funções e importância agrícola. Fatores que influem na atividade biológica do solo. Compostagem, vermicompostagem e metanogênese. Nitrogênio: formas no solo, transformações e fixação de nitrogênio atmosférico. Fósforo: formas e transformações no solo. Potássio: formas no solo. Cálcio e Magnésio: formas no solo. Enxofre: formas e transformações no solo. Micronutrientes; formas e transformações de cobre, ferro, zinco, manganês, molibdênio, boro e cloro no solo. Interpretação da análise de solo. Tipos, métodos e formas de aplicação de macro e micronutrientes disponíveis no mercado.

OBJETIVO

Apresentar aos alunos informações a respeito das características do solo e dos fenômenos químicos que nele ocorrem, e que o tornam um meio adequado ao fornecimento de nutrientes às plantas em quantidades suficientes e balanceadas, de forma a permitir altas taxas de crescimento e produtividade das culturas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MALAVOLTA, E. **ABC da adubação**. 5. ed. São Paulo: Ceres, 1989.

SOUZA, D. M. G.; LOBATO, E. **Cerrado**: correção do solo e adubação. Brasília, DF: EMBRAPA,2004.

VAN RAIJ, B. **Avaliação da fertilidade do solo**. Piracicaba: POTAFÓS, 1983.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

KIEHL, E. J. **Manual de edafologia**. São Paulo: Ceres, 1979.

LEPSCH, I. F. **Formação e conservação de solos**. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.

LOPES, A. S. **Solos sob cerrado**: características, propriedade e manejo. 2. ed. Piracicaba: POTAFÓS, 1984.

MALAVOLTA, E. **Manual de química agrícola**: adubos e adubações. 3. ed. São Paulo: Ceres, 1981.

MELLO, F. A. F. et al. **Fertilidade do solo**. São Paulo: Nobel, 1983.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-601	Farmacologia aplicada à Zootecnia	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
6º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Conceitos de farmacologia. Aspectos gerais de farmacocinética. Farmacodinâmica. Efeitos colaterais e períodos de carência dos principais medicamentos utilizados na produção de animais domésticos. Farmacologia de principais drogas utilizadas por sistemas e/ou aparelhos. Antiinflamatórios. Antimicrobianos. Antiparasitários. Aspectos toxicológicos dos fármacos.

OBJETIVO

Apresentar aos discentes as bases fundamentais da Farmacologia. Discutir os principais mecanismos de ação dos grupos de drogas empregados na Criação Animal. Debater os cuidados a serem tomados durante a aplicação de medicamentos de uso animal. Apresentar as vias de administração de drogas em animais de interesse zootécnico. Discutir as bases farmacológicas de antimicrobianos, antiparasitários e drogas de suporte em tratamentos empregados na rotina da criação animal. Demonstrar a importância da ação de medicamentos em animais criados em ambiente de exploração econômica e a necessária atenção aos períodos carenciais para a preservação da saúde humana e dos próprios animais. Debater sobre os aspectos econômicos ligados ao emprego de drogas em Criação Animal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BOOTH, N. H.; McDONALD, L. E. **Farmacologia e terapêutica em veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

RADOSTITS, O. M.; GAY, C. C.; BLOOD, D. C.; HINCHCLIFF, K. W. **Clínica veterinária**: um tratado de doenças dos bovinos, ovinos, suínos. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

SPINOSA, H. S.; GORNIAK, S. L.; BERNARDI, M. M. **Farmacologia aplicada à medicina veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GERRIT, D; GRUNDER, H. D.; STOBER, M. R. **Exame clínico dos bovinos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.

FERREIRA, F. M. **Antibioticoterapia em pequenos animais**. São Paulo: Icone, 1997.

SMITH, B. P. **Medicina interna de grandes animais**. 3. ed. São Paulo: Manole, 2006.

TIZARD, I. A. **Imunologia veterinária**: uma introdução. São Paulo: Elsevier, 2009.

TORTORA, G. J. **Microbiologia**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-602	Avicultura	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
6º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Importância social e econômica da avicultura, raças e marcas comerciais. Anatomia e fisiologia das aves. Incubação e embriologia aviária. Instalação de granjas avícola (ambiência, condições climáticas, infraestrutura e construções). Equipamentos avícolas. Produção e manejo de frango de corte, poedeiras comerciais, matrizes, galinhas caipiras e outras aves. Alimentos e alimentação das aves. Principais doenças, controle sanitário e biossegurança. Planejamento da empresa avícola. Comercialização de aves e ovos.

OBJETIVO

Planejar, executar e acompanhar a instalação de granjas avícolas, tanto industriais como caipiras, e incubatórios; Identificar características de aves produtoras de carne e ovos, bem como manejá-las de forma econômica e produtiva; Conceituar aspectos como sanidade e programa de vacinações, biossegurança, programas específicos de manejo (dark house, restrição alimentar, etc); Estudar a alimentação de aves industriais e caipiras; fornecer ao aluno noções de doenças e parasitas de aves.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

COTTA, T. **Alimentação de aves**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2003.

MORENG, A. **Ciência e produção de aves**. São Paulo: Roca, 1990.

MALAVAZZI, G. **Manual de criação de frangos de corte**. São Paulo: Nobel, 1992.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COTTA, T. **Frangos de corte**: criação, abate e comercialização. Aprenda Fácil, 2003.

COTTA, T. **Galinha**: produção de ovos. Viçosa: Aprenda Fácil, 2002.

MALAVAZZI, G. **Avicultura**: manual Prático. São Paulo: Nobel, 1999

MENDES, A. A., NAAS, I. A.; MACARI, M. **Produção de frangos de corte**. Campinas: FACTA, 2004.

ROSTAGNO, H. S. et al. **Tabelas brasileiras para aves e suínos**: composição de alimentos e exigências nutricionais. Viçosa: EdUFV, 2011.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-603	Conservação do Solo e Água	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
6º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Análise das formas de exploração agrícola que vem comprometendo o potencial produtivo dos nossos solos. Importância do uso sustentável dos recursos solo e água. Avaliação da compactação do solo. Erosão: causas, tipos e fatores que influem. Erosidade da chuva e erodibilidade do solo. Práticas conservacionistas de caráter mecânico, edáfico e vegetativo. Planejamento conservacionista e a recuperação de áreas degradadas. Manejo de recursos de microbacias hidrográficas. Fundamentos básicos de hidrologia, planejamento e projetos de estruturas hidráulicas e de sistemas de drenagem visando ao controle das águas naturais, superficiais e subterrâneas. Classificação da capacidade de uso do solo; planejamento de uso do solo.

OBJETIVO

Proporcionar conhecimentos sobre erosão do solo, métodos de controle e sistemas de cultivo necessários para o planejamento e uso racional do solo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BERTONI, J.; LOMBARDI NETO, F. **Conservação do solo**. São Paulo: Ícone, 2005.

GUERRA, T.; SILVA, A. S.; BOTELHO, R. G. M. **Erosão e conservação dos solos**: conceitos, temas e aplicações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

PRIMAVESI, A. **Manejo ecológico do solo**. São Paulo: Nobel, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CARVALHO, J. C.; SALES, M. M.; MELO, M. T. S. **Processos erosivos no Centro-Oeste brasileiro**. Brasília: FINATEC, 2006.

FERREIRA, P. H. M. **Princípios de manejo e de conservação do solo**. São Paulo. Nobel, 1984.

FONSECA, M. **Plantio direto de forrageiras**: sistemas de produção. Guaíba: Agropecuária, 1997.

LEPSCH, I. F. **Solos**: formação e conservação dos solos. São Paulo: Oficina de Textos, 2002.

PIRES, F. R.; SOUZA, C. M. **Práticas mecânicas de conservação do solo e da água**. Viçosa: UFV, 2003.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-604	Ovinocultura e Caprinocultura	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
6º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Histórico da ovino/caprinocultura; Importância econômica. Noções sobre o desenvolvimento da ovinocultura e caprinocultura regional, no Brasil e mundial. Principais raças de ovinos e caprinos e seus cruzamentos. Manejo geral da criação, reprodutivo e sanitário. Instalações e equipamentos. Alimentação e Nutrição de ovinos e caprinos. Escrituração zootécnica de ovinos e caprinos. Higiene e profilaxia do rebanho caprino e ovino.

OBJETIVO

O ensino desta disciplina visa fornecer aos estudantes os conhecimentos básicos capazes de tornar os alunos aptos a planejar e conduzir sistemas de produção de ovinos e caprinos conforme as técnicas modernas de exploração, objetivando equilíbrio ambiental, bem estar animal e lucratividade máxima.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CHAPAVAL, L. et al. **Manual do produtor de cabras leiteiras**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2006.

GOUVEIA, A. M. G.; ARAÚJO, E. C.; ULHOA, M. F. P. **Manejo reprodutivo de ovinos de corte nas regiões Centro-Oeste, Norte e Sudeste do Brasil**. Brasilia: LK, 2010.

RIBEIRO, S. D. A. **Caprinocultura**: criação racional de caprinos. São Paulo. Nobel, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GOUVEIA, A. M. G.; ARAÚJO, E. C.; ULHOA, M. F. P. **Instalações para a criação de ovinos tipo corte**. Brasília: LK, 2007.

MEDEIROS, L. P. et. al. **Caprinos**: princípios básicos para sua exploração. Brasília, EMBRAPA-CPAMN/SPI,1994.

MACHADO, L. C.; GERALDO, A. **Nutrição animal fácil**. Bambuí: o autor, 2011.

RESENDE, M. D. V. **Genética e melhoramento de ovinos**. Curitiba: UFPR, 2002.

SANTOS, V. T. **Ovinocultura**: Princípios básicos para sua instalação e exploração. São Paulo: Nobel, 1986.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-605	Piscicultura	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
6º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Panorama e perspectivas regional, mundial e nacional da piscicultura; Ecossistemas aquáticos; espécies de peixes próprias para o cultivo; anatomia e fisiologia da espécies de peixes de interesse econômico; características químicas e físicas da água; nutrição e alimentação de peixes; reprodução e manejo das espécies de interesse econômico; limnologia; construção de tanques; adubação e calagem de tanques; noções de enfermidades em peixes.

OBJETIVO

A disciplina Piscicultura, oferecida aos acadêmicos do Curso de Zootecnia, visa a formação básica aos técnicos interessados nas áreas de pesquisa e produção de peixes.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BALDISSEROTTO, B. **Fisiologia de peixes aplicada à piscicultura**. Santa Maria: UFSM, 2009.

BALDISSEROTTO, B. **Espécies nativas para piscicultura no Brasil**. Santa Maria: UFSM, 2005.

TEIXEIRA FILHO, A. R. **Piscicultura ao alcance de todos**. 1991. São Paulo: Nobel, 1991.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRIGUETTO, J. M.; et al. **Nutrição animal**. São Paulo: Nobel, 1994. v. 2.

LOGATO, P. V. R. **Nutrição e alimentação de peixes de água doce**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2000.

OSTRENSKY, A. **Piscicultura**: fundamentos e técnicas de manejo. Guaíba: Agropecuária, 1998

SANTOS, H. S. L. **Histologia de peixes**. Jacoticabal: UNESP, 1991.

SILVA, N. J. R. **Dinâmicas de desenvolvimento da piscicultura e políticas públicas**. São Paulo: UNESP, 2008.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-606	Qualidade da Matéria-Prima na Produção de Alimentos	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
6º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Noções de tecnologia de alimentos, controle de qualidade nas indústrias de carne e nas indústrias de leite; tratamento de resíduos, composição química, microbiologia da carne, microbiologia do leite; propriedades sensoriais dos derivados do leite e dos derivados da carne, valor nutricional da carne, valor nutricional do leite; processamento de carnes; processamento de leite; padrões de identidade e qualidade dos derivados do leite; padrões de identidade e qualidade dos derivados da carne; técnicas e procedimentos do abate humanitário; ordenha higiênica segurança alimentar, BPF, PPHO e HACCP; Sistema Global (GAP), Normas ISO.

OBJETIVO

Estudo da composição das matérias primas e dos produtos de origem animal. Implicações nutricionais e tecnológicas. Conhecimento das principais técnicas de conservação de alimentos. Noções de processos industriais e outros aspectos relacionados ao processamento de alimentos em indústrias.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CECCHI, H. M. **Fundamentos teóricos e práticos em análise de alimentos**. Campinas: UNICAMP, 2003.

EVANGELISTA; J. **Tecnologia de alimentos**. São Paulo: Atheneu, 1998.

GERMANO, P. M. L.; GERMANO, M. I. S. **Higiene e vigilância de alimentos**. São Paulo: Varela, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARRUDA BEHMER, M. L. **Tecnologia do leite**. São Paulo: Nobel, 1984.

FELLOWS, P. J. **Tecnologia do processamento de alimentos**: princípios e práticas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GAVA, A. J. **Tecnologia de alimentos**: princípios e aplicações. São Paulo: Nobel, 2008.

PARDI, M. C.; SANTOS, I. F.; SOUZA, E. R.; PARDI, H. S. **Ciência, higiene e tecnologia da carne**. Goiânia: UFG, 1993.

TERRA, N. N. **Apontamentos de tecnologia de carnes**. São Leopoldo: EdUnisinos, 1998.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-607	Sanidade Animal	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
6º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Conceitos básicos relacionados à sanidade animal. Conceituação de infecção e epizootiologia. Destruição de cadáveres. Desinfecção: desinfetantes mais comuns. Epidemiologia: fundamentos gerais da relação agente, meio ambiente e hospedeiro. Vacinação e aplicações de medicamentos: métodos de contenção dos animais. Principais doenças dos animais domésticos e zoonoses. Programa de saúde animal preventivo. Práticas de Biossegurança.

OBJETIVO

Compreender os aspectos referentes a saúde animal, aprender praticas que preservem a saúde animal e a identificação das principais enfermidades que acometem os animais e potencialmente podem causar prejuízos econômicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDRETTI FILHO, R. L. **Saúde aviária e doenças**. São Paulo: Roca, 2007.

RADOSTITS, O. M.; GAY, C. C.; BLOOD, D. C.; HINCHCLIFF, K. W. **Clínica veterinária**: um tratado de doenças dos bovinos, ovinos, suínos, caprinos e equinos. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

SMITH, B. P. **Tratado de medicina interna de grandes animais**. São Paulo: Manole, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BISTNER, S. I. **Manual de procedimentos veterinários e tratamento de emergências**. São Paulo: Roca, 1997.

KESSLER, R. H.; SHENK, M. **Carrapato, tristeza parasitária e tripanossomose dos bovinos**. Brasília: EMBRAPA, 2002.

LAZZARINI, S. G. **Saúde de rebanhos de corte**. Viçosa: Aprenda fácil, 2001.

SANTOS, B. M.; DIAS, C. C. A.; MOREIRA, M. A. S. **Manual de doenças avícolas**. Viçosa: UFV, 2009.

ROSENBERGER, G. **Exame clínico dos bovinos**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-608	Sistemas Agrosilvopastoris	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
6º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Conceituação dos sistemas agrosilvopastoris, (agrícolas, silvícolas e pastoris) e associação entre eles; Importância das culturas indicadas para os sistemas agrosilvopastoris; Importância do reflorestamento para o meio ambiente; Planejamento, implantação e monitoramento de sistemas agrosilvopastoris.; Escolha da área; Preparo do solo; Variedades indicadas; Plantio; Carreadores e espaçamento; ratos culturais; Controle de pragas e doenças.

OBJETIVO

Proporcionar ao estudante os conhecimentos necessários sobre sistemas agrosilvopastoris; Diferenciar os sistemas, agrícolas, pastoris e silvícolas, bem como as suas associações; Desenhar, implantar e assistir a produção em sistemas agrosilvopastoris; Reconhecer os benefícios dos sistemas agrosilvopastoris.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AIDAR, H.; STONE, L. F.; KLUTHCOUSKI, J. **Integração lavoura-pecuária**. Santo Antônio de Goiás: EMBRAPA, 2003.

PEDREIRA, C. G. S. et al. **As pastagens e o meio ambiente**. Piracicaba: FEALQ, 2006.

VILELA, H. **Pastagem**: Seleção de plantas forrageiras implantação e adubação. Viçosa: Aprenda Fácil, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FONSECA, M. **Plantio direto de forrageiras**: sistemas de produção. Guaíba: Agropecuária, 1997.

PIRES, W. **Manual de pastagens**: formação, manejo e recuperação. Viçosa: Aprenda Fácil, 2006.

PRIMAVESI, A. **Manejo ecológico do solo**. São Paulo: Nobel, 2002.

MELADO, J. **Manejo de pastagem ecológica**: um conceito para o terceiro milênio. Viçosa: Aprenda Fácil, 2006.

SILVA, S. **Plantas forrageiras de A a Z**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2009.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-609	Terapias Alternativas na Produção Zootécnica	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
6º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Imunologia Básica.

EMENTA

Histórico da terapêutica animal. Noções de terapêutica alternativa. Homeopatia veterinária atual e perspectivas. Princípios fundamentais da homeopatia; o medicamento homeopático único, origem e preparo dos medicamentos homeopáticos. A homeopatia no controle da mastite, carrapatos, mosca dos chifres e mosca doméstica; no controle de diarreias de neonatos e no controle da verminose, na produção orgânica, na melhoria da eficiência reprodutiva. Principais plantas medicinais de conhecimento popular e perspectivas da fitoterapia veterinária. Cultivo de plantas medicinais, fatores que afetam os princípios ativos; métodos de propagação, colheita, secagem e armazenagem de plantas medicinais, preparo de extratos fitoterápicos. Acupuntura na produção animal; Planos e pontos de acupuntura em bovinos e equinos. Equilíbrio energético do corpo e doença. Aromaterapia e cromoterapia na produção animal. Musicoterapia na produção animal.

OBJETIVO

Proporcionar ao aluno elementos de medicina alternativa que possam ser utilizados como alternativa aos fármacos convencionais na produção animal. Oferecer elementos técnicos relacionados ao modo de ação preparo e uso das terapias alternativas que possam ser aplicados à produção animal. Estimular as buscas alternativas de produção que sejam socialmente mais justas, ambientalmente corretas, que proporcionem maior respeito animal e que viabilizem a produção orgânica de alimentos. Proporcionar conhecimentos das terapias alternativas que possam ser aplicados no controle e profilaxia de doenças infecciosas e de parasitas que acometem animais domésticos e silvestres, bem como, conhecimentos relacionados ao cultivo, extração, preparo e aplicação de fitoterápicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DANTAS, F.O. **O que é homeopatia**? São Paulo: Brasiliense,1998.

MICHAUD, J. **Ensino superior de homeopatia**: homeopatia geral. São Paulo: Andrei, 1998.

SCHELLACK, G. **Farmacologia**: uma abordagem didática. São Paulo: Fundamento Educacional, 2005

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FRANCESCHINI FILHO, S. **Plantas terapêuticas**. São Paulo: Andrei, 2004.

FURLAM, M. R. **Cultivo de plantas medicinais**. Cuiabá: SEBRAE/MT, 1999. (Coleção Agroindústria, 13).

MORGAN, R. **Enciclopédia das ervas e plantas medicinais**. São Paulo: Hemus, 1997.

NEVES, E. J. M.; CARPANEZZI, A. A. **A cultura do Nim**. Brasília: EMBRAPA, 2008.

TOSO, R. E. et al. **Farmacologia veterinária**: temas escolhidos II. Guaíba: Agropecuária, 1999.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-701	Bovinocultura de Corte	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
7º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Histórico da bovinocultura de corte. Situação atual da bovinocultura de corte: perspectivas do âmbito mundial e nacional, condições de criação no Brasil. Principais raças bovinas de corte: características das principais raças europeias, zebuínas e sintéticas criadas no Brasil. Aspectos básicos do manejo de bovino de corte: aspectos reprodutivos (estação de monta; eficiência reprodutiva). Manejo dos bovinos nas diferentes fases de criação: princípios do aleitamento, marcação, castração, individualização, descorna. Sistemas de terminação de bovinos de corte: confinamento, semi-confinamento e terminação a pasto. Utilização de pastagens na bovinocultura de corte, Sistema precoce e superprecoce de criação. Escrituração zootécnica e índices zootécnicos. Planejamento e evolução do rebanho.

OBJETIVO

Capacitar os estudantes a entenderem a realidade e os pontos de estrangulamento da produção da pecuária bovina de corte, além de buscarem alternativas e novas tecnologias para melhorar essa atividade no Brasil.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CABRAL, L. S.; ZERVOUDAKIS, J. T. **Nutrição e produção de bovinos de corte**. Cuiabá: Anne Artes, 2011.

LAZZARINI NETO, S. **Confinamento de bovinos**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2000.

LAZZARINI NETO, S. **Cria e recria**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AGUIAR, A. P. A.; REZENDE, J. R. **Pecuária de corte**: custo de produção e análise econômica. Viçosa: Aprenda Fácil, 2010.

CORRÊA. A. N. S **Gado de corte**: o produtor pergunta, a Embrapa responde. Brasília: EMBRAPA, 1996.

DOMINGUES, A. N. **Confinamento de bovinos**. Brasília: LK, 2010.

PEDREIRA, C. G. S. et al. **Produção de ruminantes em pastagens**. Piracicaba: FEALQ, 2007.

PY, C. F. R. **Pecuária de corte**: projetos de desenvolvimento. Guaíba: Agropecuária, 1995.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-702	Bovinocultura de Leite	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
7º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Pecuária leiteira no Brasil e no mundo. Importância do leite como alimento na nutrição humana. Raças leiteiras. Reprodução do gado leiteiro. Manejo e alimentação do gado leiteiro. Controle zoossanitário do rebanho leiteiro.

OBJETIVO

Permitir ao aluno ampliar os conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas e práticas do Curso de Bovinocultura de Leite; possibilitar a execução de diversas tarefas relacionadas com atividades rotineiras num sistema de produção de leite; possibilitar o desenvolvimento do aluno como profissional na área de pesquisa, seja em instituições governamentais ou produtivas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

PEREIRA, S. C. **Vacas leiteiras**: aspectos práticos da alimentação. Viçosa: Aprenda Fácil, 2000

PEIXOTO, A. M.; MOURA, J. C. de; FARIA, V. P. de. **Bovinocultura leiteira**: fundamentos da exploração racional. Piracicaba: Fealq, 2000.

MONTARDO, O. V. **Alimentos e alimentação do rebanho leiteiro**. Guaíba: Agropecuária, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CAMPOS, O. F. **Gado de corte**: o produtor pergunta, a Embrapa responde. Brasília: EMBRAPA, 2004.

CHAPAVAL, L. **Leite de qualidade**: manejo reprodutivo, nutricional e sanitário. Viçosa: Aprenda fácil, 2000.

KIRCHOF, B. **Exploração leiteira para produtores**. Guaíba: Agropecuária, 1994.

LUCCI, C. S. **Bovinos leiteiros jovens**: nutrição, manejo e doenças. São Paulo: Nobel, 1989.

SILVA, J. C. P. M. **Manejo e administração na bovinocultura de leite**. Viçosa: Suprema, 2009.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-703	Economia e Administração Rural	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
7º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Teoria Geral de Sistemas, Teorias da Administração, Administração Rural, Conceitos básicos de economia; perfil econômico do setor agropecuário; modelo de mercado (Elasticidade, oferta e procura); teoria da produção e do custo; organização do mercado; comercialização agrícola e análise de preços; Conceitos e medidas das variáveis macroeconômicas. políticas governamentais, sistema financeiro. Valoração ambiental.

OBJETIVO

Conhecer os conceitos básicos de administração e economia aplicada ao ambiente rural, correntes de pensamento e aplicação prática.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BATALHA, M. O. **Gestão agroindustrial**. São Paulo: Atlas, 2007.

MAXIMIANO, A. C. A. **Introdução à administração**. São Paulo: Atlas, 2010.

ROSSETI, J. P. **Introdução à economia**. Atlas, 1997.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARAÚJO, M. **Fundamentos de agronegócios**. São Paulo: Atlas, 2010.

CALLADO, A. A. C. **Agronegócio**. São Paulo: Atlas, 2011.

CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

MARION, J. C. **Contabilidade da pecuária**. São Paulo: Atlas, 2007.

SLACK, N.; CHAMBERS, S.; JOANSTON, R. **Administração da produção**. São Paulo: Atlas, 2009.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-704	Equideocultura	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
7º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Introdução a equideocultura: Evolução e importância da equideocultura no Brasil e no mundo. Domesticação do cavalo, introdução do cavalo na América, origem dos cavalos brasileiros. Equídeos criados no Brasil: raças estrangeiras, raças nacionais, asininos e muares. Andamentos: andamentos do ponto de vista zootécnico, sucessão e particularidades dos andamentos, estudo do casco. Cronometria dentária e estudo da idade pela dentição. Nutrição e alimentação: energia, proteína, fibra, minerais e vitaminas, principais alimentos, práticas do arraçoamento. Manejo reprodutivo, manejo sanitário, manejo do potro, da égua e do garanhão, doma racional. Noções de instalações zootécnicas, transporte e planejamento do haras.

OBJETIVO

Habilitar o graduando para o conhecimento e aplicação prática dos conceitos adquiridos na disciplina relacionada a Equideocultura, bem como treina-lo à saber resolver os problemas relacionados à criação de equinos

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CINTRA, A. G. C. **O cavalo**: características, manejo e alimentação. São Paulo: Roca, 2011.

FRAPE, D. **Nutrição e alimentação dos equinos**. São Paulo: Roca, 2008.

MILLS, D.; NANKERVIS, E.; KATHRYN, J. **Comportamento equino**: princípios e prática. São Paulo: Roca, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LEY, W .B. **Reprodução em éguas para veterinários de equinos**. São Paulo: Roca, 2006.

LEWIS, L.D. **Alimentação e cuidados do cavalo**. São Paulo: Roca. 1985.

RIBEIRO, D. B. **O livro do cavalo**. São Paulo: Purina, 1987.

TISSERAND, J. L. **A alimentação prática do cavalo**. São Paulo: Andrei, 1983.

TORRES, A. P. **Criação do cavalo e de outros equinos**. São Paulo: Nobel, 1977.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-705	Melhoramento Genético Animal I	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
7º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Conceitos relacionados com a genética mendeliana. Detecção de genes letais recessivos. Modos de ação gênica. Genética de populações. - Equilíbrio de Hardy-Wenberg. - Frequências Gênicas. - Fatores que alteram as frequências gênicas. Genética quantitativa. - Valores e medias - Variância nas Populações. - Estudo da semelhança entre parentes - Cálculo de coeficientes de endogamia de parentesco - Estimação de parâmetros genéticos. - Herdabilidade - Repetibilidade - Correlações Seleção para uma característica -Conceitos - Diferencial- Resposta a seleção - Métodos de seleção Seleção simultânea para várias características - Conceitos– Resposta correlacionada Conceituação de sistemas de acasalamento Efeitos e aplicações da endogamia Cruzamentos e heterose.

OBJETIVO

A disciplina tem como objetivo transmitir conhecimento aos alunos sobre conceitos fundamentais de genética de populações e genética quantitativa, os quais são essenciais nas tomadas de decisão em melhoramento genético animal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KINGHORN, B. **Melhoramento animal**: uso de novas tecnologias. Piracicaba: FEALQ, 2006.

PEREIRA, J. C. C. **Melhoramento genético aplicado**: bases para a produção do zebu. Belo Horizonte: FEP-MVZ, 1997.

CRUZ, C. D. **Princípios de genética quantitativa**. Viçosa: UFV, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LAZZARINI NETO, S. **Reprodução e melhoramento genético**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2000.

OTTO, P. G. **Genética básica para veterinária**. São Paulo: Roca, 2012.

RAMALHO, M.; SANTOS, J. B.; PINTO, C. B. **Genética na agropecuária**. Lavras: EDUFLA, 2008.

SNUSTAD, D. P. **Fundamentos de genética**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

TORRES JÚNIOR, R. A. A.; SILVA, M. A.; LOPES, P. S.; MARTINS, E. N. **Uso de modelos mistos na avaliação genética animal**. Viçosa: UFV, 1997.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-706	Produção e Manejo de Espécies Silvestres	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
7º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Biodiversidade; aspectos gerais da fauna brasileira; preservação de silvestres. Legislação para criação e comercialização de animais silvestres Planejamento da criação de animais silvestres: finalidade, comercialização. Preservação de animais silvestres. Domesticação e utilização dos animais silvestres. Classificação zoológica das principais espécies. Manejo dos principais animais silvestres de interesse zootécnico: principais espécies, manejo reprodutivo, manejo sanitário, instalações, alimentação e nutrição racional. Manejo e preservação de espécies selecionadas de animais silvestres.

OBJETIVO

Fornecer ao aluno aspectos gerais da fauna brasileira, bem como da necessidade de sua preservação e interação com o meio. Fornecer conhecimento de criação e manejo de alguns animais silvestres brasileiros. Fornecer conhecimentos dos aspectos econômicos da legislação que controla a criação e o comércio de produtos e derivados.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

PRIMACK, R. B.; RODRIGUES, E. **Biologia da conservação**. Londrina: E. Rodrigues, 2001.

HOSKEN, F. M.; SILVEIRA, A. C. **Criação de emas**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2003.

SOUZA, J. D. S. **Criação de avestruz**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALBINO, L. F. T.; BARRETO, S. L. T. **Criação de codornas para produção de ovos e carne**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2008.

HOSKEN, F. M.; SILVEIRA, A. C. **Criação de capivaras**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2002.

HOSKEN, F. M.; SILVEIRA, A. C. **Criação de pacas**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.

CARVALHO, J. C. M. **Atlas da fauna brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

WILSON, E. O. **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-707	Sociologia	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
7º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Fundamentos teóricos da Sociologia Rural. Princípios constitutivos da realidade social agrária brasileira. O desenvolvimento do capitalismo no campo: mudanças nas relações de produção e nas relações de trabalho. A estrutura agrária brasileira, Os movimentos sociais contemporâneos e as lutas pela posse da terra no Brasil. Desenvolvimento histórico dos Direitos Humanos. O papel da sociedade civil na promoção dos direitos humanos. Educação para as relações étnico-raciais.

OBJETIVO

Apresentar o contexto da ruralidade contemporânea, as relações sociais e econômicas do/no campo. Capacitar os discentes para atuação consciente nos movimentos sociais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GUARESCHI, A. P. **Sociologia crítica**: alternativas de mudança. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1989.

PRADO JUNIOR, C. **A questão agrária no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MERKESENAS, P. **Aprendendo sociologia**: a paixão de conhecer a vida. São Paulo: Loyola, 1985.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COMPARATO, F. K. **A afirmação histórica dos direitos humanos**. São Paulo: Saraiva, 2008.

DEMO, P. **Sociologia**: uma introdução crítica. São Paulo: Atlas, 1985.

FORACCHI, M. M. MARTINS, S. J. **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2006.

LEITE, S. (Org.). **Políticas públicas e agricultura no Brasil**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2001.

LIMA JUNIOR, J. B. **Os direitos humanos econômicos, sociais e culturais**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

MCLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-708	Suinocultura	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
7º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Histórico; Evolução, situação atual e perspectivas da suinocultura; Instalações e Equipamentos; Manejo; Reprodução; Gestação e Lactação; Pré-inicial e Inicial; Crescimento e Terminação; Manejo dos dejetos suínos; Principais raças e cruzamentos; 5. Sintomatologia e Profilaxia das principais doenças; Planejamento de uma criação e avaliação dos índices zootécnicos.

OBJETIVO

Enfocar a importância da exploração suinícola como alternativa econômica viável, na produção de proteína de origem animal, bem como de produtos biológicos. Relacionar e analisar os principais índices zootécnicos da suinocultura. Definir e diferenciar os itens: Sistemas de Criação e Tipos de Produção, Nutrição, Instalações e Equipamentos, Ambiência e Gerenciamento de uma Granja e Gerenciamento Ambiental.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BONETT, L. P., MONTINELLI, C. J. **Suínos**: o produtor pergunta a Embrapa responde. Brasília: Embrapa, 1998.

SOBESTIANSKY, J. et al. **Suinocultura intensiva**: produção, manejo e saúde do rebanho. Brasilia: Embrapa/Ministério da Agricultura e Abastecimento, 1998.

CARAMORI JUNIOR, J. G. **Manejo de leitões**: da maternidade a terminação. Brasilia: LK, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BERTECHINI, A. G. **Nutrição de monogástricos**. Lavras: EdUFLA, 2006. v. 1.

CARAMORI JUNIOR, J. C. **Manejo reprodutivo de suínos**. Brasília, LK, 2007.

LOPES, P. S. **Melhoramento de suínos**. Viçosa: UFV, 2001. (Caderno didático, 37).

ROSTAGNO, H. S. et al. **Tabelas brasileiras para aves e suínos**: composição de alimentos e exigências nutricionais. Viçosa: EdUFV, 2011.

UPNMOOR, I. **Produção de suínos**: a matriz. Guaíba: Agropecuária, 2000.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-801	Associativismo	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
8º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Historicidade do associativismo; Bases teóricas do associativismo; Economia solidária e sua aplicação; Potencial de cooperação e articulação no desenvolvimento rural; organização e administração de associações e cooperativas; agricultura familiar; Economia solidária no meio rural; Casos sobre cooperativismo popular de produtos de origem animal. Administração do terceiro setor; Legislação aplicada aos segmentos.

OBJETIVO

Proporcionar conhecimentos técnicos aos discentes referente à organização social e desenvolvimento rural, a alternativa do associativismo; discutir a importância da economia solidária no meio rural e suas potencialidades; desenvolver a habilidade de coordenar a implantação de associações, cooperativas e sindicatos, especialmente de organizações que produzem e comercializam produtos de origem animal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MARTINS, S. P. **Cooperativas de trabalho**. São Paulo: Atlas, 2008.

ABRANTES, J. **Associativismo e cooperativismo**. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. **Cooperativismo brasileiro**. Ribeirão Preto: Comunicação e Marketing, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DERKOSKI, J. L. **Administração de cooperativas**. São Paulo: Brascoop. 1982.

DUMKE, E.; ANAZCO, J. K.; PAUL, N. **Central de negócios**: um caminho para a sustentabilidade de seus negócios. São Paulo: Elsevier, 2010.

NETO, S. B. **Aspectos econômicos das cooperativas**. Belo Horizonte: Mandamentos, 2006.

OLIVEIRA, D. P. R. **Manual de gestão das cooperativas**: uma abordagem prática. São Paulo: Atlas, 2009.

VIANNA, C. S. V.; FARACE, M. F. **Manual prático das sociedades cooperativas**. São Paulo: LTR, 1999.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-802	Bem-estar Animal	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
8º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Conceito de bem-estar animal, saúde e comportamento. Comportamento Animal como resposta. Aprendizagem Animal. Ecologia e Comportamento Animal. Comportamento de Contato. Classes de Grupos Animais. Fatores de Alteração do Comportamento Animal. O conceito das cinco liberdades. Estresse. Dor, depressão e saúde. Formas de diminuir a dor e sofrimento animal. Meio ambiente e bem-estar animal. Abate humanitário. Religião e os animais. Transporte animal. Direito universal dos animais. Maus tratos e crueldade. Exploração animal. Legislação de proteção animal no Brasil.

OBJETIVO

Dar ao estudante elementos de saúde e bem estar animal. Sensibilizar o aluno para o respeito pelo animal; Oferecer ao estudante conceitos fundamentais para evitar dor e sofrimento animal; Estudar a relação entre religião e bem estar animal; Estudar a legislação de proteção e bem estar animal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GRANDIN, T. JOHNSON, C. **O bem-estar dos animais**: proposta de uma vida melhor para todos os bichos. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

GRANDIN, T. JOHNSON, C. **Na língua dos bichos**: Usando os mistérios do autismo para decodificar o comportamento animal. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

KREBS, J. R.; DAVIES, N. B. **Introdução à ecologia comportamental**. São Paulo: Atheneu, 1996.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LORENZ, K. **Os fundamentos da etologia**. São Paulo: Unesp, 1995.

MILLS, D. NANKERVIS, E.; KATHRYN, J. **Comportamento equino: princípios e prática**. São Paulo: Roca, 2008.

COSTA, M. J. R. P.; CROMBERG, V.U. **Comportamento materno em mamíferos**: bases teóricas e aplicações aos ruminantes domésticos. São Paulo: SBEt:,2000.

FRASER, A. F.; BROOM, D. M. **Comportamento e bem-estar de animais domésticos**. 4. ed. Barueri: Manole, 2010.

FERREIRA, A. C. B. S. G. **A proteção aos animais e o direito**: o status jurídico dos animais como sujeitos de direito. Curitiba: Juruá, 2014.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-803	Melhoramento Genético Animal II	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
8º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Melhoramento Genético Animal I.

EMENTA

Avaliação genética de rebanhos. Métodos de predição de valores genéticos. Acurácia da predição - Sistemas de acasalamento. Acasalamentos aleatórios, acasalamentos de semelhantes e de dissemelhantes. Acasalamentos endogâmicos. Depressão pela endogamia. Cruzamentos, heterose e estimação de parâmetros dos cruzamentos. Predição do desempenho de cruzamentos. Programas de cruzamento - Programas de melhoramento genético de algumas espécies de interesse econômico.

OBJETIVO

A disciplina tem como objetivo transmitir conhecimento aos alunos sobre os métodos utilizados em Melhoramento Genético Animal visando o aumento da produtividade dos rebanhos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KINGHORN, B. **Melhoramento animal**: uso de novas tecnologias. Piracicaba: FEALQ, 2006.

LOPES, P. S. **Melhoramento de suínos**. Viçosa: UFV, 2001. (Caderno didático, 37).

PEREIRA, J. C. C. **Melhoramento genético aplicado**: bases para a produção do zebu. Belo Horizonte: FEP-MVZ, 1997.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LAZZARINI NETO, S. **Reprodução e melhoramento genético**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2000.

OTTO, P. G. **Genética básica para veterinária**. São Paulo: Roca, 2012.

RAMALHO, M.; SANTOS, J. B.; PINTO, C. B. **Genética na agropecuária**. Lavras: EDUFLA, 2008.

RESENDE, M. D. V. **Genética e melhoramento de ovinos**. Curitiba: UFPR, 2002.

SILVA, J. C. P. M. **Manejo e administração na bovinocultura de leite**. Viçosa: Suprema, 2009.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-804	Mecanização Agrícola	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
8º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Introdução: Importância da Mecanização Agrícola Racional. Trabalho e Energia. Torque e Potência. Fontes de Potência no Meio Rural. O Trator: Definições, Classificação, Aplicação. Motores de Combustão Interna: Definições. Princípios de Funcionamento. Ciclo Otto e Ciclo Diesel, 2 tempos e 4 tempos. Motores Multicilindros. Sistemas de Válvulas. Sistema de Alimentação dos Motores. Filtros e Purificadores de Ar. Sistemas de Arrefecimento. Sistemas de Lubrificação. Combustíveis e Lubrificantes. Sistemas de Transmissão, Direção e Locomoção de Tratores. Teoria da Fração, Equilíbrio Dinâmico dos tratores. Pontos de potência dos Tratores: TDP, BT e Sistema hidráulico. Desempenho dos Tratores. Lubrificantes e lubrificadores; Máquinas de preparo inicial do solo; Máquinas de preparo periódico do solo; Máquinas para aplicação de fertilizantes e corretivos; Máquinas para semeadura; Máquinas para aplicação de defensivo; Máquinas para colheita de cereais; Máquinas para colheita de forragem para ensilagem; Máquinas para fenação; Roçadeiras; Planejamento para utilização racional de máquinas e implementos agrícolas.

OBJETIVO

Conhecer as principais máquinas e implementos agrícolas destinados à produção agropecuária, com o intuito de usufruir os seus benefícios dentro de modernas e adequadas tecnologias. Capacitar o aluno a definirem operações de mecanização agrícola mais adequada a determinado tipo de solo, de modo a reduzir os impactos ambientais e proporcionar melhor custo benefício.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

PORTELLA, J. A. **Semeadoras para plantio direto**. Viçosa: Aprenda Fácil. 2001.

SILVEIRA, G. M. **Máquinas para a pecuária**. São Paulo: Nobel, 1997.

SILVEIRA, G. M. **Máquinas para plantio e condução das culturas**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

PORTELLA, J. A. **Colheita de grãos mecanizada**: implementos, manutenção e regulagem. Viçosa: Aprenda Fácil, 2000.

SILVEIRA, G. M. **As máquinas para colheita e transporte**. São Paulo, Globo, 1991.

SAAD, O. **Seleção do equipamento agrícola**. São Paulo: Nobel, 1983.

SILVEIRA, G. M. **Os cuidados com o trator**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.

COMETTI, N. N. **Mecanização agrícola**. Curitiba: LT, 2012.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-805	Gestão Ambiental	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
8º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Histórico; Planejamento Ambiental: paradigmas de desenvolvimento; Etapas, estruturas e instrumentos do planejamento ambiental; área, escala e tempo; indicadores ambientais e planejamento; temáticas e temas de planejamento ambiental; Avaliação de Impactos Ambientais; monitoramento ambiental; Integração de Informações; modelagem ambiental Tomada de decisão; Educação ambiental e participação social; Legislação; avaliação de perigos e riscos ambientais; análise do risco ecológico; Planos diretores municipais; Sistemas ambientais urbanos sustentáveis e seu gerenciamento integrado. Instrumentos de gestão ambiental urbana.

OBJETIVO

Apresentar o histórico do planejamento ambiental e os porquês da sua necessidade. Capacitar o discente para aturem como planejadores ambientais na esfera pública e privada; elaborar modelos ambientais; liderar equipes multidisciplinares: na avaliação de impacto ambiental e no seu respectivo relatório de impacto ambiental, em planos diretores de cidades e outros que envolvam a questão ambiental; elaborar zoneamentos ambientais; planejar e implementar arranjos produtivos locais sustentáveis e; prestar consultoria e assessoria.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRAGA, B. et al. **Introdução a engenharia ambiental**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

DONAIRE, D. **Gestão ambiental na empresa**. São Paulo: Atlas, 1997.

SANTOS, R. F. **Planejamento ambiental**: teoria e prática. São Paulo: Oficina dos Textos, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CARRASCO, L. (Coord.). **Máfia verde**: o ambientalismo a serviço do governo mundial. Rio de Janeiro: Executive Inteligence Review, 2001.

DIAS, G. F. **Educação ambiental**: princípios e práticas. São Paulo: Globo, 1998.

MANO, E. B.; PACHECO, E. B. A. V.; BONELLI, C. M. C. **Meio ambiente**: poluição e reciclagem. São Paulo: Blucher, 2010.

SEGANFREDO, M. A .**Gestão ambiental na suinocultura**. Brasília: Embrapa, 2007

SANCHÉZ, L. E. **Avaliação de impacto ambiental**: conceitos e métodos. São Paulo: Oficina de textos, 2006.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-806	Produção Alternativa de Monogástricos	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
8º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Os impactos das criações intensivas nos ecossistemas do Brasil. Sistemas de produção ambientalmente sustentáveis. Raças de aves e suínos mais adequadas ao manejo ecológico. Instalações, equipamentos e manejo voltados ao sistema alternativo de produção de aves e suínos. Programa de nutrição e alimentação. Principais espécies forrageiras em sistemas de cultivos agroecológico de interesse zootécnico para aves e suínos. Programa profilático, higiênico e sanitários. Principais doenças, seus sintomas e o controle alternativo. Comportamento e bem estar animal. Inserção do pequeno produtor no agronegócio.

OBJETIVO

Proporcionar ao aluno uma visão multidisciplinar dos problemas decorrentes do sistema de confinamento de aves e suínos, assim como fornecer subsídios para elaboração e análise de agroecossistemas sustentáveis sob o ponto de vista social, econômico e ambiental.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALBINO, L. F. T., VARGAS Jr, J. G., SILVA, J. H. V. **Criação de frango e galinha caipira**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.

KUPSCH, W. **Criação e manutenção de perus e gansos**. São Paulo: Nobel,1979.

SEGANFREDO, M. A. **Gestão ambiental na suinocultura**. Brasília: Embrapa. 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FIALHO, T. E. **Alimentos alternativos para suínos**. Piracicaba: EDUFLA, 2009.

EMBRAPA. **Criação de galinhas caipiras**. Brasília: EMBRAPA, 2007. (Coleção ABC da agricultura familiar).

ENGLERT, S. **Avicultura**: tudo sobre raças, manejo e alimentação. Guaíba: Agropecuária, 1998.

MALAVAZZI, G. **Avicultura**: manual prático. São Paulo: Nobel, 1999.

INRA. **Alimentação dos animais monogástricos**: suínos, coelhos e aves. 2. ed. São Paulo: Roca, 1999.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-OP4	Produção de Trabalhos Acadêmicos	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
8º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Tipos de trabalhos acadêmicos. Formatação de trabalhos acadêmicos. Produção técnica de texto. Produção de artigos científicos, produção de resumo expandido. Produção de resumo. Técnicas de apresentação.

OBJETIVO

Capacitar o discente para a leitura e escrita científica, observando as normatizações técnicas. Habilitá-lo para a apresentação de projetos científicos e tecnológicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABRAHAMSOHN, P. A. **Redação científica**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2004.

MORGADO, F. **Formatando teses e monografias com BrOffice**. São Paulo: Ciência Moderna, 2008.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 1996

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejando e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2002.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resumo**. São Paulo: Parábola, 2004.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resenha**. São Paulo: Parábola, 2004.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Planejar gêneros acadêmicos**. São Paulo: Parábola, 2004.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-OP5	Análise Econômica de Sistemas Agroindustriais	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
8º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Introdução as ciências econômicas; mercados; agronegócios; análise de cadeias produtivas; características de mercados agroindustriais; teoria de custos aplicada a unidades de produção agroindustriais; comercialização de produtos agroindustriais; Gerenciamento de agroindústrias e tomada de decisão.

OBJETIVO

Identificar nas ciências econômicas uma ferramenta de gestão de SAGS; Caracterizar os mercados de produtos agroindustriais; Fornecer ferramentas para análise de cadeias produtivas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

PORTER, M. E. **Estratégia competitiva**: técnicas para análise de indústrias e da concorrência. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

ROSSETI, J. P. **Introdução à economia**. São Paulo: Atlas, 1997.

ZYLBERSZTAJN, D.; SCARE, R. F. **Gestão da qualidade no agribusiness**: estudos e casos. São Paulo: Atlas, 2003

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARAÚJO, M, **Fundamentos de agronegócios**. São Paulo: Atlas, 2010.

BATALHA, M. O. **Gestão agroindustrial**. São Paulo: Atlas, 2007.

MACHADO, J. A. P. **Projetos econômicos**: uma abordagem prática de elaboração. São Paulo: Nobel, 2002.

MAXIMIANO, A. C. A. **Introdução à administração**. São Paulo: Atlas, 2010.

SLACK, N.; CHAMBERS, S.; JOANSTON, R. **Administração da produção**. São Paulo: Atlas, 2009.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-OP6	Tecnologia de Produtos de Origem Animal	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
8º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Introdução e histórico da tecnologia de produtos agropecuários; Conceitos de Higiene e Sanitização de matéria-prima, equipamentos, utensílios e ambientes destinados a transformação de alimentos. Métodos de conservação e armazenamento de produtos cárneos industrializados; Elaboração de trabalho teórico ou teórico-prático sobre a aplicação dos conceitos de elaboração de produtos industrializados de origem animal.

OBJETIVO

Fornecer aos alunos conhecimentos sobre as principais técnicas de conservação e industrialização de produtos de origem animal, aplicáveis nas propriedades agrícolas, visando diversificar a produção, minimizar perdas, aproveitar excedentes e agregar valor ao produto final.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BEHMER, M. L. A. **Tecnologia do leite**: produção, industrialização e análise. São Paulo: Nobel, 1999.

EVANGELISTA, J. **Tecnologia de alimentos**. São Paulo: Atheneu, 2003.

TERRA, N. N. **Apontamentos de tecnologia de carnes**. São Leopoldo: EdUnisinos, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FOSCHIERA, J. L. **Indústria de laticínios**: industrialização do leite, análises e produção de derivados. Porto Alegre: Suliani, 2004.

OETTERER, H. W. **Industrialização do pescado cultivado**. Guaíba: Agropecuária, 2002.

PARDI, M. C.; SANTOS, I. F.; SOUZA, E. R.; PARDI, H. S. **Ciência, higiene e tecnologia da carne**. Goiânia: UFG, 1993. v. 1.

SILVA, N. et al. **Manual de métodos de análise microbiológica de alimentos e água**. São Paulo: Varela, 2010.

WILSON, W. G. **Inspeção prática da carne**. São Paulo: Roca, 2009.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-OP7	Formulação de Ração para Animais de Interesse Zootécnico	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
8º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Evolução da nutrição e do uso dos alimentos e nutrientes. Interpretação das tabelas de exigências e de composição de alimentos para diferentes espécies animais. Bases para cálculo: determinação das exigências diárias em nutrientes e energia. Seleção de alimentos ou alimentos disponíveis. Métodos de formulação de rações (cálculo de dietas pelo método da tentativa e erro, cálculo de dietas pelo método do quadrado de Pearson, cálculo de dietas pelo método das equações algébricas, cálculo de dietas através de programas computacionais). Formulação de suplementos minerais.

OBJETIVO

Apresentar aos estudantes as exigências nutricionais, tabelas de composição de alimentos e capacitá-los para formular de ração para máximo desempenho e custo mínimo para animais de produção.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDRIGUETTO, J. M. et al. **Nutrição animal**: as bases e os fundamentos da nutrição animal. São Paulo: Nobel, 1994.

LANA, R. P. **Nutrição e alimentação animal**: mitos e realidades. Viçosa: EdUFV, 2005.

SILVA, D. J. **Análise de alimentos**: métodos químicos e biológicos. Viçosa: EdUFV, 1990.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BERCHIELLI, T. T. PIRES, A. V.; OLIVEIRA, S. G. **Nutrição de ruminantes**. São Paulo: Funep, 2006.

BERTECHINI, A. G. **Nutrição de monogástricos**. Lavras: EdUFLA, 2006.

MACHADO, L. C.; GERALDO, A. **Nutrição animal fácil**. Bambuí: o autor, 2011.

ROSTAGNO, H. S. et al. **Tabelas brasileiras para aves e suínos**: composição de alimentos e exigências nutricionais. Viçosa: EdUFV, 2011.

VALADARES FILHO, S. C. et al. **Tabelas brasileiras de composição de alimentos para bovinos**. Viçosa: EdUFV, 2010.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-901	Legislação Agrária e Ambiental	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
9º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Introdução ao Direito Agrário – Constituição Federal e Estatuto da Terra; Hierarquia das leis; Princípios do Direito ambiental; Leis ambientais; Resoluções do CONAMA e ANVISA; Perito Ambiental e Perícia Ambiental.

OBJETIVO

Apresentar a legislação agrária e ambiental do Brasil e do Mato Grosso. Capacitar os discentes para: aplicar a legislação agrária e ambiental; coordenar os processos administrativos de licenciamento ambiental e; realizar perícias ambientais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FIORILLO, C. A. P. **Curso de direito ambiental brasileiro**. São Paulo: Saraiva, 2007.

OLIVEIRA, U. M. **Princípios de direito agrário na constituição vigente**. Curitiba: Juruá, 2010.

REZECK, G. E. K. **Imóvel agrário**: agrariedade, ruralidade, e rusticidade. Curitiba: Juruá, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ASSAD, Z. P. **Legislação ambiental de Mato Grosso**. Cuiabá: ALMT, 2007.

FIORILLO, C. A. P. **Princípios do direito processual ambiental**. São Paulo: Saraiva, 2010.

FIORILLO, C. A. P.; RODRIGUES, M. A. **Manual de direito ambiental e legislação aplicável**. São Paulo: Max Limonad, 1999.

MARQUES, B. F. **Direito agrário brasileiro**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

ANTUNES, P. B. **Direito ambiental**. 17. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

LEGISLAÇÃO AMBIENTAL MATO GROSSO - **http://www.sema.mt.gov.br/** index.php?option=com_docman&Itemid=173

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-902	Apicultura	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
9º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Histórico e importância econômica da apicultura; biologia das abelhas; anatomia, morfologia e fisiologia das abelhas; comunicação e coleta de alimentos; principais produtos das abelhas; melhoramento genético e seleção; produção de rainhas e geleia real; introdução de rainha; instalação de apiário; patologias apícolas e inimigos naturais.

OBJETIVO

Apresentar a biologia, organização e aspecto evolutivos das abelhas; aspectos morfológicos e anatômicos das abelhas; a importância das abelhas como produtoras de mel, pólen, própolis, cera, como agentes de polinização e sua importância econômica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

WIESE, H. **Apicultura novos tempos**. Guaíba: Agropecuária, 2000.

CAMARGO, J. M. F. **Manual de apicultura**. São Paulo: Ceres, 1972.

SCHEREN, O. J. **Apicultura racional**. São Paulo: Nobel, 1977.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

EMBRAPA. **Criação de abelhas**. Brasília: EMBRAPA, 2007. (ABC da agricultura familiar).

EMBRAPA. **Como capturar enxame com caixas-isca**. Brasília: EMBRAPA, 2009. (ABC da agricultura familiar).

GUIMARÃES, N. P. **Apicultura**: a ciência da longa vida. Belo Horizonte: Villa Rica, 1989.

MARTINHO, M. R. **A criação de abelhas**. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

TAUTZ, J. **O fenômeno das abelhas**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-903	Ezoognósia	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
9º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Importância do estudo do exterior e das raças dos animais domésticos. Exterior e raças de grandes e pequenos animais. Tipologia e mensurações. Origens, particularidades, aptidões, padrões raciais e produtividade dos diferentes grupos genéticos. Reconhecimento do exterior e das raças de interesse econômico e avaliação dos tipos de acordo com a morfologia.

OBJETIVO

Iniciar o estudo da morfologia animal fornecendo aos alunos subsídios para a escolha do melhor tipo/raça a ser explorado de acordo com a função, produto ou serviço desejado.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CINTRA, A. G. C. **O cavalo**: características, manejo e alimentação. São Paulo: Roca, 2011.

MILLEN, E. **Zootecnia e veterinária**: teoria e práticas gerais. Campinas: Instituto campineiro de ensino agrícola, 1988. v. 1 e 2.

TORRES, A. P. **Manual de zootecnia**: raças que interessam ao Brasil: bovinos, zebuínas, bubalinas, cavalares, suínas, ovinas, caprinas, cunícolas, avícolas. São Paulo: Agronômica Ceres, 1982.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CHAPAVAL, L. et al. **Manual do produtor de cabras leiteiras**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2006.

LUCHIARI FILHO, A. **Pecuária da carne bovina**. São Paulo: A. Luchiari Filho, 2000.

SILVA, J. C. P. M. **Manejo e administração na bovinocultura de leite**. Viçosa: Suprema, 2009.

APPEARS BOOKS. **Cavalos, história e raças**. São Paulo: Appears Books, 2012.

SANTIAGO, L. P. **Gado nelore**: 100 anos de seleção. São Paulo: L. P. Santiago, 1987.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-904	Empreendedorismo	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
9º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Introdução ao Empreendedorismo; Plano de negócios: Missão, Visão, Objetivos; Caracterização do Empreendimento; Pesquisa de Mercado Consumidor, Concorrente, Fornecedor; Análise das Ameaças e Oportunidades do Ambiente; Análise dos Pontos Fracas e Fortes da empresa; Plano de Marketing e os 4 P's, Produção e Vendas; Investimento, Depreciação, Capital de Giro e Empréstimos; Custos Fixos e Custos Variáveis; Análise Financeira e Econômica; Projetos Agropecuários: Noções Básicas; Elaboração de Projetos; Avaliação; Assistência e Proteção a Projetos Agropecuários.

OBJETIVO

Desenvolver, habilidades empresariais para diagnóstico, análise e formulação de estratégias para melhoria dos empreendimentos que envolvam a produção animal. Elaborar um projeto para a agricultura familiar buscando o desenvolvimento de um arranjo produtivo local, em especial cadeias produtivas que trabalham com produtos de origem animal; Elaborar um plano de negócios de um empreendimento inovador; Perceber a inovação como diferencial de gestão, de tecnologia e de competitividade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BERNARDI, L. A. **Manual de formação de preços**: políticas, estratégias e Fundamentos. São Paulo: Atlas. 2004.

PORTER, M. E. **Estratégia competitiva**: técnicas para análise de indústrias e da concorrência. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

CLEMENTE, A. **Planejamento do negócio**: como transformar ideias em realizações. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BEZERRA, B. **Caminhos do desenvolvimento**. São Paulo: Edições Inteligentes, 2004.

CALLADO, A. A. C. **Agronegócio**. São Paulo: Atlas, 2011

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Sextante. 2008.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPEHERD, D. A. **Empreendedorismo**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

ZYLBERSZTAJN, D.; SCARE, R. F. **Gestão da qualidade no agribusiness**: estudos e casos. São Paulo: Atlas, 2003

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-905	Avaliação e Tipificação de Carcaça	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
9º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Importância socioeconômica da cadeia de carnes; Situação atual da produção brasileira de carnes; Atuação do zootecnista na indústria cárnea; Fatores pré-abate e pós-abate que influenciam na qualidade de carne; Fundamentos de ciência da Carne (estrutura, composição química, propriedades funcionais; Conversão do músculo em carne; maturação de carnes; Anomalias bioquímicas em carnes; Processos de abates; métodos de insensibilização e sangria; Bem-estar animal, abate humanitário, etologia; Sequências de operações para o preparo de carcaças; Ambientes industriais: estabelecimentos industriais de carne e derivados (classificação, estrutura geral das instalações e requisitos básicos de higiene); Aspectos higiênico-sanitários da carne e derivados: fontes de contaminação microbiológica e química; Classificação e tipificação de carcaças; Conservação da carne pelo frio artificial; Legislação pertinente.

OBJETIVO

Promover a importância socioeconômica da cadeia de carnes; Estudar o histórico da cadeia de carnes no Brasil e no mundo; Promover a fundamentação do processo de abate de bovinos, suínos e aves; Compreender o fluxograma de abate de animais de açougue (produtos e coprodutos); Compreender o sistema de classificação e tipificação de carcaças; Estudar o fenômeno de conversão do músculo em carne; Conhecer os equipamentos utilizados no abate de animais de açougues.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

EUCLIDES FILHO, K. et al. **Cadeias produtivas como plataformas para o desenvolvimento da ciência, tecnologia e da inovação**: estudo da cadeia da produção animal. Campo Grande: CNPGC, 2002.

CASTILHO, C. J. C.; BROMBERG, R.; MIYAGUSKU, L. **Higiene e sanitização na indústria de carnes e derivados**. São Paulo: Varela, 2003.

TERRA, N. N. **Apontamentos de tecnologia de carnes**. São Leopoldo: EdUnisinos, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

EVANGELISTA, J. **Tecnologia de alimentos**. São Paulo: Atheneu, 2003.

GOMIDE, L. A. M.; RAMOS, E. M.; FONTES, P. R. **Tecnologia de abate e tipificação de carcaças**. Viçosa: EdUFV, 2006.

PARDI, M. C.; SANTOS, L. F.; SOUZA, E. R.; PARDI, H. S. **Ciência, higiene e tecnologia da carne**. Goiânia: EdUFG, 2001. v. 1 e 2.

SILVA JUNIOR, E. A. **Manual de controle higiênico-sanitário em alimentos**. São Paulo: Varela, 2007.

WILSON, W. G. **Inspeção prática da carne**. São Paulo: Roca, 2009.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-906	Produção Alternativa de Ruminantes	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
9º SEMESTRE	3	51h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Importância econômica do manejo agroecológico da produção animal. Ação do ambiente na produção animal. Conforto e ambiência. Desenvolvimento da cadeia de produção orgânica de alimentos de origem animal. Impacto ambiental da atividade em diferentes ambientes. Tipos e uso dos alimentos; aditivos e suplementos na bovinocultura. Manejo reprodutivo e sanitário (alternativas de controle de endo e ectoparasitas.) nas categorias de cria, recria e engorda. Destinação dos dejetos. Produção de leite em pequenas propriedades. Saúde da glândula mamária.

OBJETIVO

Fornecer ao aluno conhecimentos do funcionamento dos principais sistemas de produção e aplicação de novas tecnologias de forma que a atividade preserve o ambiente com produtividade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AQUINO, M. A.; ASSIS, L. R. **Agroecologia**: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável. Brasília: Embrapa, 2005

MELADO, J. **Manejo de pastagem ecológica**: um conceito para o terceiro milênio. Viçosa: Aprenda Fácil, 2000.

MATTOS, W. R. S. **Conceitos modernos de exploração leiteira**. Piracicaba: FEALQ, 1995.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MELADO, J. **Pastoreio racional Voisin**: fundamentos, aplicações e projetos. Viçosa: Aprenda Fácil, 2003.

NEVES, E. J. M.; CARPANEZZI, A. A. **A cultura do Nim**. Brasília: EMBRAPA. 2008.

NIELSEN, S. K. **Fisiologia animal**: adaptação e meio Ambiente. 5. ed. São Paulo: Santos, 1999.

PEIXOTO, A. M.; MOURA, J. C.; FARIA, V. P. **Bovinocultura leiteira**. Piracicaba: Fealq, 2000.

SERENO, J. R. B.; CATTO, J. B.; SERENO, F. T. P. S. **Prevenção de miíases umbilicais em bezerros criados extensivamente, no Pantanal, através da utilização de ivermectin**. Corumbá: EMBRAPA, 1996.

www.revista.sbz.org.br - Web site oficial da Revista Brasileira de Zootecnia.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

Nº	COMPONENTE CURRICULAR	
ZOO-907	Extensão Rural	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
9º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Breve história da extensão rural no mundo e no Brasil. A política pública de assistência técnica e extensão rural. A mediação técnica na zootecnia. Diferenças entre a abordagem difusionista de Rogers e a participativa de Freire. Extensão rural e métodos participativos para diagnóstico de realidades agrárias e a promoção de tecnologias e práticas agrícolas. Extensão rural e desenvolvimento local. A questão do desenvolvimento agrícola e rural contemporâneo. Temas agrícolas e rurais da atualidade: agricultura familiar e desenvolvimento rural, reforma agrária, soberania alimentar e nutricional; agroecologia. Vivenciar o dia a dia de um agricultor familiar pelo período de dez dias com os objetivos de elaborar um diagnóstico (social, econômico, político, cultural, ambiental, produtivo) na propriedade visando a elaboração de um projeto em conjunto com o agricultor para melhoria da sua qualidade de vida. Esse projeto será executado na disciplina de administração rural e empreendedorismo e com possibilidades de integração com os outros projetos.

OBJETIVO

Conhecer a questão rural, técnicas para solucionar alguns dos problemas sociais; Compreender as relações entre as comunidades rurais, suas organizações e as principais classes sociais; Aplicar o diagnóstico rápido participativo e a observação participante à agricultura familiar como ferramentas de diagnóstico rural; Entender os conceitos e diferenças entre desenvolvimento e crescimento; Conceituar e discutir o desenvolvimento rural local sustentável e suas relações com a agricultura familiar.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BROSE, M. **Metodologia participativa**: uma introdução a 29 instrumentos. São Paulo: Tomo, 2010.

THEODORO, S. H. et al. **Agroecologia**: um novo caminho para extensão rural sustentável. São Paulo: Garamond, 2009.

ORTEGA, A. C.; ALMEIDA FILHO, N. (Org.). **Desenvolvimento territorial, segurança alimentar e economia solidária**. São Paulo: Alínea. 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação rural**. Editora Brasiliense. 2009.

BROSE, M. **Participação na extensão rural**. São Paulo: Tomo. 2008.

PRADO JUNIOR, C. **A questão agrária no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LEITE, S. (Org.). **Políticas públicas e agricultura no Brasil**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2001.

SILVA, R. C. **Extensão rural**. São Paulo: Érica, 2014.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-908	Deontologia	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
9º SEMESTRE	2	34h

PRÉ-REQUISITO(S): Não há.

EMENTA

Conceito de Deontologia e ética. Código de Deontologia Zootécnica. Análise crítica da aplicação do código de Deontologia. Relações com o Conselho Regional e Conselho Federal. Fiscalização da profissão. Compromisso e ética.

OBJETIVO

Conhecer os direitos e deveres do profissional da Zootecnia, segundo o código deontológico profissional; Apresentar e discutir casos verídicos que envolvam atitudes éticas e antiéticas - homens, animais e meio ambiente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINARIA. **Diretrizes curriculares para o curso de Zootecnia**. Brasília, 1999.

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA VETERINARIA. **Código Deontológico e de Ética Profissional**. SÃO PAULO, 1992.

ANDERSEN, M. L. et al. **Princípios éticos e práticos do uso de animais de experimentação**. São Paulo: USP, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ASHLEY, P. A. **Ética e responsabilidade social nos negócios**. São Paulo: Saraiva. 2005.

FRITZEN, S. J. **Relações humanas interpessoais nas convivências grupais e comunitárias**. 10. ed. Petrópolis: Vozes. 1999.

MINICUCCI, A. **Relações humanas**: psicologia das relações interpessoais. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

COSTA, E. L. S. et al. **Contribuição para o delineamento do perfil do mercado de trabalho do médico veterinário e do zootecnista no Brasil**. Brasília: Conselho Federal de Medicina Veterinária, 2000.

www.abz.org.br - Web site oficial da Associação Brasileira de Zootecnistas (ABZ)

www.cfmv .org.br- Web site oficial Conselho Federal de Medicina Veterinária e Zootecnia (CFMV)

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-TCC	Trabalho de Conclusão de Curso	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
10º SEMESTRE	6	100h

PRÉ-REQUISITO(S): Ter concluído todas as disciplinas até o 9º semestre.

EMENTA

Treinamento prático em redação técnico-científica, execução de trabalhos de pesquisa de campo e/ou laboratorial, pesquisas bibliográficas, atividades de extensão rural e treinamento prático em Zootecnia. Execução de documento a ser apresentado em banca examinadora.

OBJETIVO

Fornecer ao aluno a possibilidade de redigir um projeto de pesquisa; redação técnico científica e condução de trabalhos de pesquisa

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABRAHAMSOHN, P. A. **Redação científica**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2004.

MORGADO, F. **Formatando teses e monografias com BrOffice**. São Paulo: Ciência Moderna, 2008.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 1996.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejando e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2002.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G.R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resumo**. São Paulo: Parábola, 2004. v. 1.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resenha**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. v. 2.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Planejar gêneros acadêmicos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. v. 3.

INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus Alta Floresta

CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA		
Nº	**COMPONENTE CURRICULAR**	
ZOO-EST	Estágio Curricular Supervisionado	
SÉRIE	**AULAS/SEMANA**	**CARGA HORÁRIA**
10º SEMESTRE	22	360h

PRÉ-REQUISITO(S): Ter concluído todas as disciplinas até o 9º semestre.

EMENTA

Atividade individual orientada por um docente do Departamento de Zootecnia e acompanhada por um supervisor de Empresa ou Instituição conveniada, de acordo com o plano de estágio previamente estabelecido, tendo por finalidade a capacitação para prática da produção zootécnica ou execução de projetos de pesquisa, bem como o desenvolvimento da capacidade de redação e apresentação de trabalhos científicos.

OBJETIVO

Possibilitar ao aluno a prática da produção zootécnica ou de projetos de pesquisa.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABRAHAMSOHN, P. A. **Redação científica**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2004.

MORGADO, F. **Formatando teses e monografias com BrOffice**. São Paulo: Ciência Moderna, 2008.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 1996.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejando e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2002.

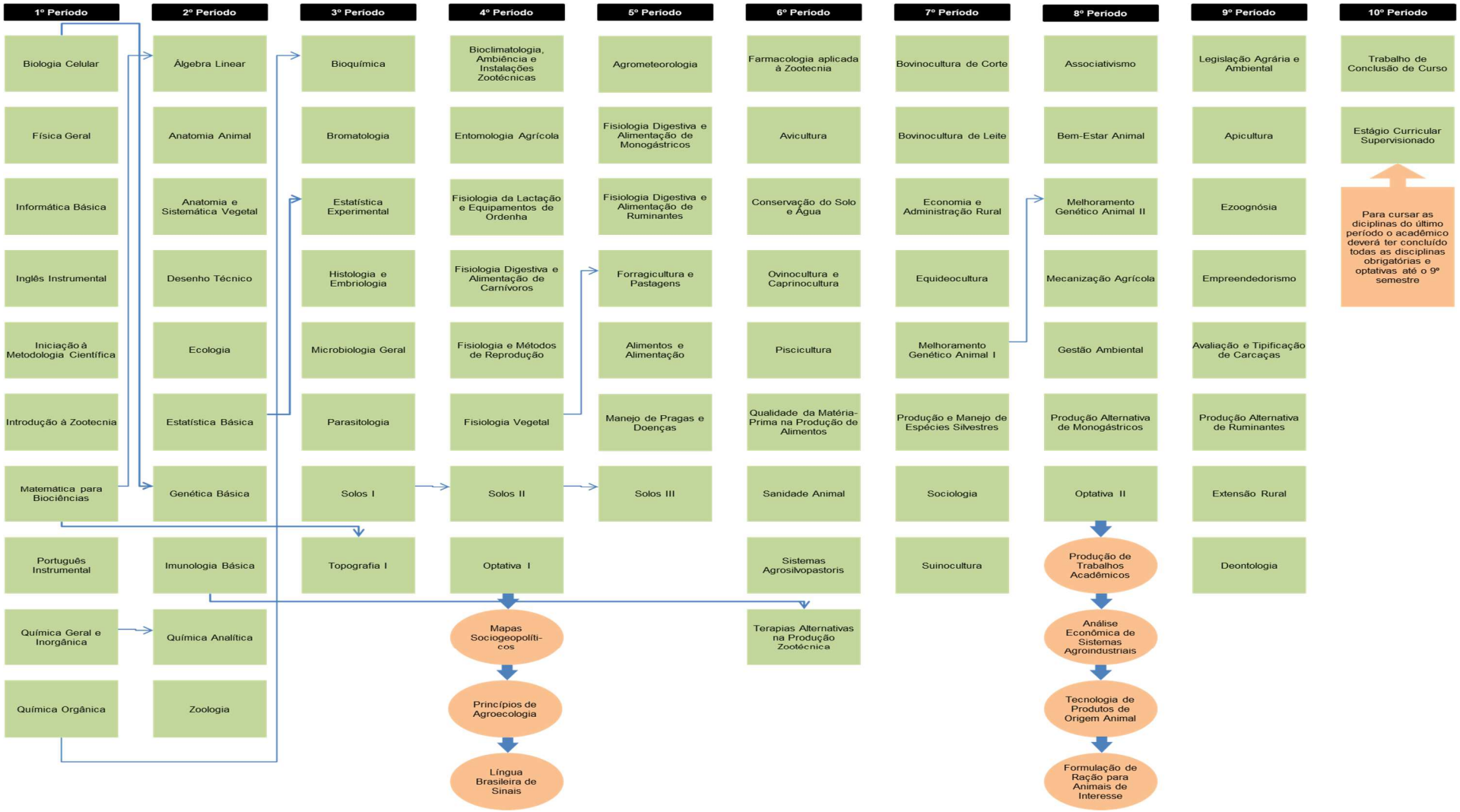
MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G.R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resumo**. São Paulo: Parábola, 2004. v. 1.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resenha**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. v. 2.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Planejar gêneros acadêmicos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. v. 3.

16.2 Fluxograma do itinerário formativo



17 ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O Estágio Supervisionado tem o objetivo de proporcionar ao estudante a vivência de situações similares às que ele encontrará como Zootecnista no mercado de trabalho depois de formado.

Observa-se que a prática de estágio deve contribuir para a formação do perfil profissional que se pretende, incluindo o desenvolvimento das competências desejáveis e o aprimoramento de conhecimentos específicos relacionados à Zootecnia.

O Estágio representa um ato educativo supervisionado desenvolvido no ambiente organizacional, que visa à preparação do aluno para o trabalho produtivo, mediante aprendizado de competências próprias da atividade profissional e contextualização curricular; podendo ser obrigatório ou não-obrigatório.

Conforme dispõe o artigo 2° da Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008:

> § 1° Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma.
> § 2° Estágio não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória.

As diretrizes apontadas a seguir, para realização do estágio obrigatório ou não-obrigatório, estão em consonância com a Lei n°. 11.788 e com a Organização Didática do IFMT (2014).

17.1 Estágio Supervisionado Obrigatório

O Estágio Supervisionado, de caráter obrigatório, deve ser realizado no último período do curso. O Estágio Supervisionado obrigatório integra a matriz curricular do Curso Superior de Bacharelado em Zootecnia e tem carga horária de 360 horas. Trata-se, portanto, de uma obrigação e requisito para integralização curricular.

De acordo com a Lei de Estágio, o estágio deve ser supervisionado por um profissional no destino (onde ocorre a atividade de estágio, por exemplo, em uma empresa) e orientado por um professor na origem (IFMT). O estágio obrigatório pode ser ou não remunerado.

O Estágio Supervisionado obrigatório poderá ser realizado integralmente junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado, ou no Campus do Instituto, desde

que este possibilite ao aluno o exercício efetivo das atribuições do Bacharel em Zootecnia na área em que o estágio se dá.

17.2 Estágio Não-Obrigatório

O estágio, de caráter não obrigatório, pode ser realizado optativamente por todos os alunos, como uma das Atividades Complementares definidas pelo curso. Os estudantes poderão realizar estágios não obrigatórios em qualquer momento do curso, desde que haja compatibilidade entre a carga horária exigida pela Instituição Concedente e a carga horária da Matriz Curricular do Curso.

17.3 Outras considerações sobre o estágio

Para a realização do Estágio Supervisionado, obrigatório e não obrigatório, é celebrado um termo de compromisso entre aluno, Instituição Concedente e Instituição de Ensino. Qualquer outra solicitação que o estudante julgue importante para a integralização ou regularização de Estágio poderá ser individualmente avaliada pela supervisão de Estágio e pela Coordenação de Curso, podendo ser aceita ou não.

18 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Como parte dos requisitos de formação, os estudantes deverão elaborar um Trabalho de Conclusão de Curso, que aborde um tema relacionado às áreas da Zootecnia. Essa atividade não serve apenas para a conclusão do curso, mas como atividade por meio da qual o estudante mostrará sua capacitação como bacharel em Zootecnia.

O Trabalho de Conclusão de Curso busca fazer com que o estudante sintetize e integre conhecimentos adquiridos durante o curso, além de colocá-lo em contato com uma atividade de pesquisa. O resultado final deverá ser a entrega e avaliação de trabalho individual de conclusão de curso, no formato de “Monografia” que contemple um problema relacionado à Zootecnia.

Ao final do último semestre do curso, o Trabalho de Conclusão de Curso será defendido pelo aluno, em sessão pública, perante uma banca constituída por, no mínimo, 3 (três) componentes, sendo o orientador, na qualidade de presidente, e mais dois avaliadores escolhidos de acordo com o disposto no Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso.

19 ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

O IFMT, desde sua concepção, tem se preocupado em promover ativamente a integração entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão, reconhecendo que essas atividades, quando adequadamente articuladas e executadas de forma balanceada, potencializam-se umas às outras.

As atividades de pesquisa dos docentes deverão ser estruturadas em torno de grupos de pesquisa. Cada grupo de pesquisa poderá ser composto por professores, pesquisadores e estudantes de pós-graduação e graduação. Os grupos poderão ser formados no âmbito do *Campus* de Alta Floresta, no âmbito do IFMT ou interinstitucionais, dedicando-se a temáticas variadas. Os estudantes de graduação, ao ingressarem nos grupos de pesquisa, irão participar ativamente de atividades de pesquisa que contribuirão para sua formação profissional.

Considerando sua preocupação em produzir e socializar conhecimento prioritariamente sobre temas de interesse, o IFMT conta com projetos de pesquisa aplicada, criando mecanismos que possibilitem dar suporte ao desenvolvimento de experiências e domínios de novas técnicas nos diversos campos do saber, visando atender aos arranjos produtivos locais.

As pesquisas instituídas no IFMT são norteadas pela tabela das áreas do conhecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que forem de relevância para o Instituto e para o desenvolvimento local e regional.

O IFMT, com vistas ao estabelecimento de bases sólidas para o desenvolvimento de pesquisa científica relevante, compatível com as áreas de conhecimento que promove, apresenta as seguintes diretrizes:

a) melhorar os mecanismos de articulação entre ensino, pesquisa e extensão: a atividade científica deve permear as práticas pedagógicas exercidas nos

cursos de diversos níveis e modalidades de modo a tornar evidente, para os discentes, a importância do saber/fazer ciência ao longo da formação profissional.

b) melhorar a interação com a comunidade: as linhas de pesquisa regulares, a serem implantadas no IFMT, contemplarão as potencialidades acadêmicas existentes, devidamente articuladas com os arranjos produtivos locais.

As atividades de extensão são concebidas como uma prática que possibilita o acesso aos saberes produzidos e experiências acadêmicas, oportunizando, dessa forma, o usufruto direto e indireto, por parte de diversos segmentos sociais. Ela revela-se numa prática que vai além da visão tradicional de formas de acesso da sociedade às tecnologias e ao conhecimento acadêmico, bem como, a sua efetiva participação.

As atividades de extensão visam aprofundar os vínculos existentes entre o IFMT e a sociedade, com o propósito de alcançar novas alternativas de transformação da realidade mediante ações que fortaleçam a cidadania. A intervenção das atividades de extensão deve ocorrer de forma participativa e dialógica, tendo como ponto de partida o conhecimento da realidade local.

As atividades de extensão são importantes não apenas como meio de difusão do conhecimento gerado no IFMT, mas, também, como mecanismo de aproximação da realidade e de enriquecimento da prática docente.

Assim, a atuação da Extensão do IFMT compreende o desenvolvimento de:

a) Projetos Tecnológicos: implementação de técnicas e aplicação de resultados de atividades científicas, experimentação técnica e tecnológica em parceria com instituições públicas, privadas e comunidade;
b) Serviços Tecnológicos: oferta de serviços de consultoria, assessoria, e outros serviços de cunho técnico e tecnológico para os setores produtivos;
c) Eventos Socioculturais: realização de atividades de interesse técnico, social, científico, esportivo e cultural favorecendo a participação da comunidade;
d) Projetos Sociais: desenvolvimento de projetos que apresentem soluções para inclusão social, geração de oportunidades e melhoria das condições de vida;

e) Estágio e Emprego: compreende atividades de prospecção de oportunidades de estágio/emprego e a operacionalização administrativa do estágio;
f) Cursos de Formação Inicial e Continuada - FIC: ação pedagógica de caráter teórico e prático de oferta de cursos de programas especiais que objetiva a formação e a capacitação técnica;
g) Projetos Culturais: compreende a viabilização de recursos para desenvolvimento de ações no campo técnico, social, científico, artístico e esportivo, favorecendo a participação da comunidade;
h) Visitas e Viagens Técnicas: interação das áreas educacionais da instituição com o mundo do trabalho;
i) Empreendedorismo: compreende o apoio técnico educacional com vistas à formação empreendedora, bem como o desenvolvimento de serviços e produtos tecnológicos;
j) Acompanhamento de Egressos: constitui um conjunto de ações implementadas que visam acompanhar o desenvolvimento profissional do egresso, na perspectiva de identificar cenários junto ao mundo do trabalho e retroalimentar o processo de ensino, pesquisa e extensão;
k) Atuar em programas e ações governamentais: compreende a gestão e execução de projetos e programas instituídos pelo Governo Federal.

20 ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Atividades complementares envolvem todas as atividades didático-pedagógicas com objetivo de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem privilegiando a complementação da formação social e profissional do discente. Constituem-se no conjunto de atividades extracurriculares obrigatórias, complementares ao conteúdo programático e que são somadas à carga horária total do curso, desde que comprovadas por documentos oficiais ou por meio de processos definidos pelo curso.

A carga horária de atividades complementares será de 100 (cem) horas e deverá ser desenvolvida preferencialmente ao longo do percurso formativo, podendo ser cumpridas no próprio IFMT, em outras Instituições de Ensino Superior e em

programações oficiais promovidas por outras entidades, desde que reconhecidas pelo colegiado de curso.

São consideradas atividades complementares para fins de currículo:

a) projetos e programas de pesquisa;
b) atividades em programas e projetos de extensão;
c) atividades em programas e projetos de pesquisa;
d) participação em eventos técnico-científicos (seminários, simpósios, conferências, congressos, jornadas, visitas técnicas) e outros;
e) atividades de monitorias em componentes curriculares de curso;
f) aproveitamento de estudos em componentes curriculares que não integram o currículo do curso e/ou componentes curriculares de outros cursos;
g) participação em cursos de curta duração;
h) trabalhos publicados em revistas indexadas ou não, jornais, anais e apresentação de trabalhos em eventos científicos e aprovação ou premiação em concursos;
i) atividades de gestão, tais como participação em órgãos colegiados, em comitês ou comissões de trabalhos e em entidades estudantis como membro de diretoria.

Cabe ao discente apresentar, junto à coordenação do curso, para fins de avaliação, a comprovação de todas as atividades complementares realizadas, mediante a entrega da documentação exigida para cada caso e o preenchimento de formulário próprio. Documentos que não atendam as exigências mínimas em termos de carga horária, origem e registros, não serão considerados.

A Coordenação do Curso encaminhará à Secretaria Geral de Documentação Escolar a comprovação das atividades complementares realizadas pelo discente, para efeito de registro no histórico escolar.

21 METODOLOGIA E PREMISSAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS

Um dos objetivos do Curso Superior de Bacharelado em Zootecnia do IFMT, *Campus* Alta Floresta, é formar um profissional autônomo, crítico, articulado, criativo e reflexivo, capaz de aprender continuamente. O profissional desejado não é mais apenas o detentor de um conjunto de conhecimentos específicos, mas, sobretudo,

aquele capaz de construir o conhecimento necessário, com base em uma série de habilidades, competências, atitudes e valores, capaz de aplicar este conhecimento.

Nesse sentido, há necessidade de modificações no processo de ensino-aprendizagem. O processo de ensino deve ir além da aquisição dos conhecimentos necessários para o desenvolvimento de uma determinada atividade, como ocorre tradicionalmente. O foco da aprendizagem deve extrapolar o conhecimento técnico-funcional e abordar o desenvolvimento das citadas habilidades, competências, atitudes e valores.

O modelo de ensino-aprendizagem em que o professor detém o conhecimento, e transfere seu conhecimento ao aluno, que recebe este conhecimento de maneira relativamente passiva deve ser superado. A premissa pedagógica do curso é de transformação do processo de aprendizagem em uma descoberta, com integração ativa do aluno ao processo.

Tal abordagem pedagógica é reforçada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Zootecnia, bacharelado, Resolução CNE/CES n°4, de 02 de fevereiro de 2006.

Trata-se de procurar inovar na relação professor-aluno e no processo de aprendizagem, o que envolve mudanças culturais importantes. Assim, há o enfrentamento de desafios na área de educação, que compreendem não somente uma redefinição do papel do aluno no processo de aprendizagem, mas também do papel do professor neste processo.

Pressupõe-se que a aprendizagem é um processo ativo, que envolve dois atores: o aprendiz e o professor. O aprendiz (aluno) passa a ser responsável pelo seu processo de aprendizado e deve ter comprometimento, curiosidade, iniciativa e persistência. O professor, por sua vez, assume o papel de facilitador do processo, por meio do planejamento e da organização das atividades de aprendizagem. Cabe ao professor fazer sugestões, dar recomendações, desafiar a criatividade, estimular o envolvimento, a curiosidade e a iniciativa e, principalmente, encorajar o pensamento independente do aluno. Dessa forma, o professor não apenas põe à disposição dos alunos o conhecimento de que é detentor, mas passa a ser também um orientador do processo de busca e construção do conhecimento, estimulando o aluno a formular perguntas sobre a realidade e a tentar respondê-las.

Esta mudança implica alterações no dia a dia de cada componente curricular, com reforço de atividades que supõem a participação do aluno. Embora as aulas expositivas continuem existindo, elas se articulam com aulas, e outras atividades, que supõem forte participação dos alunos.

No mesmo espírito, há possibilidade de realização de atividades monitoradas, definidas pelo professor e realizadas pelos alunos de maneira autônoma, preferencialmente desenvolvidas fora da sala de aula, com o objetivo de oferecer ao aluno a possibilidade de vivenciar, praticar e investigar de maneira autônoma o conteúdo abordado em sala de aula. As atividades são estruturadas por meio de roteiros e acompanhadas por meio de relatórios, discussões, apresentações etc.

Algumas premissas orientadoras da estruturação do curso podem ser apresentadas, de maneira resumida, a seguir:

I. o currículo deve ser integrado, reduzindo o número de componentes curriculares isolados. Mais do que isso, deve permitir a implantação de trabalho coordenado entre os vários docentes envolvidos no curso;
II. o currículo deve incorporar elementos de flexibilização assim como permitir a flexibilização das práticas de ensino e de aprendizagem;
III. não usar somente aulas expositivas, mas métodos mais recentes como aprendizado baseado em problemas, ensino baseado em projetos, entre outros. As atividades devem ser apoiadas por um conjunto de meios intra e extra sala, tais como análise de textos, experimentação, vídeos, debates, projetos multidisciplinares, pesquisa na biblioteca e na Internet, estudos de casos e visitas a empresas e outras organizações, bem como a utilização de ambientes virtuais de aprendizagem;
IV. as atividades desenvolvidas a partir do projeto pedagógico devem ser periodicamente revistas de modo a identificar os momentos de readequação do projeto pedagógico;
V. o currículo deve estimular e permitir a integração entre ensino, pesquisa e extensão;
VI. o estudante deve participar ativamente da sua própria formação;
VII. o desempenho do estudante deve ser acompanhado, compreendendo não somente conteúdos, mas também o desenvolvimento das habilidades e competências essenciais necessárias para a prática profissional.

21.1 Integração Metodológica Interdisciplinar e Articulação entre os Conteúdos Curriculares

Tradicionalmente os cursos de Zootecnia apresentavam matrizes curriculares formadas por componentes curriculares com conteúdos tratados de forma isolada. Cabia ao estudante o ônus de estabelecer as correlações entre tais conhecimentos e destes com o mundo real. Em muitos casos, os conteúdos estavam totalmente abstraídos de situações reais. A falta de integração entre os conteúdos das componentes também se refletia na falta de colaboração entre os docentes.

Para viabilizar uma nova maneira de conceber os conhecimentos, rompendo a analiticidade que os gerou e buscando fomentar a síntese entre os componentes curriculares, com vistas a abrir percursos coletivos e individuais de reconstrução dos sentidos, adotar-se-á a matriz integrativa como elemento estruturador do currículo. Essa integração deve permitir:

a) a integração de conteúdos;
b) o trabalho cooperativo entre professores;
c) a aplicação de métodos como o aprendizado baseado em problemas, o ensino baseado em projetos, entre outros;
d) a abordagem multidisciplinar de situações próximas daquelas que os futuros profissionais de Zootecnia encontrarão ao longo de sua carreira;
e) a integração dos alunos do Curso Superior de Bacharelado em Zootecnia com os alunos dos demais cursos do *Campus* Alta Floresta, por meio de atividades integradoras.

Para tanto, propõe-se a seguinte sistemática:

a) discussão pelo corpo docente das bases pedagógico-conceituais do projeto pedagógico do curso, com o fito de estabelecer os eixos estruturadores dos programas de aprendizagem a cada semestre e momento da práxis de formação do discente;
b) aglutinação dos conteúdos previstos pelos eixos definidos em torno das competências de caráter teórico, procedimental e atitudinal pertinentes a cada semestre do curso;
c) delimitação e criação de estratégias de ensino-aprendizagem coletivas, no momento de construção dos programas de aprendizagem pelo corpo

docente, com vistas a otimizar a integração do trabalho pedagógico interdisciplinar.

Este roteiro metodológico deverá permear toda a implementação dos componentes curriculares durante o funcionamento do curso, permitindo uma renovação constante das discussões de caráter pedagógico-formativo, e uma prática crítica-reflexiva integrada ao *modus operandi* do corpo docente.

Como etapa de análise e realimentação do processo, preconiza-se a realização periódica de avaliações coletivas dos objetivos formativos de curto, médio e longo prazo, tendo por meta a aproximação do marco teórico do curso da realidade social no qual o mesmo se refere.

Com vistas a romper a visão tradicional de conhecimento estanque, compartimentado em componentes curriculares que não se comunicam e não alcançam a síntese desejada para propiciar ao formando as competências, habilidades, atitudes e valores necessários ao desempenho crítico e autônomo da profissão, propõe-se a adoção de programas de aprendizagem.

Estes programas obedecem a agrupamentos de conteúdos, procedimentos e atitudes a serem atingidos pelo bacharel em Zootecnia, segundo o eixo de ensino-aprendizagem estruturador adotado para atividades naquele momento do curso.

Alguns pressupostos e condições que necessitam ser mais bem explicitados encontram-se abaixo discriminados:

a) os componentes curriculares devem se articular de modo a propiciar o encontro de saberes, procedimentos e atitudes de origem diversificada quanto à área de conhecimento de onde provém; contudo, a diversidade não deve significar hierarquia de um tipo de competência sobre as demais;
b) é necessário que fique patente a ligação entre os objetivos estabelecidos para cada programa de aprendizagem e as competências, habilidades, atitudes e valores esperados do Bacharel em Zootecnia estipulados no Projeto Pedagógico do curso, de forma a possibilitar uma visibilidade constante da apropriação dos mesmos no processo formativo.
c) as ações que visam avaliar os programas de aprendizagem devem possibilitar a incorporação de práticas avaliativas que apontam para a autonomia, postura crítica e emancipação do formando e dos demais

elementos que constituem a comunidade acadêmica, repercutindo assim de forma global e integradora no cotidiano acadêmico.

O papel dos Programas de Aprendizagem é permitir que os professores possam tratar de forma integrada os conteúdos determinados pelos componentes tradicionais. Funcionam como elemento articulador entre a prática e teoria, apresentando-se como espaço para o exercício de competências essenciais como a capacidade de projetar, a de trabalhar em grupo, entre outras. Nesse sentido, os professores responsáveis pelos componentes curriculares construirão em conjunto programas que consigam cumprir os objetivos acadêmicos esperados. Além das atividades conjuntas determinadas no programa de aprendizagem, outros conteúdos poderão ser apresentados nos moldes tradicionais com vistas a suprir os conteúdos estabelecidos na matriz curricular em função de exigências legais.

No Curso Superior de Bacharelado em Zootecnia, a definição dos Programas de Aprendizagem deve ocorrer conjuntamente com o estabelecimento dos Planos de Ensino, em Reuniões de Planejamento Semestral do Curso. Nesse momento podem ser identificadas demandas por atividades complementares a serem promovidas e/ou estimuladas.

O registro dos Programas de Aprendizagem é feito em formulários especialmente destinado para esse fim. Assim como os Planos de Ensino, os Programas de Aprendizagem devem ser disponibilizados eletronicamente para consulta por parte dos envolvidos no curso.

A execução dos Programas de Aprendizagem se dará não somente por meio dos componentes curriculares participantes dos mesmos como, também, por meio de atividades curriculares complementares, como Atividades de extensão, Projetos de pesquisa Interdisciplinar, o Estágio Supervisionado e o Trabalho de Conclusão de Curso.

21.2 Atividades Desenvolvidas pelo Corpo Discente

Aulas teóricas: Em que o estudante recebe e desenvolve conhecimentos básicos ou avançados, previstos nos conteúdos curriculares. Essas atividades são desenvolvidas individualmente ou em grupo, em salas de aulas ou outros espaços

compatíveis. Podem prever a utilização de quadro branco, projetores multimídia e outros materiais didáticos.

Aulas práticas: Em que o estudante recebe e desenvolve conhecimentos que envolvem a experimentação com elementos organizacionais ou que os representem. Essas atividades acontecem em espaços especialmente preparados para essas atividades ou em visita a campo. As atividades podem ser desenvolvidas individualmente ou em grupo.

Simulações: Em que o estudante submete-se a uma situação que se aproxime o mais possível de uma situação de interesse, de maneira que o mesmo sinta-se como participante dela. A vivência passa a ser o elemento que permite ao estudante entender a relação entre conhecimentos obtidos em outras atividades. As simulações podem envolver o uso de modelos computacionais de simulação e de jogos empresariais.

Desenvolvimento de projetos: Em que o estudante desenvolve e eventualmente implementa soluções para problemas relacionados à Zootecnia. Essa atividade é desenvolvida preferencialmente em grupo e pressupõe a mobilização dos conhecimentos teóricos aprendidos e o uso dos diversos espaços disponíveis. Os projetos podem estar ou não vinculados a um componente curricular ou programa de aprendizagem.

Visitas técnicas: Nesse tipo de atividade os estudantes entrarão em contato com a complexidade das organizações, sejam elas privadas ou públicas, com ou sem fins lucrativos. Além da observação, os estudantes exercitarão a sua capacidade de argumentação, identificação de problemas, análise e comunicação. Toda visita técnica deve ser acompanhada de um protocolo para a atividade e deve permitir que os estudantes produzam relatórios técnicos individuais ou em grupo.

Trabalho Interdisciplinar Supervisionado: Possibilitar que o aluno aplique o conhecimento teórico em práticas simuladas ou reais, consistindo no desenvolvimento de um problema típico de Zootecnia, determinado na Reunião de Planejamento, que deve ser resolvido pelos discentes organizados em grupos e sob supervisão de docentes do Curso de Zootecnia.

A principal função dos Trabalhos Interdisciplinares Supervisionados é a de exigir do aluno a integração de conhecimentos apresentados em diferentes

momentos do curso, tornando evidentes a inter-relação e a interdependência das unidades de ensino.

22 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A estrutura de avaliação no Curso Superior de Bacharelado em Zootecnia inclui, de um lado, a avaliação do corpo discente e, de outro, a avaliação do corpo docente e do próprio processo de ensino e aprendizagem.

A avaliação, como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, e, portanto, parte essencial do caráter formativo que a educação deve assumir para o discente, tem sido objeto de considerações e críticas desde o período anterior à vigência da Lei 9.394/96; entretanto, como frisou Hoffman (1998, p. 36), *a prática avaliativa não irá mudar em nossas escolas em decorrência de leis, resoluções, decretos ou regimentos escolares, mas a partir do compromisso dos educadores com a realidade social que enfrentamos.*

Levando em conta esta advertência da autora, no presente projeto busca-se propor alternativas que assumam a avaliação como processo contínuo, interativo e de mediação na estruturação de um conhecimento dotado de sentido para o profissional da Zootecnia.

Adota-se, pois, para este projeto pedagógico, as seguintes disposições quanto ao processo de avaliação do ensino-aprendizagem:

a) avaliação entendida como mediação entre sujeitos em uma busca coletiva na construção de conhecimento;
b) valorização da integração dos aspectos da pesquisa individual e coletiva e suas aberturas à comunidade ao ensino-aprendizagem no processo avaliativo;
c) compreensão do processo avaliativo como dinâmica reveladora das visões de mundo presentes para os atores envolvidos (professor/aluno) e consequente estímulo à percepção das diferenças;
d) fomento de atitudes tolerantes e de respeito mútuo à pluralidade de formas de conhecimento divergentes, expressas na escolha de instrumentos de avaliação pautados pela concepção da diversidade como base para um convívio democrático e cidadão.

Quanto aos elementos constitutivos da avaliação no processo de ensino-aprendizagem, salienta-se os seguintes aspectos:

Avaliação Diagnóstica: demanda observação constante e significa a apreciação contínua pelo professor do desempenho que o aluno apresenta. Pressupõe obrigatoriamente uma realização bem feita e cuidadosa, na qual se expresse o engajamento do docente com a formação do educando e sua abertura para consideração de toda e quaisquer ação que parte do aluno, com o fito de compreender que importância adquire no processo de ensino-aprendizagem; responde, pois, pela visão contínua do fluxo de atividades e suas reverberações na sistemática da formação do discente ao longo do curso.

Avaliação Formativa: corresponde às análises do aproveitamento do discente, realizando-se com periodicidade curta, o que representa uma visão mais próxima do processo de apropriação do conhecimento pelo aluno. Necessita estabelecer objetivos em médio prazo, para então se estruturar em fases iniciais e em níveis ascendentes de complexidade, pois significa a decomposição em metas pedagógicas anteriormente estipuladas de forma genérica.

Avaliação Somativa: objetiva a apreciação genérica do grau em que os objetivos amplos foram atingidos, como parte essencial de etapas anteriores do processo de ensino-aprendizagem, alcançadas no transcorrer da formação do profissional administrador.

Portanto, a avaliação deve ser compreendida como um meio capaz de ampliar a compreensão das práticas educacionais em desenvolvimento, com seus problemas, conflitos e contradições, e de promover o diálogo entre os sujeitos envolvidos, estabelecendo novas relações entre realidade sociocultural e prática curricular, o pedagógico e o administrativo, o ensino a pesquisa e a extensão na área.

Nesse sentido, a avaliação deve ser compreendida como uma atividade educativa, formadora de todos os envolvidos, que propicie a identificação de elementos fundamentais para o aprimoramento de concepções e práticas, tendo como meta a democratização da instituição, da sociedade. Nessa perspectiva metodológica que se revela o potencial transformador da avaliação das diferentes dimensões do curso.

Assim, compreendendo a prática avaliativa como inerente ao processo de construção do conhecimento, tanto na dimensão curricular quanto no plano institucional, o Curso Superior de Bacharelado em Zootecnia prevê a formulação de objetivos e metas periódicas, a implementação da proposta, descrição, análise, síntese de resultados e impactos, para, só então, ocorrer a proposição de novas diretrizes para o Projeto Pedagógico, ou seja, sempre a partir de sucessivos diagnósticos das práticas pedagógicas e institucionais em implementação.

O que se busca é enraizar a avaliação na cultura institucional como um momento participativo intrínseco à dinâmica da implementação do Projeto Pedagógico, propiciando práticas criadoras de superações para limites pedagógicos e administrativos do curso, e, ao mesmo tempo, ser atividades curriculares formadoras de profissionais críticos e democráticos.

A avaliação deve ser concebida como atividade complexa, um processo sistemático de identificação de mérito e valor que envolve diferentes momentos e diversos agentes.

De modo geral, uma avaliação deve ser elaborada de modo a:

a) orientar o planejamento estratégico do curso e da instituição de ensino;
b) apontar fragilidades e subsidiar a formulação, implantação de controle de ações corretivas;
c) indicar se as metas organizacionais e pedagógicas estão sendo alcançadas;
d) no caso de avaliações de componentes curriculares e demais atividades pedagógicas, deve possibilitar a verificação da adequação dos métodos de ensino com o discriminado no projeto pedagógico do curso;
e) gerar dados e informações quantitativas e qualitativas para medição de desempenho docente, discente e organizacional;
f) orientar a direção do Campus, a coordenação acadêmica, a coordenação administrativa e a coordenação de curso.

No processo de reavaliação curricular adotado na Zootecnia, anualmente será feita uma análise ampla dos sucessos e fracassos obtidos pelos estudantes e a sua relação com as competências desejadas. Nesse momento, o Grupo de Reavaliação Curricular formado por docentes, técnicos administrativos, estudantes e convidados

externos avalia os resultados obtidos após o desenvolvimento das atividades definidas nos Planos de Ensino e Programas de Aprendizagem.

Basicamente, os dados usados na reavaliação incluem: o registro de notas; o registro de competências; informações dos docentes e de técnicos administrativos; o perfil demandado pelo mercado; novas regulamentações; avaliações como o ENADE e SINAES; informações sobre a infraestrutura física, entre outros.

Com base na análise de dados o Grupo de Reavaliação Curricular deve ser capaz de:

a) identificar as áreas com problemas para discernimento e avaliação de competências;
b) adaptar as competências previamente definidas, os modos de avaliação, sistemas de informação e ferramentas para geração de relatórios;
c) criar e aperfeiçoar uma base de dados comunitária para avaliação efetiva de competências e de ferramentas e técnicas;
d) recomendar mudanças curriculares em nível programático ou de matriz curricular, para tratar de forma adequada às competências definidas;
e) desenvolver novas estratégias para o desenvolvimento de competências;
f) recomendar a alocação de recursos para apoiar as áreas com necessidades.

22.1 Avaliação Discente

O projeto pedagógico do Curso Superior de Bacharelado em Zootecnia prevê que os alunos sejam submetidos a diferentes tipos de avaliação, como avaliações de componentes curriculares, de projetos, autoavaliação pelos estudantes e avaliação de competências.

A interação dos resultados das diferentes categorias de avaliação geram um resultado mais abrangente, chamado de avaliação global, que consiste num conjunto de dados, informações e classificações numéricas que subsidiarão o aperfeiçoamento da organização didático-pedagógica, corpo social e infraestrutural do curso de Zootecnia.

Vale salientar a necessidade das avaliações obedecerem alguns princípios, sendo eles: ser ampla a ponto de abordar todos os aspectos que necessitem ser valorados; clara, de modo a não gerar dúvidas sobre o que e como será avaliado; contínua, para gerar imagem real sobre a evolução do objeto avaliado; coerente, promovendo a reciprocidade entre ensino e aprendizagem; cooperativa, de modo a estimular a participação do estudante em conjunto com o docente; e cumulativa, em que cada avaliação constituirá em subsídios para avaliação subsequente.

Avaliação em componentes curriculares: os componentes curriculares integrados por meio de Programas de Aprendizagem (PA) poderão ter avaliação integrada com os demais envolvidos no respectivo programa. A nota final de um estudante em um dado componente pode ser parcial ou totalmente definida no programa de aprendizagem. Os componentes curriculares que porventura não integrarem PAs terão suas avaliações definidas no documento do plano de ensino. Independentemente da forma de composição das avaliações, elas estarão submetidas às normas da Organização Didática do IFMT.

Avaliação de projetos: os projetos desenvolvidos por estudantes e definidos em Programas de Aprendizagem serão avaliados de acordo com o estabelecido nos respectivos programas. Os projetos desenvolvidos independentemente de componentes curriculares poderão ser utilizados como atividades complementares, segundo critérios definidos pelo Colegiado do Curso.

Autoavaliação por parte dos estudantes: Para que o estudante possa desenvolver maior independência é necessário que desenvolva a capacidade de avaliar o seu trabalho assim como o do grupo envolvido em atividades de projeto. Nesse sentido é importante que o estudante ganhe familiaridade com o ato de avaliar seu trabalho, comparando seu desempenho com outros. Uma parte da nota dos estudantes poderá ser determinada por mecanismos de autoavaliação a serem adequadamente incorporados aos Planos de Ensino e Programas de Aprendizagem seguindo as orientações da Organização Didática do IFMT.

22.1.1 Cálculo de Média e Resultado

O Sistema de avaliação e verificação da aprendizagem compreende a frequência e o aproveitamento do discente, sendo estabelecido por lei o percentual

de frequência igual ou superior a 75% (setenta e cinco por cento) e, de acordo com a Organização Didática do IFMT (2014), para ser aprovado o discente deve obter Média de Aproveitamento (MA) igual ou superior a 6,0 (seis), conforme expresso nas fórmulas da Média de aproveitamento (MA):

MA = (AV1 + AV2)/2

Onde:

MA = Média de Aproveitamento;

AV1 = Avaliação 1;

AV2 = Avaliação 2;

22.1.2 Exame Final

O Exame Final consiste em uma única avaliação escrita, aplicada apenas aos estudantes que não obtiveram a Média de Aproveitamento suficiente.

O exame final deverá contemplar os conteúdos trabalhados durante todo o período letivo e sua aplicação em cada disciplina, obedecerá ao Calendário Letivo previsto para o curso e/ou ao calendário específico divulgado no site e murais da instituição pela Coordenação de Curso.

O Cálculo da Média de Exame Final (MEF) será conforme a fórmula abaixo:

MEF = (MA+EF)/2

Onde:

MEF = Média no Exame Final;

MA = Média de Aproveitamento;

EF = Nota no Exame Final.

Será considerado aprovado o discente que obtiver MEF maior ou igual a 5,0 (cinco).

Ao discente que não realizar os trabalhos acadêmicos avaliativos, ou deixar de comparecer às avaliações de forma injustificada, será atribuída a nota 0 (zero) para cadaevento sem amparo legal.

22.2 Avaliação Docente

Em relação à avaliação dos professores, existirá, para cada componente curricular, uma sistemática baseada na aplicação, ao final do semestre, de um questionário padronizado, que inclui aspectos como: envolvimento do professor com o curso; domínio do conteúdo ministrado; relevância do curso na perspectiva do aluno; cumprimento do programa; adequação do conteúdo ao programa previamente estabelecido; acessibilidade do professor fora da aula; capacidade que este tem de estimular discussões por parte dos alunos, dentre outros aspectos. A avaliação do corpo docente resulta em um retorno em termos de desempenho do professor, o qual indica as habilidades a serem estimuladas, bem como as dificuldades a serem superadas.

23 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO CURSO

Visando a eficácia e a eficiência, o sistema de avaliação do curso é periódico e sistemático e ocorrerá de forma externa de acordo com o SINAES e de forma interna pelo Núcleo Docente Estruturante, a partir dos resultados obtidos da Avaliação Global.

23.1 Avaliação do Projeto do Curso no Âmbito do SINAES

Os cursos de ensino superior do IFMT, *Campus* Alta Floresta, desenvolvem processos avaliativos que se inserem no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), sistema este instituído pelo MEC no ano de 2004. O SINAES tem como objetivo assegurar processo nacional de avaliação das instituições de educação superior, dos cursos de graduação e do desempenho acadêmico de seus estudantes.

A avaliação dos cursos de graduação visa identificar as condições de ensino oferecidas aos estudantes, em especial às relativas ao perfil do corpo docente, às instalações físicas e à organização didático-pedagógica.

Em relação à avaliação do desempenho dos estudantes dos cursos de graduação é realizada por meio da aplicação do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE).

O Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) é um instrumento de avaliação que integra o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) e, tem como objetivo acompanhar o processo de aprendizagem e o rendimento dos alunos dos cursos de graduação em relação aos conteúdos programáticos, às habilidades e competências desenvolvidas.

De acordo com a Lei nº. 10.861 de 14 de abril de 2004, Art. 5º., § 5º, o ENADE é componente curricular obrigatório dos cursos de graduação. Por isso, os estudantes selecionados pelo INEP para participarem do ENADE deverão comparecer e realizar, obrigatoriamente o Exame, como condição indispensável para sua colação de grau.

23.2 Avaliação do Projeto do Curso no Âmbito do Núcleo Docente Estruturante

O acompanhamento e a avaliação do projeto pedagógico do Curso Superior de Bacharelado em Zootecnia serão feitos anualmente pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE) na busca de reconstrução das práticas e modalidades de trabalho que compõem o projeto. Cabe ao NDE garantir o crescimento e a qualificação do processo de formação do administrador através de encontros permanentes de discussão e trabalho que envolvam a dinâmica de desenvolvimento do Curso – desenvolvimento dos módulos de formação, qualificação crescente das Práticas de Ensino e dos Estágios Supervisionados e a reconstrução das propostas de Atividades Complementares que, no IFMT, *Campus* Alta Floresta, envolvem experiências acadêmico-científico-culturais oferecidas e indicadas para os estudantes ampliarem seu campo de formação.

A avaliação do Curso compreende três dimensões:

O Departamento de Ensino do IFMT, *Campus* Alta Floresta, e o NDE organizam e implementam processos de avaliação da prática docente, processos estes que envolvem a participação de todos os estudantes e professores na identificação e análise da qualidade do trabalho. A Comissão Permanente de Avaliação (CPA) produz instrumentos que são disponibilizados no sistema do IFMT Campus Alta

Floresta e os resultados das avaliações permitem o planejamento de ações futuras com vistas à permanente qualificação do trabalho de formação acadêmica;

A CPA realiza diagnóstico das condições das instalações físicas, equipamentos, acervos e qualidade dos espaços de trabalho da instituição e encaminha aos órgãos competentes as solicitações quando necessárias mudanças, adaptações que se colocam como necessárias no desenvolvimento das atividades de ensino;

O NDE organiza espaços de discussão e acompanhamento da qualificação didático-pedagógica dos docentes através de levantamentos semestrais que permitem observar a produção dos professores e o investimento realizado no sentido da socialização de pesquisas em diferentes espaços da comunidade.

24 PLANO DE MELHORIAS DO CURSO

O IFMT – *Campus* Alta Floresta está em fase de implantação, e as futuras instalações estão em construção e, quando concluídas, contarão com uma área construída de 4.347,57m² cujas estruturas respeitam as determinações do Decreto nº 5.296/2004 quanto aos procedimentos arquitetônicos de acessibilidade, como elevador e rampas. As instalações serão compostas de um saguão principal com 722,07 m² que servirá de ambiente de articulação, a partir do qual se poderá acessar a biblioteca com 617,38 m², o auditório com 469,58 m², passarelas com 157,20 m² e os pavilhões de administração do *Campus* com 946 m² e de sala de aulas. O pavilhão de salas de aula ocupará uma área construída de 1.435,34 m², sendo: 20 salas de aula com tamanho médio de 51 m², banheiros masculino e feminino, corredores de acesso e elevador.

Além disso, estão previstas ações futuras como a aquisição de livros e periódicos para atender a necessidade da bibliografia proposta neste projeto, a implantação dos laboratórios e da fazenda experimental, que possibilitará que os acadêmicos vivenciem na prática o que for ensinado nas aulas e a contratação dos docentes necessários ao curso, por meio de concurso público.

24.1 Cronograma de implantação das melhorias do curso

PERÍODO LETIVO	AÇÃO FUTURA PARA IMPLANTAÇÃO DE MELHORIAS DO CURSO
2016/1	• Contratação/Nomeação de Docente da área de Zootecnia. • Contratação/Nomeação de Docente da área de Química. • Nomeação de Docente da área de Informática. • Implantação do laboratórios de Química. • Implantação do laboratório de Física. • Implantação do laboratório de Biologia e Microbiologia. • Implantação do laboratório de Informática. • Aquisição de livros para os dois primeiros períodos do curso. • Cercamento e construção da guarita da fazenda experimental.
2016/2	• Contratação/Nomeação de Docente da área de Agronomia. • Contratação/Nomeação de Docente da área de Veterinária. • Implantação do Laboratório de Anatomia e Fisiologia Animal. • Aquisição de livros para o terceiro e quarto período do curso.
2017/1	• Contratação/Nomeação de Docente da área de Biologia. • Implantação dos Laboratórios de Solos e de Bromatologia e Nutrição Animal. • Construção de Curral para bovinocultura, caprinocultura e ovinocultura.
2017/2	• Contratação/Nomeação de Docente na área de Zootecnia. • Implantação do Laboratório de Reprodução Animal. • Aquisição de livros para o quinto e sexto período do curso. • Construção de galpão para criação de ovinos, aves, coelhos, frangos, codornas e suínos.
2018/1	• Contratação/Nomeação de Docente na área de Agronomia. • Implantação do Laboratório de Tecnologia de Alimentos.
2018/2	• Contratação/Nomeação de Docente na área de Zootecnia. • Contratação/Nomeação de Docente na área de Agronomia. • Aquisição de livros para o sétimo ao décimo período do curso.
2019/1	• Contratação/Nomeação de Docente na área de

	Zootecnia. • Contratação/Nomeação de Docente na área de Administração.

25 ATENDIMENTO AO DISCENTE

O Instituto Federal de Mato Grosso, *Campus* Alta Floresta, conta com profissionais para o atendimento pedagógico ao discente, bem como profissionais com a função de assistente de alunos para ajudá-los no cumprimento às normas da instituição. O Campus dispõe de profissionais que dão todo o suporte para o atendimento do discente, tais como psicólogo, assistente social, pedagogos, dentre outros.

26 APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

Aproveitamento de estudos deve ser requerido pelo discente ao Coordenador de Curso, em razão de ter concluído determinado componente curricular, com aprovação, em outro curso no IFMT ou em outra instituição, de acordo com o que prevê este Projeto Pedagógico do Curso e a Organização Didática do IFMT (2014).

O discente terá direito a requerer aproveitamento de estudos de componentes curriculares de cursos superiores cursados em outras instituições de ensino superior ou no próprio IFMT.

O pedido deve ser elaborado por ocasião da matrícula no curso, para discentes ingressantes no IFMT ou no prazo estabelecido no calendário acadêmico, para os demais períodos letivos.

O discente deverá encaminhar o pedido de aproveitamento de estudos, mediante formulário próprio, anexando os seguintes documentos:

a) histórico escolar atualizado, contendo o nome do curso e dos componentes curriculares, com especificação do período em que foram cursados, porcentagens de frequência, carga horária e a média ou conceito final;
b) conteúdo programático ou plano de ensino dos componentes curriculares cursados com aproveitamento, que sejam equivalentes ao componente pleiteado, com a carga horária e a bibliografia utilizada;

c) documento expedido pela Instituição de origem em que conste o número e data de autorização ou reconhecimento do curso.

Os documentos disponibilizados deverão ter o timbre da Instituição de origem, com carimbo e assinatura do responsável.

A falta de qualquer um dos documentos especificados, ou a existência de informações conflitantes implicará indeferimento da solicitação do candidato.

É vedada a solicitação de aproveitamento de estudos para as dependências.

O aproveitamento de estudos compreenderá apenas componentes curriculares que tenham sido cursados em época anterior à matrícula como discente regular do curso em andamento no IFMT, exceto os componentes curriculares cursados em função de convênios assinados pelo IFMT com outras instituições de ensino superior.

O aproveitamento de estudo será concedido quando o conteúdo e carga horária do(s) componente(s) curricular(es) analisado(s) equivaler(em) a, no mínimo, 80% (oitenta por cento) do componente para o qual foi solicitado o aproveitamento.

Somente serão analisados os componentes curriculares equivalentes aos que integram o currículo vigente do curso de opção do discente.

O pedido de aproveitamento para cada componente curricular poderá ser submetido uma única vez, resguardados os casos em que houver mudança curricular.

O aproveitamento de estudos de componentes curriculares cursados em outras instituições não poderá ser superior a 50% (cinquenta por cento) da carga horária do curso do IFMT.

Cabe ao discente encaminhar à Coordenação de Curso correspondente o processo de aproveitamento de estudos.

O Coordenador de Curso e o Colegiado de Curso deverão analisar o processo e emitir parecer quanto ao aproveitamento do componente curricular, após consulta ao docente do componente envolvido.

A Coordenação do Curso e o Colegiado de Curso, à vista do processo, relacionará a(s) equivalência(s) e a(s) dispensa(s) de componente(s) curricular(es).

Terminado o processo de aproveitamento de estudos e preenchidos os formulários próprios, a Coordenação de Curso dará o visto final, remetendo-o à Secretaria Geral de Documentação Escolar.

A Coordenação de Curso deverá dar ciência do resultado do processo ao requerente.

Até a data de publicação dos resultados, o discente deverá frequentar as aulas regularmente.

Para efeito de registro acadêmico, constará no histórico escolar a relação de componentes curriculares aproveitados com a respectiva carga horária da matriz curricular do curso requerido.

Em se tratando de aproveitamento de componentes curriculares cursados há mais de 05 (cinco) anos, ficará o Colegiado de Curso responsável por avaliar se o discente possui os pré-requisitos necessários para dar continuidade aos estudos.

Em qualquer caso de aproveitamento, deverá constar na ficha individual do discente beneficiado, o local em que houve a conclusão dos componentes curriculares e a nota obtida, bem como a menção de que se trata de componentes curriculares com aproveitamento de estudos realizados em outra instituição.

O componente curricular com aproveitamento não apresentará nota, carga horária e total de falta ou presença registrados no histórico escolar.

27 POLÍTICAS DE CONTROLE DE EVASÃO

Além das atividades acadêmico-científico-culturais, diversas iniciativas serão adotadas para elevar o desempenho dos alunos relativamente a:

27.1 Melhoria da Qualidade de Ensino

Criação do papel do professor responsável por grupos de componente curricular, no sentido de homogeneizar o nível das avaliações e metodologias, de modo a evitar possíveis disparidades.

Implantação dos Programas de Aprendizagem e reuniões semestrais para avaliar o desenvolvimento dos Programas de Aprendizagem.

27.2 Melhoria do Desempenho e da Formação do Aluno

Horário de atendimento extraclasse (04 horas semanais); desde que os alunos manifestem interesse.

Oferta de atividades e/ou projetos interdisciplinares semestralmente que farão parte dos programas de aprendizagem.

Oferecimento de componentes optativos, abrangendo áreas complementares, visando ampliar a formação acadêmica.

Excursões didático-científicas para participar de eventos técnico-científicos.

Convite a profissionais de diversas áreas afins ao curso de Zootecnia para ministrar palestras ou aulas-técnicas.

27.3 Melhoria do Desempenho do Professor

Avaliação do desempenho do professor, referente ao componente curricular ministrado no semestre letivo, por parte dos alunos e apresentação dos resultados aos professores em reuniões didático-pedagógicas.

27.4 Orientação Acadêmica dos Alunos

O Coordenador do Curso orientará os alunos quanto aos componentes curriculares nos quais eles podem se matricular.

Incentivo aos alunos a procurarem professores que atuam no curso para desenvolveram estágios, monitorias e/ou projetos de pesquisa ou extensão.

Elaboração do "Manual Acadêmico", distribuído anualmente aos alunos ingressantes, com todas as informações relativas ao curso e a instituição de ensino.

27.5 Trabalho de Orientação/Conscientização para participação no ENADE

O Coordenador do curso com os docentes orientarão os alunos sobre a importância de participarem do ENADE, alertando-os sobre a responsabilidade coletiva tendo em vista que o conceito é representado por médias e uma exigência legal para conclusão do curso.

28 CERTIFICADOS E DIPLOMAS

O aluno fará jus ao diploma de Bacharel em Zootecnia após integralização da carga horária dos componentes curriculares, bem como cumprimento da carga horária destinada às atividades complementares, trabalho de conclusão de curso e estágio supervisionado, com aprovação em todas as etapas, conforme estabelecido neste PPC.

29 CORPO DOCENTE

O corpo docente do Instituto Federal de Mato Grosso, *Campus* Alta Floresta, conta atualmente com os seguintes docentes:

Nome	Formação	Titulação	CPF	Regime de Trabalho
Alexander Stein de Luca	Ciências Biológicas	Doutor	503.224.601-82	DE
Emerson Luís Hoffmann	Matemática	Especialista	487.180.091-15	DE
Flávio Antonio Lucio Alves	Geografia	Mestre	654.814.021-49	DE
Luiz Carlos dos Santos	Administração	Mestre	293.242.621-49	DE
Maria Oséia Bier	Filosofia/História	Especialista	295.861.031-53	DE
Simone Henkemeier	Agronomia	Especialista	015.655.371-65	DE
Adriano Campos	Ciências da Computação	Especialista	872.317.271-15	DE
Alvaro Braga de Moura Neto	Educação Física	Mestre	664.767.630-91	DE
Betania Andressa Peixoto Costa	Zootecnia	Graduada	027.647.671-96	Contrato 40h
Anelise Dasenbrock Polachini	Letras (Português/Espanhol)	Especialista	965.758.679-87	Contrato 40h
Claudia Lucia Ferigato Bueno	Letras (Português/Inglês)	Mestra	105.409.058-01	DE
Ednei Isidoro de Almeida	Ciências Contábeis/ Administração	Especialista	861.424.101-15	DE
Eduardo Machado dos Santos	Artes Cênicas	Mestre	054.370.554-47	DE
Eveline de Magalhães Werner Rodrigues	Direito	Mestra	023.918.371-19	DE
Fábio Luiz Rech	Matemática	Especialista	041.128.259-00	Contrato 20h
Fabricio Rodrigues Del Giudice Pereira	Turismo	Graduado	863.693.181-91	Contrato 20h
Helio de França Gondim	Geografia	Mestre	054.056.034-06	DE
Igor de Lima e Silva	História	Mestre	052.984.766-35	DE
Micaela Pafume Coelho	Letras (Português/Inglês)	Mestre	101.740.356-24	DE
Miriam Marques da Paz Lima	Química/Ciências Biológicas	Especialista	878.408.631-91	Contrato 20h
Neilo Marcio da Silva Vaz	Ciências Sociais	Mestre	970.507.090-34	DE
Paulo Victor Campagnola França	Matemática	Graduado	044.123.981-10	Contrato 40h
Soraia Olivastro Teixeira	Agronomia	Graduada	036.041.771-03	Contrato 40h

30 INSTALAÇÕES FÍSICAS E EQUIPAMENTOS

30.1 Instalações Físicas

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Campus Alta Floresta, atualmente funciona temporariamente em uma estrutura cedida pela municipalidade, localizada na Rua A, 198, Setor A, Alta Floresta, MT, entretanto, está em fase bem adiantada a construção do prédio próprio localizada na MT 208, km 04, perímetro urbano de Alta Floresta, MT.

O funcionamento do setor administrativo do Campus é das 7h00 às 11h00 e das 13h00 às 17h00, de segunda a sexta; o setor de ensino do Campus funcionam das 7h00 às 11h30, das 13h00 às 17h30, e das 19h00 as 23h30, de segunda a sexta; excepcionalmente aos sábados em horários publicados previamente nos meios de comunicação do Campus.

O *Campus* Alta Floresta, ocupará uma área construída de 4.347,57m² cujas estruturas respeita as determinações do Decreto nº 5.296/2004 quanto aos procedimentos arquitetônicos de acessibilidade, como elevador e rampas. As instalações são compostas de um saguão principal com 722,07 m² que serve de ambiente de articulação, a partir do qual se pode acessar a biblioteca com 617,38 m², o auditório com 469,58 m², passarelas com 157,20 m² e os pavilhões de administração do campus com 946 m² e de sala de aulas. O pavilhão de salas de aula ocupa uma área construída 1.435,34 m², sendo: 20 salas de aula com tamanho médio de 51 m², banheiros masculino e feminino, corredores de acesso e elevador. Além disso, serão implantados os laboratórios de Anatomia e Fisiologia Animal, Biologia e Microbiologia, Bromatologia e Nutrição Animal, Tecnologia de Alimentos, Reprodução Animal e Informática com programas especializados.

31 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

A Organização Didática do IFMT aprovada pela Resolução nº 104, de 15 de dezembro de 2014, no seu art. 54, determina que o “Núcleo Docente Estruturante (NDE) é um instrumento diferenciador para garantir a qualidade dos cursos de graduação, formado por um grupo permanente de docentes” que atuam no processo

de criação, implantação, consolidação e constante atualização do Projeto Pedagógico do Curso (PPC). No seu art. 55 orienta que a constituição, as atribuições e outras disposições devem ser observadas na Resolução nº 047, de 06 de dezembro de 2011, que aprovou a Instrução Normativa nº 04, de 06 de dezembro de 2011, e normatizou a estruturação e regulamentação dos Núcleos Docentes Estruturantes dos Cursos Superiores de Tecnologia, Licenciaturas e Bacharelados ofertados nos Campi do IFMT.

O Núcleo Docente Estruturante atuará como um órgão de coordenação didática, destinado implantar uma política de melhorias do curso no ensino, pesquisa e extensão e acompanhar a sua execução, possuindo caráter deliberativo e normativo em sua esfera de decisão. Sendo responsável pela concepção e adequações do Projeto Pedagógico do Curso (PPC), e tem por finalidade, a implantação e cumprimento do mesmo.

O NDE será composto por docentes da área do conhecimento do Curso que participam na integralização do currículo pleno do Curso, de preferência com titulação mínima obtida em programas de pós-graduação Stricto Sensu para mandato de 2 (dois) anos, podendo ser reconduzidos. É prevista a efetivação e início dos trabalhos do NDE do curso a partir do primeiro semestre de 2016 considerando que a formação da equipe docente de trabalho está em andamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, R. L. **MatoGrosso Municip AltaFloresta** por Raphael Lorenzeto de Abreu - Image:MatoGrosso MesoMicroMunicip.svg, own work. Licenciado sob CC BY 2.5, via Wikimedia Commons. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File: MatoGrosso_Municip_AltaFloresta.svg#mediaviewer/File:MatoGrosso_Municip_ AltaFloresta.svg>. Acesso em: 16 jan. 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050**: acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro. 2015.

BRASIL. **Decreto nº 4.281**, de 25 de junho de 2002. Regulamenta a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. Brasília, DF: 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ ccivil_03/decreto/2002/d4281.htm>. Acesso em: 05 nov. 2015.

_____. **Decreto nº 5.154**, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília, DF: 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/ decreto/d5154.htm>. Acesso em: 14 mar. 2014.

_____. **Decreto nº 5.296**, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadores de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, DF: 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/ 2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em: 14 mar. 2014.

_____. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/ 2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 14 mar. 2014.

_____. **Decreto nº 5.773**, de 9 de maio de 2006. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e seqüenciais no sistema federal de ensino. Brasília, DF: 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5773.htm>. Acesso em: 02 out. 2015.

_____. **Decreto nº 8.142**, de 21 de novembro de 2013. Altera o Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino, e dá outras providências. Brasília, DF: 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8142.htm>. Acesso em: 02 out. 2015.

_____. **Decreto-Lei nº 464**, de 11 de fevereiro de 1969. Estabelece normas complementares à Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, e dá outras providências. Brasília, DF: 1969. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0464.htm>. Acesso em: 05 nov. 2015.

_____. **Lei nº 4.024**, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 1961. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L4024.htm>. Acesso em: 05 nov. 2015.

_____. **Lei nº 5.540**, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Brasília, DF: 1968. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5540.htm>. Acesso em: 05 nov. 2015.

_____. **Lei nº 5.789**, de 27 de junho de 1972. Dá nova redação ao artigo 6º do Decreto-lei nº 464, de 11 de fevereiro de 1969, que estabelece normas complementares à Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, e dá outras providências. Brasília, DF: 1972. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L5789.htm>. Acesso em: 05 nov. 2015.

_____. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 14 mar. 2014.

_____. **Lei nº 9.503**, de 23 de setembro de 1997. Institui o Código de Trânsito Brasileiro. Brasília, DF: 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9503.htm>. Acesso em: 14 mar. 2014.

_____. **Lei nº 9.536**, de 11 de dezembro de 1997. Regulamenta o parágrafo único do art. 49 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9536.htm>. Acesso em: 05 nov. 2015.

_____. **Lei nº 9.795**, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF: 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm>. Acesso em: 14 mar. 2014.

_____. **Lei nº 10.098**, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, DF: 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10098.htm>. Acesso em: 05 nov. 2015.

_____. **Lei nº 10.436/2002**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e dá outras providências. Brasília, DF: 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 14 mar. 2014.

_____. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 02 out. 2015.

_____. **Lei nº 10.741**, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF: 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.471.htm>. Acesso em: 14 mar. 2014.

_____.**Lei nº 10.861**, de 14 de abril de 2004. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) e dá outras providências. Brasília, DF: 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.861.htm>. Acesso em: 05 nov. 2015.

_____. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 14 mar. 2014.

_____. **Lei nº 11.788**, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Brasília, DF: 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm>. Acesso em: 14 mar. 2014.

_____. **Lei nº 11.892**, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e dá outras providências. Brasília, DF: 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm>. Acesso em: 14 mar. 2014.

_____. **Lei nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º, do art. 98, da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, DF: 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm>. Acesso em: 02 out. 2015.

_____. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF: 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: 02 out. 2015.

_____. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cadastro geral de empresas 2012**. Brasília, DF: 2012. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=510025&idtena=127&search=mato-grosso|alta-floresta|estatisticas-do-cadastro-geral-de-empresas-2012>. Acesso em: 18 mar. 2014a.

_____. _____. **Produção agrícola municipal 2013**. Brasília, DF: 2013. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=510025&idtema=137&search=mato-grosso|alta-floresta|producao-agricola-municipal-lavoura-temporaria-2013>. Acesso em: 18 mar. 2014b.

_____. _____. **Produção da pecuária municipal 2013**. Brasília, DF: 2013. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=510025&idtema=135&search=mato-grosso|alta-floresta|pecuaria-2013>. Acesso em: 18 mar. 2014c.

_____._____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura 2013**. Brasília, DF: 2013. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=510025& idtema=138&search=mato-grosso|alta-floresta|extracao-vegetal-e-silvisultura-2013>. Acesso em: 18 mar. 2014d.

_____. _____. Resolução nº 2, de 26 de agosto de 2014. Divulga as estimativas da população, para estados e municípios com data de referência em 1º de julho de 2014. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 ago. 2014. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=98&data=28/08/2014>. Acesso em: 04 nov. 2015.

_____. Ministério da Educação. **Portaria Normativa nº 40**, de 12 de dezembro de 2007. Brasília, DF: 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc_download&gid=16763&Itemid=>. Acesso em: 05 nov. 2015.

_____. _____. Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES). **Resolução nº 1**, de 17 de junho de 2010. Normatiza o Núcleo Docente Estruturante e dá outras providências. Brasília, DF: 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6885-resolucao1-2010-conae&category_slug=outubro-2010-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 05 nov. 2015.

_____. _____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução nº 4**, de 2 de fevereiro de 2006. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Zootecnia e dá outras providências. Brasília, DF: 2006. Disponível em : <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces04_06.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2015.

_____. _____. _____. _____. **Resolução nº 2**, de 18 de junho de 2007. Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial. Brasília, DF: 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc_download&gid=16872&Itemid=>. Acesso em: 05 nov. 2015.

_____. _____. _____. Conselho Pleno. **Resolução nº 1**, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação da Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em 14 mar. 2014.

_____. _____. _____. _____. **Resolução nº 1**, de 30 de maio de 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Brasília, DF: 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option= com_docman&task=doc_download&gid=10889&Itemid=>. Acesso em 14 mar. 2014.

_____. _____. _____. _____. **Resolução nº 2**, de 15 de junho de 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília, DF: 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman &task=doc_download&gid=10988&Itemid=>. Acesso em 14 mar. 2014.

_____. _____. Secretaria de Educação Superior. **Referenciais curriculares nacionais dos cursos de bacharelado e licenciatura**. Brasília, DF: MEC, 2010. Disponível em: <http://abmes.org.br/abmes/public/arquivos/documentos/ Referenciais-Curriculares-Nacionais-v-2010-04-29.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2015.

HOFFMANN, J. **Pontos e contrapontos**: do pensar ao agir em avaliação. Porto Alegre: Mediação, 1998.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO (IFMT). **Estatuto**. Cuiabá: 2009. Disponível em: <http://www.ifmt.edu.br/get_file/2000012/1000405/0/>. Acesso em: 14 mar. 2014.

_____. **Organização Didática**. Cuiabá: 2014. Disponível em: <http://www.ifmt.edu.br/get_file/2000012/1001398/20/>. Acesso em: 15 out. 2015.

_____. **Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2014-2018**. Cuiabá: 2014. Disponível em: <http://www.ifmt.edu.br/get_file/2000012/1001058/27/>. Acesso em: 25 mar. 2015.

_____. **Regimento Geral 2012**. Cuiabá: 2012. Disponível em: <http://www.ifmt.edu. br/get_file/2000012/1000328/5/>. Acesso em: 14 mar. 2014.

_____. **Resolução CONSUP nº 24**, de 6 de julho de 2011. Aprova a Normativa para elaboração dos Projetos Pedagógicos dos Cursos Superiores, oferecidos pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso. Cuiabá: 2011. Disponível em: <http://www.ifmt.edu.br/get_file/2000012/1000329/ 23/>. Acesso em: 04 nov. 2015.

MATO GROSSO. Lei nº 3.921, de 19 de setembro de 1977. Cria o distrito de Alta Floresta no município de Aripuanã. **Diário Oficial do Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, MT, 29 set. 1977. Disponível em: <https://www.iomat.mt.gov.br/portal/ edicoes/download/6608>. Acesso em: 04 nov. 2015.

_____. Lei nº 4.157, de 18 de dezembro de 1979. Eleva à categoria de município, com o nome de Alta Floresta, o distrito do mesmo nome, no município de Aripuanã. **Diário Oficial do Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, MT, 18 dez. 1979. Disponível em: <https://www.iomat.mt.gov.br/portal/edicoes/download/7164>. Acesso em: 04 nov. 2015.

ANEXOS

Anexo I – Regulamento do Estágio Supervisionado

REGULAMENTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Art. 1º. Considera-se estágio o ato educativo escolar supervisionado que visa à preparação produtiva de discentes para o mundo do trabalho e é requisito para integralização curricular, regido pela Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008.

Art. 2º. O estágio supervisionado é obrigatório, com carga horária mínima de 360 (trezentas e sessenta) horas.

Art. 3º.As atividades de estágio têm como objetivos:

I- oportunizar ao estudante o desenvolvimento de suas habilidades, analisar situações, fatos, dados ligados à sua área de formação e propor mudanças, intervenções quando pertinentes e devidamente consensuais em seu ambiente de aprendizagem;

II- complementar e aprimorar o processo ensino-aprendizagem, através da conscientização das deficiências individuais, ressignificando sua formação profissional, buscando o permanentemente elo entre a teoria e a prática;

III- atenuar o impacto da passagem da carreira estudantil para a profissional, abrindo ao estagiário a oportunidade de conhecimento do real funcionamento do mercado e do mundo do trabalho;

IV- facilitar o processo de atualização de conteúdos disciplinares, permitindo adequar aquelas de caráter profissionalizante às constantes inovações tecnológicas, políticas, sociais e econômicas a que estão sujeitas;

V- estimular o desenvolvimento de capacidades intelectuais, propiciando o surgimento de profissionais empreendedores;

VI- vivenciar experiências teórico-práticas em empresas e/ou órgãos públicos ou privados, consolidando a capacidade de elaboração de trabalhos científicos.

Art. 4º. Para dar início ao estágio supervisionado, o discente deverá estar cursando o último semestre do curso, estar matriculado no componente curricular de Estágio Supervisionado e ter cursado com aproveitamento todas as disciplinas obrigatórias e optativas até o 9º (nono) semestre.

Art. 5º.O estágio será realizado junto a pessoas jurídicas de direito privado, profissionais liberais de nível superior devidamente registrados em seus respectivos conselhos de fiscalização profissional, órgãos da administração pública direta,

autárquica e fundacional de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios ou no próprio IFMT.

Art. 6º. O estágio poderá ser realizado no período de férias escolares.

Art. 7º. O estágio não cria vínculo empregatício de qualquer natureza para a concedente. No entanto, a inobservância da Lei nº 11.788/2008 e/ou o descumprimento de qualquer obrigação contida no termo de compromisso, caracteriza vínculo de emprego do acadêmico com a parte concedente do estágio para todos os fins da legislação trabalhista e previdenciária.

Art. 8º. O estágio deverá ser acompanhado por um professor orientador do *campus*, que firmará carta de aceite, e por um supervisor da parte concedente, que deverão solicitar e avaliar relatórios e outros documentos que comprovem a sua efetiva realização.

Art. 9º. Para a realização do Estágio Curricular Supervisionado, o discente deverá apresentar o Plano de Estágio em 02 (duas) vias, sendo 01 (uma) ao Coordenador de Curso e 01 (uma) ao Departamento de Ensino.

Art. 10. São obrigações da parte concedente do estágio:

I- celebrar termo de compromisso com o IFMT, *Campus* Alta Floresta, e com o estagiário, zelando pelo seu cumprimento;

II- oferecer instalações adequadas à realização do estágio, capazes de proporcionar ao estudante atividades de aprendizagem social, profissional e cultural;

III- indicar como supervisor um funcionário de seu quadro de pessoal com formação ou experiência profissional na área de conhecimento requerida pelo estágio, para atender a até 10 (dez) estagiários simultaneamente;

IV- entregar termo de realização do estágio, indicando, resumidamente, as atividades desenvolvidas, o período de realização do estágio e a avaliação de desempenho;

V- enviar ao IFMT relatório de atividades, com vista obrigatória ao estagiário;

VI- por ocasião do desligamento do estagiário, entregar termo de realização do estágio com indicação resumida das atividades desenvolvidas, dos períodos e da avaliação de desempenho;

VII- manter a disposição da fiscalização documentos que comprovem a relação de estágio.

Art. 11. Compete ao Coordenador do Curso:

I- prospectar, identificar e cadastrar empresas, instituições e profissionais liberais interessados em conceder vagas para estágio, desde que haja por parte destas somente a obrigatoriedade de celebração de Termo de Compromisso e a comprovação do pagamento da apólice de seguro dos estudantes.

II- avaliar as condições estruturais da concedente;

III- divulgar junto à comunidade interna as oportunidades de estágio das concedentes cadastradas (com Termo de Compromisso e/ou Convênio);

IV- encaminhar às concedentes os estagiários devidamente documentados;

V- celebrar Termo de Compromisso com a concedente e com o estagiário ou com seu representante ou assistente legal, quando se tratar de estagiário absoluta ou relativamente incapaz, zelando pelo seu cumprimento;

VI- matricular e cadastrar os acadêmicos interessados em estágio;

VII- indicar professor orientador, da área a ser desenvolvida no estágio, para acompanhamento e avaliação do estágio;

VIII- fornecer ao estagiário a documentação necessária à efetivação do estágio;

IX- reorientar estagiários para outro local em caso de descumprimento das normas;

X- comunicar à concedente as datas das avaliações da aprendizagem no período letivo;

XI- garantir que o Termo de Compromisso seja cumprido;

XII- exigir do estudante a apresentação periódica de relatórios de atividades e dos documentos que comprovem a avaliação do estágio;

XIII- receber, de outras instituições, estagiários de acordo com a demanda e perfil de necessidade do *Campus*.

Art. 12. São obrigações do estudante estagiário:

I- procurar o local de estágio, com o assessoramento da instituição, sob a orientação da Coordenação de Curso;

II- antes do início do estágio, retirar a sua pasta de estágio juntamente com 03 (três) vias do Termo de Compromisso de Estágio e 02 (duas) vias do Convênio, se for o caso;

III- colher as devidas assinaturas do Termo de Compromisso de Estágio e Convênio e fazer a devolução de 01 (uma) via a Coordenação de Curso no prazo de 05 (cinco) dias úteis após a sua retirada, cuja não devolução nos prazos previstos, acarretará na anulação do Termo de Compromisso de Estágio.

IV- zelar pelo cumprimento do que for acordado no Termo de Compromisso de Estágio;

V- fazer uma autoavaliação do estágio;

VI- apresentar ao professor orientador os relatórios exigidos e o relatório final de Estágio Supervisionado, documento indispensável para a avaliação e aprovação neste componente curricular;

VII- comunicar ao seu professor orientador problemas ou dificuldades enfrentadas no estágio, bem como sua eventual desistência ou interesse em prorrogar o tempo de estágio;

VIII- agir conforme os princípios éticos requeridos pela profissão relacionada ao estágio e as normas internas da concedente;

IX- ter no mínimo, 16 (dezesseis) anos, ao iniciar as atividades de estágio.

Art. 13.São obrigações do professor orientador:

I- acompanhar o desenvolvimento do estágio, em todas as suas etapas;

II- monitorar o envio e o recebimento de documentos relativos ao acompanhamento do estágio;

III- orientar o acadêmico na elaboração do seu plano de atividades, considerando a compatibilidade entre as atividades programadas para o estágio e o projeto do curso em que está matriculado;

IV- avaliar o desenvolvimento do acadêmico durante o estágio;

V- esclarecer aos acadêmicos temas pertinentes ao estágio;

VI- participar de eventos relacionados ao estágio, incluindo-se as reuniões para tratar de assuntos afins, quando convocado ou convidado pelas instâncias diretivas do IFMT;

VII- agendar, com os estagiários, reuniões sempre que necessário para a otimização da divulgação de informações;

VIII- comunicar ao Coordenador do Curso sobre desistências, prorrogações e irregularidades.

Art. 14. Compete à Direção de Ensino do *Campus* celebrar convênio a partir da notificação do Coordenador do Curso.

Art. 15. São direitos do estudante estagiário:

I- ter uma jornada de estágio compatível com as atividades escolares, definida de comum acordo com o IFMT;

II- o estudante que exerça atividade profissional em área relacionada ao curso poderá ser dispensado do estágio obrigatório, dependendo de autorização do Professor do estágio e da Coordenação do Curso e de aprovação do Relatório Analítico, devendo o estudante apresentar os seguintes documentos:

a. se empregado, cópia da parte da carteira de trabalho em que fique configurado seu vínculo empregatício e descrição, por parte de seu chefe imediato, das atividades que desenvolve;
b. se empresário, cópia do contrato social da empresa e descrição das atividades que executa;
c. relatório analítico feito pelo estudante que será encaminhado para análise de um professor orientador de estágio.

Art. 16. A carga horária a ser cumprida no estágio será de 180 (cento e oitenta) horas.

Art. 17. A jornada de atividade em estágio será definida de comum acordo entre a instituição de ensino, a parte concedente e o aluno estagiário ou seu representante legal, devendo constar do termo de compromisso e ser compatível com as atividades escolares, não podendo ultrapassar 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais.

Parágrafo único: nos períodos de avaliação periódicas e finais, a carga horária do estágio será reduzida à metade, para garantir o bom desempenho do estudantes, conforme previsto no art. 10, § 2º, da Lei nº 11.788/2008.

Art. 18. A duração do estágio não poderá exceder a dois anos em uma mesma concedente, exceto quando se tratar de estagiário com necessidades educacionais específicas.

Art. 19. O estágio poderá ser renovado ou prorrogado, desde que haja interesse das partes e que sejam feitos termos aditivos ao Termo de Compromisso.

Art. 20. Ocorrerá o desligamento do acadêmico do estágio:

I- automaticamente, ao término do estágio;

II- a pedido de qualquer das partes acordadas no Termo de Compromisso, por meio de requerimento formal, escrito, contendo justificativa;

III- após a terça parte do tempo previsto para a duração do estágio, se constatada insuficiência na avaliação de desempenho pela concedente e/ou pela Instituição de ensino.

IV- em decorrência do descumprimento de qualquer das cláusulas do Termo de Compromisso;

V- pelo não comparecimento às atividades de estágio, sem nenhum motivo justificado, por mais de cinco dias consecutivos ou quando ultrapassar o limite de faltas de 25% (vinte e cinco por cento) previsto na lei;

VI- por conduta incompatível do estagiário com os princípios de formação preconizados pelo IFMT.

Art. 21. Não há defesa e/ou apresentação pública obrigatória do Relatório de Estágio. É de responsabilidade do professor orientador o julgamento favorável à finalização do mesmo, quando atenda aos critérios técnicos e teóricos e, quanto à forma e conteúdo, seja do nível acadêmico esperado.

Art. 22. Para que o acadêmico seja aprovado no Estágio, a média aritmética obtida entre a avaliação do supervisor da unidade concedente e do professor orientador deverá ser igual ou superior a 6,0 (seis).

Art. 23. Os casos omissos serão dirimidos pela Coordenação do Curso, juntamente com o Colegiado do Curso e a Direção de Ensino do *Campus*.

Anexo II – Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso

REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Art. 1º. O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é atividade prática curricular do curso de Bacharelado em Zootecnia, constituindo-se em trabalho resultante de uma pesquisa em forma de Monografia na área de Zootecnia, elaborado individualmente pelo discente, sob orientação de um professor do Curso.

Parágrafo único: O TCC constitui-se em atividade vinculada diretamente ao componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso, com carga horária específica de 100 (cem) horas.

Art. 2º. O TCC do Curso de Bacharelado em Zootecnia tem como objetivos:

I- propiciar ao corpo discente e docente a oportunidade de fazer do Trabalho de Conclusão uma experiência de observação, análise e compreensão de dados, estatísticas e fenômenos relacionados a cada área de atuação, em relação à realidade local, regional e nacional;

II- oportunizar ao estudante a análise e materialização, na forma de um trabalho científico, relacionando a teoria com a prática, capacitando-o a realizar análises na área que resolva investigar;

III- instrumentalizar o discente na coleta de dados, bem como nas análises dos mesmos;

IV- oferecer ao discente orientação sistemática, acompanhamento e controle no processo de elaboração do Trabalho de Conclusão.

Art. 3º. O TCC deve tratar de temáticas pertinentes à Zootecnia, sob a forma de Monografia.

Art. 4º. Compete à Coordenação do Curso a designação de um professor para ser o Supervisor do Trabalho de Conclusão de Curso.

Art. 5º. Compete ao Supervisor do TCC:

I- colaborar com a Coordenação do Curso pelo cumprimento deste Regulamento e demais normas exaradas pelo Colegiado de Curso;

II- articular-se com a Coordenação do Curso para o planejamento e desenvolvimento dos trabalhos;

III- elaborar e divulgar o calendário de trabalho referente ao desenvolvimento dos TCCs;

IV- assessorar os alunos na escolha de orientador;

V- organizar a listagem de alunos e de seus respectivos orientadores;

VI- coordenar, quando for o caso, o processo de substituição de orientadores, ouvindo, respectivamente, professor orientador e orientando;

VII- organizar, em conjunto com o Coordenador do Curso e o Departamento de Ensino, o cronograma de defesa pública dos trabalhos de cada turma;

VIII- receber as versões finais dos trabalhos (uma versão impressa e uma em CD-ROM) aprovados em Banca e encaminhá-los via ofício à Biblioteca.

Art. 6º. Antes do início da orientação o acadêmico deverá entregar ao Coordenador do curso pré-projeto de Trabalho de Conclusão, com o respectivo Termo de Aceite para Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso devidamente assinado pelo professor orientador.

§ 1º. Caso o discente não consiga um Professor Orientador, caberá ao Coordenador do Curso a sua designação, observando, sempre, a carga individual de orientação de trabalhos de conclusão atribuída aos docentes.

§ 2º. O professor orientador do Trabalho de Conclusão deverá ter domínio do tema escolhido para a construção do Trabalho de Conclusão.

Art. 7º. A orientação do TCC, entendida como processo de acompanhamento didático-pedagógico, deve ser efetivada por docentes ou técnicos de nível superior do IFMT.

Art. 8º. O processo de orientação do TCC poderá ter um coorientador, mediante o compromisso por escrito de observação deste Regulamento e demais normas definidas pelo Colegiado de Curso e/ou Supervisor do TCC.

Art. 9º. As sessões de orientação do TCC são de caráter individual e/ou em grupo, realizadas conforme cronograma estabelecido pelo orientador e orientando.

Art. 10. Compete ao Orientador:

I- assumir, através de documento firmado, o compromisso de orientação até a defesa e entrega do TCC;

II- dispor de períodos para encontros periódicos de orientação;

III- estar disponível e disposto a orientar um número de alunos que, mantido o critério da isonomia e da divisão de trabalho equânime, esteja de acordo com as necessidades do Curso;

IV- orientar, acompanhar e avaliar o desenvolvimento do processo de elaboração do TCC de seus orientandos;

V- estabelecer o plano e cronograma do trabalho em conjunto com o orientando;

VI- informar o orientando sobre as normas, procedimentos e critérios de avaliação respectivos;

VII- convidar os membros da Banca de TCC e presidir a banca examinadora do trabalho final por ele orientado;

VIII- comunicar ao Supervisor do TCC os problemas que exijam encaminhamento.

Art. 11. Compete ao Orientando:

I- escolher a temática a ser trabalhada no TCC, em consonância com os artigos 2º e 3º deste Regulamento;

II- cumprir o plano e o cronograma de trabalho elaborado em conjunto com orientador, e as determinações deste Regulamento;

III- observar a data de entrega do TCC, com anuência do professor orientador;

IV- comunicar ao Supervisor do TCC toda e qualquer situação que possa comprometer, de alguma forma, o processo de elaboração, bem como, a conclusão do trabalho;

V- comparecer perante a banca examinadora, na data, hora e local estabelecido para a realização da sessão de avaliação do TCC.

Art. 12. O orientador pode desligar-se da orientação do TCC quando o orientando não cumprir o plano e cronograma de atividades acordadas, após o que deverá assinar carta de desligamento e enviar cópia ao Supervisor do TCC.

Parágrafo único - O desligamento não pode ocorrer se faltar menos de 30 (trinta) dias da data fixada para a entrega final do TCC.

Art. 13. O orientando, após diálogo com o orientador, pode solicitar o desligamento após o que deverá comunicar e encaminhar por escrito uma carta de desligamento com assinatura do professor orientador ao Coordenador do TCC;

Parágrafo único: A substituição não pode ocorrer se faltar menos de 30 (trinta) dias da data fixada para a entrega da versão final do TCC.

Art. 14. O prazo para elaboração e defesa do TCC fica estipulado no cronograma de atividades definido pelo Supervisor do TCC.

Art. 15. O TCC deve estar em conformidade com as normas técnicas da Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT).

Art. 16. A defesa do TCC deve acontecer durante o período letivo em curso.

§ 1º. A data da defesa deve acontecer, pelo menos 15 (quinze) dias antes do período marcado no Calendário Acadêmico do IFMT para o término do período letivo.

§ 2º. A defesa do Trabalho de Conclusão é de natureza pública, devendo ser divulgado, de forma impressa e/ou virtual, com antecedência de 2 (dois) dias, o local e horário para que possa ser do conhecimento de interessados no tema.

Art. 17. Na defesa final a banca examinadora atribuirá uma nota de zero a dez (com aproximação para uma casa decimal), que consiste na média aritmética das notas atribuídas por cada membro da banca e um dos seguintes conceitos:

a) APROVADO para os trabalhos com notas iguais ou superiores a 6,0 (seis);

b) REPROVADO, para os trabalhos com nota inferior a 6,0 (seis).

Art. 18. Atendidas as sugestões feitas pela banca examinadora, o orientando cujo trabalho for aprovado, tem o prazo de, no máximo, 15 (quinze) dias para tomar as providências necessárias e entregar ao Supervisor do TCC a versão definitiva do trabalho.

§ 1º. A versão definitiva deve ser entregue encadernada em capa dura, de cor verde, conforme modelo disposto no Departamento de Ensino, acompanhada de cópia eletrônica em CD.

§ 2º. Ao orientando que não entregar a versão definitiva do TCC no prazo estipulado, aplicar-se-á nota ZERO.

Art. 19. As Bancas Examinadoras do TCC deverão ser constituídas por três membros titulares e um suplente, escolhidos em consenso entre orientando e orientador, tendo como critério a afinidade com o tema, metodologia ou período, sendo o orientador o presidente nato da banca examinadora.

Art. 20. As sessões das Bancas Examinadoras têm caráter público e apenas em casos excepcionais, o discente poderá fazer a defesa sem a presença do seu orientador.

§ 1º. O orientando terá no mínimo 20 (vinte) minutos e no máximo 30 (trinta) minutos para apresentação oral do respectivo TCC.

§ 2º. Cada membro pode dispor de até 20 (vinte) minutos para fazer comentários, questionamentos e contribuições ao trabalho, incluído nesse tempo o direito de resposta do discente.

§ 3º. O tempo total da defesa não deverá ultrapassar 120 (cento e vinte) minutos.

§ 4º. Ao final da sessão da banca examinadora, o seu presidente deve preencher ata contendo a nota e o conceito final atribuído ao trabalho.

Art. 21. Esgotado o prazo de tolerância de 15 (quinze) minutos, ao orientando que não comparecer à defesa marcada atribuir-se-á nota final ZERO.

Art. 22. Os orientandos que não inscreverem seu TCC para defesa dentro dos prazos regulamentares serão considerados desistentes e será atribuída nota final zero (reprovado).

Art. 23. Para inscrever seu TCC para defesa o orientando deve entregar ao Supervisor do TCC, dentro dos prazos regulamentares, a ficha de inscrição para defesa, devidamente preenchida e na qual conste a anuência do orientador.

Art. 24. Os casos omissos devem ser apreciados pela Coordenação do Curso e seus colegiados.

Anexo III – Regulamento das Atividades Complementares

REGULAMENTO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Art. 1º. Atividades complementares envolvem todas as atividades didático-pedagógicas com objetivo de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem privilegiando a complementação da formação social e profissional do discente.

Art. 2º. Constituem-se no conjunto de atividades extracurriculares obrigatórias, complementares ao conteúdo programático do curso e que são somadas à carga horária total deste, desde que comprovadas por documentos oficiais ou por meio de processos definidos pelo curso.

§ 1º. A carga horária de atividades complementares será de 100 (cem) horas.

§ 2º. A carga horária das atividades complementares deverá ser desenvolvida preferencialmente ao longo do percurso formativo.

§ 3º. As atividades complementares podem ser desenvolvidas no próprio IFMT, em outras Instituições de Ensino Superior e/ou em programações oficiais promovidas por outras entidades, desde que reconhecidas pelo colegiado de curso.

Art. 3º. São consideradas atividades complementares para fins de currículo:

I- atividades em programas e projetos de extensão;

II- atividades em programas e projetos de pesquisa;

III- participação em eventos técnico-científicos (seminários, simpósios, conferências, congressos, jornadas, visitas técnicas) e outros;

IV- atividades de monitorias em componentes curriculares de curso;

V- aproveitamento de estudos em componentes curriculares que não integram o currículo do curso e/ou componentes curriculares de outros cursos;

VI- participação em cursos de curta duração;

VII- trabalhos publicados em revistas indexadas ou não, jornais, anais e apresentação de trabalhos em eventos científicos e aprovação ou premiação em concursos;

VIII- atividades de gestão, tais como participação em órgãos colegiados, em comitês ou comissões de trabalhos e em entidades estudantis como membro de diretoria.

Art. 4º. A atividade em pesquisa compreende:

I- a realização de trabalho de pesquisa sob orientação;

II- participação como expositor ou debatedor, em evento técnico-científico;

III- participação em grupos de estudo/pesquisa, sob supervisão do IFMT ou instituição parceira.

Art. 5º. As publicações aceitas como textos acadêmicos são aquelas que, tendo passado por avaliador *ad-hoc*, sejam veiculadas em periódicos ou em livros relacionados à área de abrangência do Curso.

Art. 6º. São consideradas atividades de extensão aquelas desenvolvidas com a participação da comunidade externa e resultantes de trabalho de ensino ou de pesquisa.

Art. 7º. Os eventos técnico-científicos a que se refere o inciso III, do Art. 3º deste Regulamento são considerados válidos quando:

I- promovidos pelo próprio curso ou por ele apoiados;

II- aprovados pelo Coordenador de Curso, no caso de serem promovidos por outras instituições, ou por outro curso do próprio IFMT.

Art. 8º. A monitoria compreende o exercício de atividades de apoio ao corpo discente, supervisionadas pelo docente responsável pelo componente curricular.

Art. 9º. A carga horária sugerida para pontuação das Atividades Complementares está prevista no Anexo A deste regulamento.

§ 1º. Para a integralização das Atividades Complementares, o estudante não é obrigado a participar de todas as categorias, mas devem ser observados os limites de pontuação.

§ 2º. O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e o Estágio Supervisionado obrigatório não poderão ser pontuados em Atividades Complementares, por já possuírem carga horária e registros próprios.

§ 3º. As atividades que se enquadrarem em mais de um item serão pontuadas por aquele que propiciar maior pontuação ou conforme opção expressa pelo estudante.

§ 4º. A documentação a ser apresentada deverá ser devidamente legitimada pela Instituição emitente, contendo carimbo e assinatura do responsável, descrição da atividade, avaliação (quando couber), especificação de carga horária e período de execução da atividade.

Art. 10. A avaliação das Atividades Complementares será feita por meio da ficha de Registro das Atividades Complementares (Anexo B) preenchida e entregue pelo estudante e avaliada pelo professor responsável.

Parágrafo único: A avaliação das atividades ocorrerá ao final de cada período letivo.

Art. 11. Ao Coordenador do Curso compete:

I- propiciar condições para o processo de acompanhamento e avaliação das Atividades Complementares;

II- indicar à Direção de Ensino, o professor responsável por coordenar os processos de acompanhamento e gestão das Atividades Complementares, no âmbito do respectivo curso;

III- supervisionar o desenvolvimento das Atividades Complementares;

IV- apreciar e publicar o resultado da avaliação das Atividades Complementares, realizado pelo professor responsável, no período estabelecido no Calendário Acadêmico;

Art. 12. Ao professor responsável pelas Atividades Complementares compete:

I- orientar o estudante quanto à pontuação e aos procedimentos relativos às Atividades Complementares, bem como os procedimentos administrativos inerentes a essa atividade;

II- participar das reuniões de operacionalização das ações referentes à gestão das Atividades Complementares;

III- definir e divulgar locais, datas e horários para atendimento aos estudantes;

IV- analisar e validar a documentação das Atividades Complementares apresentada pelo estudante, de acordo com os critérios estabelecidos por este Regulamento;

V- analisar a pontuação das Atividades Complementares desenvolvidas pelo estudante por meio do Anexo B deste Regulamento;

VI- encaminhar ao Coordenador de Curso o resultado da avaliação das Atividades Complementares, para posterior divulgação aos interessados, conforme período estabelecido no Calendário Acadêmico;

VII- encaminhar à Secretaria de Registro Acadêmico a Ficha de Registro de Atividades Complementares, devidamente atestada e acompanhada da

respectiva documentação comprobatória para que se proceda os registros necessário e posterior arquivamento na pasta individual dos estudantes.

Art. 13. Ao estudante compete:

I- informar-se sobre as regras definidas neste Regulamento;

II- inscrever-se e participar efetivamente das atividades que, oferecidas dentro ou fora do IFMT, propiciem pontuações para Atividades Complementares;

III- providenciar, junto aos organizadores das atividades, a documentação comprobatória relativa à participação efetiva nas atividades realizadas;

IV- entregar ao Professor responsável pelas Atividades Complementares a Ficha de Registro das Atividades Complementares (Anexo B) devidamente preenchida, juntamente com a documentação necessária para a pontuação e a avaliação (original e cópia) até a data limite estabelecida no Calendário Acadêmico;

V- arquivar os originais da documentação comprobatória das Atividades Complementares e apresentá-los sempre que solicitados;

VI- retirar a documentação original apresentada junto à SGDE, em até 60 dias corridos, após a publicação do resultado final das Atividades Complementares.

Parágrafo único: A documentação não retirada no prazo estabelecido neste Regulamento, será descartada.

Art. 14. Os casos omissos serão resolvidos pela Coordenação de Curso, Colegiado do Curso e Departamento de Ensino do *Campus*.

Anexo A

Distribuição de Carga Horária para as Atividades Complementares

Categoria	Carga Horária Integralizada	Máximo Semestral	Comprovação
ATIVIDADES EM PROGRAMAS E PROJETOS DE PESQUISA	**Máximo de 50 horas ao longo do curso**	**20 horas**	
Participação em projetos e grupos de pesquisa	5 horas por participação	10 horas	Certificado/Declaração
Realização de pesquisa sob orientação	10 horas por pesquisa	20 horas	Certificado/Declaração
ATIVIDADES EM PROGRAMAS E PROJETOS DE EXTENSÃO	**Máximo de 50 horas ao longo do curso**	**20 horas**	
Participação em projetos e grupos de extensão	5 horas por participação	10 horas	Certificado/Declaração
PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS	**Máximo de 30 horas ao longo do curso**	**10 horas**	
Participação como ouvinte em congressos, seminários, simpósios e demais eventos relacionados ao curso ou áreas afins.	2 horas por participação	4 horas	Certificado/Declaração
Membro atuante em atividades técnico-científicas, tais como apresentação de trabalhos científicos, ministrar palestras, comunicação oral e painéis, orientações técnicas supervisionadas e participação em bancas de debate.	5 horas por participação	10 horas	Certificado/Declaração
Participação como ouvinte em eventos acadêmicos, tais como bancas de TCC, dissertação, teses.	1 hora por participação	5 horas	Relatório/Declaração
Organização de eventos acadêmicos	5 horas por evento	10 horas	Certificado/Declaração
Participação como agente em feiras, exposições, festivais, competições esportivas, bandas, corais, olimpíadas em geral.	5 horas por atividade comprovada	10 horas	Relatório e comprovante de participação
ATIVIDADES DE MONITORIAS EM COMPONENTES CURRICULARES DO CURSO	**Máximo de 30 horas ao longo do curso**	**10 horas**	
Monitoria em componente curricular do curso	5 horas por monitoria	10 horas	Certificado/Declaração
APROVEITAMENTO DE ESTUDOS EM COMPONENTES CURRICULARES QUE NÃO INTEGRAM O CURRÍCULO DO CURSO E/OU COMPONENTES CURRICULARES DE OUTROS CURSOS	**Máximo de 20 horas ao longo do curso**	**10 horas**	
Componentes curriculares cursados com aproveitamento em outros cursos que não integram a matriz curricular deste curso	2 horas por componente curricular	10 horas	Histórico escolar e Plano de ensino do componente curricular cursado
PARTICIPAÇÃO EM CURSOS DE CURTA DURAÇÃO	**Máximo de 30 horas ao longo do curso**	**10 horas**	
Realização de cursos de língua estrangeira, informática e outros de formação cultural, social ou específica do âmbito do curso	5 horas por curso	10 horas	Certificado/Declaração
TRABALHOS PUBLICADOS EM REVISTAS INDEXADAS OU NÃO, JORNAIS, ANAIS E APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS EM EVENTOS CIENTÍFICOS E APROVAÇÃO OU PREMIAÇÃO EM CONCURSOS	**Máximo de 40 horas ao longo do curso**	**20 horas**	
Publicação de artigo científico em revista ou periódico	5 horas por publicação	10 horas	Artigo publicado
Publicação de resumo de artigo científico em revista ou periódico	2 horas por publicação	10 horas	Resumo publicado
ATIVIDADES DE GESTÃO, TAIS COMO PARTICIPAÇÃO EM ÓRGÃOS COLEGIADOS, EM COMITÊS OU COMISSÕES DE TRABALHOS E EM ENTIDADES ESTUDANTIS COMO MEMBRO DE DIRETORIA	**Máximo de 20 horas ao longo do curso**	**10 horas**	
Representação discente em Conselhos e Entidades estudantis, órgãos de classe e conselhos representativos	5 horas por participação	10 horas	Certificado/Declaração

Anexo B

Ficha de Registro das Atividades Complementares

FOLHA:_____

DISCENTE:			
CURSO:		TURMA:	TURNO:
ANO/PERÍODO DE INGRESSO:	ANO/PERÍODO DE CONCLUSÃO:	PERÍODO LETIVO:	

Nº	ATIVIDADE	CATEGORIA	DATA/HORA	CARGA HORÁRIA INDICADA	CARGA HORÁRIA CONFERIDA

CARGA HORÁRIA TOTAL:_____ SITUAÇÃO DO(A) DISCENTE:_____

_____ _____ _____

PROFESSOR RESPONSÁVEL COORDENADOR DO CURSO DISCENTE

Anexo IV – Regimento do Colegiado de Curso

REGIMENTO DO COLEGIADO DE CURSO

Art. 1º. O Colegiado de Curso é o órgão responsável pela coordenação didática dos componentes curriculares constituintes do projeto pedagógico do curso, devendo ser formado por docentes, discentes e técnicos administrativos.

Art. 2º. Os Colegiados dos Cursos Superiores do Instituto Federal de Mato Grosso - *Campus* Alta Floresta serão compostos:

I- Pelo Coordenador do Curso, que o presidirá;

II- Por quatro representantes eleitos pelo Corpo Docente do Curso;

III- Pelo representante eleito pelo Corpo Discente do Curso;

IV- Pelo representante do Corpo Técnico, especialista em assuntos pedagógicos, indicado pelo Departamento de Ensino.

§ 1º. Os representantes eleitos do corpo docente e discente terão cada qual um suplente eleito pelo mesmo processo e na mesma ocasião da escolha dos titulares, aos quais substituem automaticamente nas faltas, impedimentos ou vacância.

§ 2°. O processo eleitoral do representante deverá ser conduzido pelo Colegiado de Curso ou por comissão indicada pelo mesmo, e, caso haja candidato pleiteando a reeleição, este não poderá participar como membro da comissão de processo eleitoral.

§ 3°. O processo eleitoral deverá ser registrado em ata, bem como seu procedimento e resultados.

§ 4º. O edital de processo eleitoral deverá ser publicado com antecedência mínima de 5 (cinco) dias úteis nos murais e no endereço eletrônico oficial desta Instituição.

Art. 3º. O mandato dos membros do Colegiado de Curso será de 2 (dois) anos para os representantes do corpo Docente e de 1 (um) ano para representante do corpo Discente.

Parágrafo único. A representação docente e discente poderá ser reconduzida por mais um mandato de igual período.

Art. 4º. São atribuições do colegiado de curso:

I- Estabelecer o perfil profissional e a proposta pedagógica do curso.

II- Elaborar o seu regimento interno.

III- Elaborar, analisar e avaliar o currículo do curso e suas alterações e submetê-los a apreciação das instâncias superiores.

IV- Analisar, aprovar e avaliar os planos de ensino das disciplinas do curso, propondo alteração quando necessárias.

V- Fixar normas quanto à matrícula e integralização do curso, respeitando o estabelecido pelas instâncias superiores.

VI- Deliberar sobre os pedidos de prorrogação de prazo para conclusão do Curso.

VII- Exercer as demais atribuições conferidas por lei neste Regulamento ou Regimento do Curso.

VIII- Emitir parecer em processos de Ensino e Pesquisa vinculados à coordenação de curso.

IX- Participar ativamente da administração acadêmica, assessorando os órgãos colegiados deliberativos consultivos e executivos no desempenho de suas funções.

X- Propor ao Departamento de Ensino normas de funcionamento e verificação do rendimento escolar para estágio, trabalho de conclusão e de disciplinas com características especiais do curso.

XI- Sugerir medidas que visem ao aperfeiçoamento e desenvolvimento das atividades da Instituição, opinando sobre assuntos pertinentes que lhe sejam submetidos pelo Diretor Geral.

XII- Constituir comissões específicas para o estudo de assunto de interesse dos colegiados dos cursos.

XIII- Zelar pela fiel execução dos dispositivos regimentais e demais regulamentos.

XIV- Reunir-se e tomar decisões conjuntas com os demais colegiados sempre que o assunto e interesse da matéria exigir.

XV- Decidir sobre complementação pedagógica, exercícios domiciliares, expedição e dispensa da guia de transferência.

XVI- Decidir sobre quaisquer situações omissas a este regimento que referem ao curso, seus alunos e turmas.

Art. 5º. São atribuições do Presidente do Colegiado de Curso:

I- Convocar e presidir as reuniões, com direito a voto, inclusive o de qualidade.

II- Representar o colegiado junto aos outros setores da instituição.

III- Executar as deliberações do colegiado.

IV- Designar relator ou comissão para estudo de matéria a ser decidida pelo colegiado.

V- Decidir ad referendum, em caso de urgência, sobre matéria de competência do colegiado juntamente com outro membro por ele designado.

VI- Elaborar os horários de aula juntamente com outros cursos envolvidos.

VII- Orientar os alunos quanto à matrícula e a integralização do curso.

VIII- Verificar o cumprimento do currículo do curso e demais exigências para a concessão de grau acadêmico aos alunos concluintes.

IX- Decidir sobre pedidos referentes à transferência, matrícula, trancamento de matrícula no curso, cancelamento de matrícula em disciplina.

Art. 6º. O Colegiado do Curso reunir-se-á ordinariamente, quatro vezes ao ano, por convocação do presidente, ou extraordinariamente sempre que convocado pelo seu presidente ou por 50% (cinquenta por cento) de seus membros.

§ 1º. As convocações para as reuniões serão feitas por escrito constando a pauta dos assuntos com antecedência mínima de 48 (quarenta e oito) horas para as reuniões ordinárias e de 24 (vinte e quatro) horas para as reuniões extraordinárias.

§ 2º. Em caso de urgência ou excepcionalidade, o prazo de convocação previsto no parágrafo anterior poderá ser reduzido e a indicação de pauta omitida justificando-se a medida no início da reunião.

§ 3º. O comparecimento espontâneo do membro ora convocado sem a observância das formas acima descritas convalida o ato de convocação e não acarretará nulidade de sessão.

§ 4º. As sessões somente serão abertas com a presença de mais de 50% (cinquenta por cento) de seus membros após duas chamadas com o intervalo mínimo de 15 (quinze) minutos.

Art. 7º. O comparecimento dos membros do colegiado às reuniões plenárias é de caráter obrigatório e tem preferência sobre qualquer outra atividade acadêmica, perdendo o mandato aquele que, sem motivo justificado, faltar a mais de 03 (três)

reuniões consecutivas ou 05 (cinco) reuniões alternadas, e será substituído por um suplente para exercer o prazo restante do mandato.

§ 1º. Na ausência do Presidente do Colegiado de curso a reunião será presidida por um membro indicado pela maioria dos membros presentes.

§ 2º. Não será configurada a ausência quando o membro suplente substituir o ausente.

§ 3º. O suplente somente terá direito a voz quando tiver assinado a lista de presença em substituição ao membro titular.

Art. 8º. As deliberações serão realizadas por meio de voto da maioria dos presentes na sessão.

Parágrafo único. Nenhum membro do colegiado pode recusar-se a votar.

Art. 9º. Das sessões serão lavradas atas lidas aprovadas e assinadas por todos os presentes na mesma sessão ou na seguinte.

Parágrafo Único. As atas das sessões do colegiado de curso serão lavradas por um secretário *ad hoc*, designado dentre os membros do colegiado devendo nelas constar as deliberações e pareceres emitidos.

Art. 10. Declarada aberta a reunião do colegiado de curso, proceder-se-á a leitura e discussão da Ata da Reunião anterior e não havendo emendas ou impugnação, será a mesma considerada aprovada.

Art. 11. Toda a documentação do colegiado será processada e arquivada na respectiva Coordenação de Curso.

Art. 12. Todos os documentos gerados ou arquivados pelo Colegiado da Instituição serão de livre acesso ao público desde que se faça solicitação por escrito ao presidente do Colegiado de curso e este julgar procedente.

Art. 13. O presente Regimento poderá ser modificado mediante proposta do Coordenador do curso ou por 50% (cinquenta por cento) dos membros do colegiado dos cursos apreciada em reunião extraordinária especialmente convocada para esta finalidade.

Anexo V – Regimento do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Zootecnia

REGIMENTO DO NÚCLEO ESTRUTURANTE (NDE) DO CURSO DE ZOOTECNIA

Art. 1º. O presente Regulamento disciplina as atribuições e o funcionamento do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Bacharelado em Zootecnia do IFMT - *Campus* Alta Floresta.

Art. 2º. O Núcleo Docente Estruturante (NDE) é o órgão consultivo responsável pela concepção do Projeto Pedagógico do curso de Bacharelado em Zootecnia do IFMT – *Campus* Alta Floresta e tem, por finalidade, a implantação do mesmo.

Art. 3º. São atribuições do Núcleo Docente Estruturante:

a) Elaborar o Projeto Pedagógico do Curso definindo sua concepção e fundamentos;
b) estabelecer o perfil profissional do egresso do curso;
c) atualizar periodicamente o Projeto Pedagógico do Curso;
d) conduzir os trabalhos de reestruturação curricular, para aprovação no Colegiado de Curso, sempre que necessário;
e) supervisionar as formas de avaliação e acompanhamento do curso definidas pelo Colegiado;
f) analisar e avaliar os Planos de Ensino dos componentes curriculares;
g) promover a integração horizontal e vertical do curso, respeitando os eixos estabelecidos pelo projeto pedagógico;
h) acompanhar as atividades do corpo docente, recomendando ao Colegiado de Curso a indicação ou substituição de docentes, quando necessário.

Art. 4º. O Núcleo Docente Estruturante será constituído de:

a) o Coordenador do Curso, como seu presidente;
b) pelo menos 20% (vinte por cento) do corpo docente.

Parágrafo único. O Coordenador será substituído nas faltas e impedimentos pelo membro do Núcleo Docente Estruturante mais antigo no magistério.

Art. 5º. A indicação dos representantes docentes será feita pelo Colegiado de Curso para um mandato de 2 (dois) anos, com possibilidade de recondução.

Art. 6º. Os docentes que compõem o NDE possuem titulação acadêmica obtida em programas de pós-graduação *stricto sensu* e, destes, pelo menos 50% (cinquenta por cento) têm título de Doutor.

Art. 7º. O percentual de docentes que compõem o NDE com formação acadêmica na área do curso é, de pelo menos, 60% (sessenta por cento).

Art. 8º. Os docentes que compõem o NDE são contratados em regime de horário integral.

Art. 9º. Compete ao Presidente do Núcleo:

a) convocar e presidir as reuniões, com direito a voto, inclusive o de qualidade;
b) representar o NDE junto aos órgãos da instituição;
c) encaminhar as deliberações do Núcleo;
d) designar relator ou comissão para estudo de matéria a ser decidida pelo Núcleo eum representante do corpo docente para secretariar e lavrar as atas;
e) coordenar a integração com os demais Colegiados e setores da instituição.

Art. 10. O Núcleo reunir-se-á, ordinariamente, por convocação de iniciativa do seu Presidente, 2 (duas) vezes por semestre e, extraordinariamente, sempre que convocado pelo Presidente ou pela maioria de seus membros titulares.

Art. 11. As decisões do Núcleo serão tomadas por maioria simples de votos, com base no número de presentes.

Art. 12. Os percentuais relativos à titulação dos componentes do NDE deverão ser garantidos pela instituição no prazo de 5 (cinco) anos.

Art. 13. . Os casos omissos serão resolvidos pelo Núcleo ou órgão superior, de acordo com a competência dos mesmos.